



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (*1.º grau canónico*)

DUARTE MANUEL CALDAS GONÇALVES

Homilia e Ministério da Palavra

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor José Paulo Leite de Abreu

**Braga
2012**

INTRODUÇÃO

É através da palavra que todos e cada um de nós nos dizemos como seres humanos e entramos em diálogo com os outros. É a palavra que nos dá existência e nos insere na sociedade. Ela tem este poder de relação, relação com o mundo e com os outros, na vida social e política, no pensamento e nas artes. Mas, há uma outra Palavra que é a Palavra criadora, a Palavra de Deus que vai para além do material e sensível. Ela é capaz de dar um sentido a todas as dimensões da vida humana. É esta Palavra incarnada em Jesus Cristo, a própria Palavra de Deus que se fez verbo e veio habitar entre os homens e trazer-nos a salvação e sentido a toda a nossa vida, que aqui nos ocupa.

O presente trabalho visa a Homilia e o ministério que lhe está vinculado na Igreja, o Ministério da Palavra.

Outro dos objetivos deste trabalho é dar a conhecer qual o papel e a importância da homilia na vida da Igreja de Jesus Cristo, e saber o estado em que se encontra hoje em dia a homilia; como é que nos é explicada a Palavra de Deus na Eucaristia e se essa mensagem é capaz de penetrar no coração de todos os que a ouvem.

Iniciamos este trabalho pela análise da palavra em si, pela palavra como meio de comunicação e diálogo, essencial para toda a humanidade, e presente em todos os contextos em que o ser humano está presente.

Sendo a Homilia a comunicação e explicação da Palavra e dos ensinamentos de Deus, teremos que definir todos os conceitos que se relacionam com a Homilia e a sua evolução histórica até aos nossos dias.

Faremos também uma passagem pelos documentos da Igreja que se referem à Homilia, para que possamos saber o seu sentido verdadeiro, e quais as orientações da Igreja em relação à Homilia.

Depois de vermos toda a evolução da Homilia e todas as orientações a ela atinentes, interessará depois saber qual o estado da Homilia na atualidade, como é que essa Palavra é exposta e explicada, quais os reparos e correções que devemos fazer para que a Homilia seja a transmissão verdadeira da Palavra que dá sentido e ânimo a todo o ser humano. Isto será verificado através de um inquérito no terreno, em duas paróquias da diocese de Viana do Castelo, uma do meio rural e outra do meio urbano, para que seja possível verificar o real estado das nossas homilias.

Por fim, e em jeito de conclusão, o sexto passo deste trabalho leva-nos a abordar o Ministério da Palavra de Deus e a quem está destinado tão grande e prestigiado ministério.

CAPÍTULO I – A PALAVRA

Ao darmos início a este trabalho sobre a Homilia, é essencial que vejamos qual a importância e o papel que a palavra tem na vida humana, numa vida de relações com o mundo material e concreto, para que depois façamos a passagem para a Palavra de Deus, a Palavra criadora e vivificadora, a Palavra das palavras.

As perguntas de fundo deste capítulo são: qual a importância e pertinência da palavra? Por que é que o Homem e a Igreja precisam dela? Por que é que nós, criaturas, precisamos dela para ser?

Neste primeiro momento será abordada a origem etimológica e o significado do termo «palavra», será feito de seguida o enquadramento da palavra no plano filosófico, teológico, na vida pessoal, social e cristã do ser humano.

A palavra usada no dia-a-dia sustenta as relações com o mundo material e concreto. A palavra é o primeiro elemento transformador do mundo de que se vale o ser humano. É a partir da palavra que o homem se organiza e orienta por um todo significativo, organizando o real, dando-lhe significados. Percepções e sensações ganham sentido recebendo um significado, um nome. A palavra passa a fazer parte do mundo que é construído por nós, onde evitamos a desordem e damos um carácter ordenado e unificado por meio da linguagem. O homem age, em função dos significados que imprime à realidade, age segundo a significação que a sua linguagem permite. O homem não busca apenas manter a vida biológica, mas fundamentalmente um sentido para a vida. Através da palavra o homem vai para além do seu corpo físico, vai para além do material, entrando no seu pensamento, na sua consciência. Os seres humanos são seres capazes de se comunicar de forma clara uns com os outros, através de palavras, sejam elas escritas, faladas ou gesticuladas.

A palavra tem um grande poder na vida humana. Sem ela não somos capazes de nos comunicar aos outros, não somos capazes de aprender sobre outras coisas, ou seja, sem a palavra podemos-nos comparar aos outros seres vivos irracionais. A palavra distingue os homens dos animais e a linguagem distingue as nações entre si. Não se sabe de onde é um ser humano antes que ele tenha falado. A linguagem é, assim, a forma propriamente humana da comunicação, da relação com o mundo e com os outros, da vida social e política, do pensamento e das artes. “No jogo da comunicação humana, em que todos são emissores e receptores, a palavra aparece como parte integrante e activa que funciona como elo de ligação entre os homens e instrumento instaurador do diálogo”¹.

Antes de partir para uma visão estritamente cristã, é necessária “uma visão do mundo, alicerçada na palavra que, por sua vez, fundamenta a própria pessoa, as suas relações interpessoais e o seu relacionamento com Deus”².

1. A palavra no plano etimológico

A palavra permite ao homem a sua inserção no mundo das relações humanas e sociais, possibilitando-lhe a comunicação com o outro. Ela comporta três funções: informar, exprimir e apelar³.

“O termo *palavra* tem a sua origem no vocábulo hebraico “dabar”, substantivo masculino, mas provém também de outros termos sinónimos muito utilizados. Entre eles, um de origem latina: verbo (*verbum*,i), substantivo neutro; e outro de origem grega: *logos* (λογος),

¹ DA SILVA, Eugénio Freitas, «A comunhão na palavra», in *Cenáculo*, vol. 33, nº 123, Fasc. 1 (1992-93) 5.

² Rui SOUSA, «A Palavra Fundamento pessoal, social e cristão», in *Cenáculo*, 189 (2009) 22.

³ Cf. J. Herculano DE CARVALHO, «Palavra», in *Enciclopédia Verbo*, Edição Século XXI, vol. 21, Editorial Verbo, Lisboa-S.Paulo, 1999, 1335-1338.

substantivo masculino”⁴. O termo português *palavra* procede do termo grego λόγος, que por sua vez deu origem ao vocábulo português *palavra*, originando muitos outros conceitos, tais como:

“dito; revelação divina, resposta dum oráculo; máxima, sentença; exemplo; decisão, resolução; condição; promessas; pretexto; argumento; ordem; menção; notícia que corre; conversação; relato; matéria de estudo ou de conversação; razão, inteligência; senso comum; a razão de uma coisa; motivo; juízo, opinião; estima, valor que se dá a uma coisa; justificação; explicação; a razão divina”⁵.

Na linguística, *palavra* é utilizada para designar um vocábulo ou um termo; é uma “unidade linguística dotada de sentido, constituída por fonemas organizados numa determinada ordem”⁶. *Palavra* assume outras definições tais como: a capacidade de falar, um ensinamento ou doutrina, uma promessa proferida verbalmente, uma opinião, uma afirmação, uma mensagem, um discurso⁷; assim como expressões usadas no quotidiano como: a capacidade de bem falar, o direito à palavra, dar a sua palavra, faltar à palavra⁸. *Palavra* é um som articulado com um significado, exprime o pensamento humano⁹; exprime uma ideia; é a representação escrita de um ou vários sons; é a faculdade de linguagem verbal oral ou escrita¹⁰.

“A *linguagem* é uma função psicológica correspondente à utilização de um conjunto de dispositivos anatómicos e fisiológicos, que se prolonga em montagens intelectuais para se sistematizar num complexo exercício de conjunto, característica única, entre todas as espécies animais, da espécie humana”¹¹.

⁴ J. Fraga CARDOSO, «A Palavra em Ratzinger», in *Cenáculo*, 182 (2007) 57-58.

⁵ I. PEREIRA, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, Apostolado da Imprensa, 7ª Edição, Braga, 1990, 350.

⁶ AA. VV., «Palavra», in *Dicionário da Língua Portuguesa 2008*, Porto Editora, Porto, 2007, 1237.

⁷ *Ibidem*.

⁸ Cf. AA. VV., «Palavra», in *Enciclopédia Larousse*, vol. 14, Temas & Debates e Larousse/VEUF, 2007, 5273-5274.

⁹ Cf. AA. VV., «Palavra», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 20, Editorial Enciclopédia, Lisboa, 52.

¹⁰ Cf. AA. VV., «Palavra», in *Grande Dicionário Enciclopédico*, Vol. 13, Ediclube, Alfragide, 4605.

¹¹ G. GUSDORF, *A Palavra*, Edições 70, Lisboa, 2010, 7.

Esta linguagem tem como componentes a língua e a fala. A língua é considerada um produto social, uma espécie de contrato coletivo entre indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade; é exterior aos sujeitos, que não têm o poder de a criar ou de a modificar, enquanto a fala é um ato de vontade e inteligência, representando a componente individual da linguagem, que é um sistema que tem como finalidade a transmissão de uma mensagem de um emissor para um recetor¹². A fala torna-se a condição necessária e suficiente para o ingresso do Homem na humanidade.

Damo-nos conta que o termo *palavra* assume uma enorme amplitude nas diversas áreas do saber, como na linguística, na gramática, na retórica, na filosofia, na lógica, na ciência, na religião. O conceito *palavra* pode assumir vários significados, dependendo do contexto em que se insere. A *palavra* assume assim um papel fundamental, é um fator importante na definição e na experiência de vida do ser humano. É em sociedade e pela liberdade que o ser humano se realiza totalmente como ser para o outro e com o outro.

2. A Palavra no plano social

O Homem é o único animal capaz de produzir linguagem: “o homem é o animal que fala”¹³. No Homem temos a presença da fala e nos animais a ausência dela; “a função da fala, [...] não é uma função orgânica, mas sim uma função intelectual e espiritual”¹⁴. Através da descoberta da palavra, o homem alcança a verdadeira realidade humana, ultrapassando o condicionamento biológico, ao qual o animal está predestinado, pois é a partir da *palavra* que é revelada ao ser humano a sua vocação inata para a humanidade. “O advento da palavra

¹² Cf. AA. VV., «A língua e a linguagem», in *Enciclopédia Larousse*, vol. 11, Temas & Debates e Larousse/VEUF, 2007, 4231-4232.

¹³ G. GUSDORF, *A Palavra*, Edições 70, Lisboa, 2010, 10.

¹⁴ *Ibidem*, 11.

manifesta a soberania do homem. O homem interpõe entre o mundo e ele próprio a rede das palavras e torna-se, por via disso, o senhor do mundo”¹⁵. O ser humano, é um ser em relação, estabelecendo relações na sociedade em que se encontra inserido mediante o uso da *palavra*. Toda e qualquer relação humana se apoia na linguagem, e a fala é parte constituinte dessas relações. “A linguagem humana é sempre um acto”¹⁶, que tem como função garantir a inserção da pessoa no mundo e realizar a comunicação com a humanidade.

A fala do Homem surge como “um empreendimento individual: *tomar a palavra* é uma das tarefas primordiais do homem; [...] a linguagem não existe antes da iniciativa pessoal que a põe em movimento”¹⁷. A língua estabelecida propõe um enquadramento ao desenvolvimento da atividade verbal, as palavras e os seus sentidos formulam possibilidades não acabadas, à disposição do homem que fala¹⁸.

“É importante deixarmo-nos maravilhar perante a descoberta da palavra, que conduz à realidade humana, ultrapassando o condicionamento a que o animal se encontra sujeito. O valor do homem afirma-se pelo facto de proporcionar a *identidade* da coisa. A linguagem condensa em si própria a capacidade humana que permite a explicitação dos pensamentos pela explicitação das coisas”¹⁹.

Sendo o mundo, o lugar da habitação do Homem, apresenta-se-lhe como uma realidade complexa que exige ser interpretada. Inserido nesse mundo, marcado por diversas situações de vida, o Homem tem necessidade de algo que o ajude a descobrir o seu lugar e o sentido da sua existência. Mais do que encontrar-se no seio da complexidade do mundo que o rodeia, o Homem precisa de saber dialogar com o mundo. A linguagem cria, para além do presente, uma natureza persistente, pronta a explicar o passado e a iniciar o futuro. “A fala constitui a essência do mundo e a essência do homem. Cada frase orienta-nos num mundo [...] que aparece construído *palavra por palavra*”²⁰. Da mesma forma que a *palavra* adquirida

¹⁵ *Ibidem*, 12.

¹⁶ *Ibidem*, 40.

¹⁷ *Ibidem*, 39.

¹⁸ Cf. *Ibidem*.

¹⁹ *Ibidem*, 13.

²⁰ *Ibidem*, 41.

pela criança amplia o seu universo, assim também qualquer adulto, através do uso da linguagem, está constantemente a receber um contributo para a sua existência. Só existe o reconhecimento do «eu» no reconhecimento do «outro», o «outro» determina o «eu», ambos mediados socialmente. É neste contexto que a *palavra*, se impõe como instrumento capaz de dar sentido ao que parece apresentar-se sem sentido; como capacidade de encontro do Homem no mundo e com o mundo; como princípio que integra o Homem na sua história. Ela apresenta-se como caminho capaz de restituir ao Homem a verdade que ele procura e que Jesus Cristo deu a conhecer quando disse: “Se permanecerdes fiéis à minha mensagem, sereis verdadeiramente meus discípulos e a verdade vos tornará livres” (Jo 8,31-32).

O uso da *palavra* surge em vários contextos da vida humana: na família, na escola, na sociedade em geral. Ou seja, “as próprias relações humanas surgem como um vasto sistema de palavras que damos e recebemos”²¹. Para cada um de nós, a linguagem é contemporânea da criação do mundo. É através da *palavra* que o Homem vem ao mundo, e que o mundo vem ao pensamento.

O Homem, uma vez possuído pela *palavra* e mediano dela pelas palavras, deve servir-se delas para se revelar e autodefinir. Através dela sai do seu individualismo e, aceitando e deixando-se aceitar pelo outro, entra numa vida de comunhão. O uso que o Homem faz da *palavra* é diverso. Uma vez pronunciada, pode adquirir uma força que vence e ultrapassa quem a pronuncia. Por um lado, pode surgir como sinal de glória e edificação do Homem, como *palavra* que educa, elogia e louva; por outro lado, pode apresentar-se como catástrofe para o mesmo Homem, quando a usa para fazer calar um povo, ou quando ela faz parte de uma sentença que inibe o Homem de usar os seus direitos como tal.

Ser que vive num ambiente cultural e que é ao mesmo tempo construtor de cultura, o Homem pode estabelecer uma relação dialógica entre si, a cultura e a Igreja e evitar que existam monólogos culturais e monólogos eclesiais. Tendo sido a *palavra* um instrumento

²¹ *Ibidem*, 42.

usado por Deus para Se comunicar ao Homem, pode ser, nas circunstâncias atuais, um instrumento de que o Homem se pode servir para extinguir as barreiras que dificultam a resposta às suas próprias necessidades. “Antes da palavra, o mundo é apenas o contexto actual, sempre efémero, dos comportamentos humanos”²², e a linguagem transporta designação, precisão, decisão, consciência e conhecimento, criando a existência pessoal. “É esta dimensão recíproca da *palavra* que mais se valoriza nos contextos sociais, pois permite um conhecimento directo da outra pessoa, com quem o *eu* se relaciona”²³. É através desta função da linguagem que é possível garantir a inserção da pessoa no mundo, e realizar a comunicação. Entende-se assim a relevância que a *palavra* assume nas relações interpessoais, isto porque “à palavra cabe a função de interligação. Ela é a maneira como se dá a comunicação no campo espiritual, a forma como o espírito se manifesta humanamente, isto é, de forma física e social”²⁴.

A linguagem é toda e qualquer *palavra* que eu dirijo ao outro e que o outro me dirige. “A palavra é uma das manifestações humanas que revelam claramente a estrutura dialogal e interpessoal da existência humana”²⁵. A *palavra* é “*palavra recebida*”²⁶, *palavra* que o outro me dirige e que forma parte de uma cultura concreta, com uma visão concreta do mundo e das coisas. É a *palavra* que o outro me dirige “quando me diz: «Tu»”²⁷ que gera o encontro entre duas pessoas, é por meio da *palavra* que o *eu* se revela e manifesta a um *Tu*. Desta relação entre dois seres humanos, surge o diálogo, através do qual as pessoas se manifestam mutuamente, partilhando o conhecimento verdadeiro em relação a cada uma delas.

Todo o ser humano que entra em diálogo com o outro, mais do que dizer alguma coisa, acaba por dizer-se a si mesmo. Joseph Ratzinger diz mesmo que este é o sentido verdadeiro e

²² *Ibidem*, 40.

²³ Rui SOUSA, «A Palavra Fundamento pessoal, social e cristão», in *Cenáculo*, 189 (2009) 27.

²⁴ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o «Símbolo Apostólico»*, Principia, Cascais, 2005, 64.

²⁵ J. GEVAERT, *El Problema del Hombre. Introducción a la Antropología Filosófica*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 2005, 46.

²⁶ *Ibidem*, 46.

²⁷ *Ibidem*.

autêntico do diálogo, tornando-se comunicação da própria pessoa ao outro. “Através do diálogo, da comunicação, encontramos mais um aspeto marcante na descoberta do outro, o qual se apresenta na relação primária, partindo da linguagem, enquanto revelação da pessoa”²⁸. Gevaert refere-se à *palavra*, como revelação da pessoa no contexto da relação, do diálogo e da comunicação, afirmando que “a palavra não é somente desvelamento do mundo e das coisas. É também essencialmente revelação das pessoas. [...] A palavra é o lugar próprio da «revelação»”²⁹. “Algumas formas de palavra, como a poesia, a arte, a linguagem do amor, a filosofia, o discurso religioso, etc., expressam por outro lado mais especificamente a dimensão da «revelação»”³⁰.

3. A Palavra no plano filosófico

No plano filosófico toda a “palavra é criação de um discurso para uma actualização da linguagem (como uma faculdade), por meio de um idioma (como sistema convencional e histórico)”³¹. A *palavra* é muito utilizada na filosofia para exprimir uma ação que revela o pensamento, através da linguagem verbal.

“Platão definia o pensamento como a *palavra interior*, esta última expressão definiria, segundo Victor Egger e outros filósofos, a vida da consciência: a palavra por conseguinte inseparável de toda a operação da razão humana. Todavia, podemos fazer uma distinção e dizer que entre a compreensão de uma relação necessária [...] e a sua expressão através da palavra intervém a liberdade; a palavra humana é sempre livre e comporta um elemento arbitrário, mesmo que a relação que queremos demonstrar seja em si absolutamente necessária”³².

²⁸ Rui SOUSA, «A Palavra Fundamento pessoal, social e cristão», in *Cenáculo*, 189 (2009) 29.

²⁹ J. GEVAERT, *El Problema del Hombre. Introducción a la Antropología Filosófica*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 2005, 49.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ J. Fraga CARDOSO, «A Palavra em Ratzinger», in *Cenáculo*, 182 (2007) 57.

³² J. DIDIER, «Palavra», in *Dicionário Temático Larousse. Filosofia*, Temas & Debates e Larousse/VEUF, 2007, 192.

“Muitos filósofos contemporâneos buscam na linguagem o ponto de partida privilegiado para a filosofia do homem”³³. Podemos dizer que a filosofia é uma forma de compreensão da vida e do mundo. Podemos especular sobre o mundo, sobre o ser, sobre a verdade e sobre a justiça; podemos procurar e elaborar análises sobre os mais variados temas; podemos tentar apreender o que é o bem e o que é o mal. Contudo, no fundo de tudo isto está o homem. É com o filósofo Sócrates que a filosofia se volta para o próprio homem, no sentido de compreender o seu íntimo, as suas ações e a sua função na sociedade.

“O pensamento do filósofo grego Sócrates (469-399 a.C.) marca uma reviravolta na história humana. Até então, a filosofia procurava explicar o mundo baseado na observação das forças da natureza. Com Sócrates, o ser humano voltou-se para si mesmo. Como diria mais tarde o pensador romano Cícero, coube ao grego “trazer a filosofia do céu para a terra” e concentrá-la no homem e em sua alma (em grego, a psique). A preocupação de Sócrates era levar as pessoas, por meio do autoconhecimento, à sabedoria e à prática do bem”³⁴.

Passamos a ter uma filosofia antropocêntrica, colocando o homem no centro do seu estudo e discussão. “Através da palavra, o filósofo tentava levar o conhecimento sobre as coisas do mundo e do ser humano”³⁵.

É através da *palavra* que se transmite a riqueza da cultura, onde os significados do mundo e das coisas se tornam acessíveis pela *palavra* a toda a humanidade que forma parte da sociedade. Pela *palavra* que nomeia coisas e objetos, o mundo faz-se humano e familiar, mundo em que o homem se move e a sua existência ganha sentido através da *palavra*. “O papel decisivo da palavra [...] ilumina os significados do mundo”³⁶. É por meio da linguagem que o ser humano constitui a realidade em que vive, o seu próprio mundo, como elaboração mental, pela qual ele se relaciona com o que lhe é exterior. “A linguagem é, assim, a forma que o homem possui de se adaptar ao mundo e de tomar consciência de si mesmo”³⁷.

³³ J. GEVAERT, *El Problema del Hombre. Introducción a la Antropología Filosófica*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 2005, 46.

³⁴ <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/mestre-busca-verdade-423245.shtml>

³⁵ <http://filosofiaemvalores.blogspot.com/2010/02/pre-socraticos.html>

³⁶ J. GEVAERT, *El Problema del Hombre. Introducción a la Antropología Filosófica*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 2005, 47.

³⁷ Rui SOUSA, «A Palavra Fundamento pessoal, social e cristão», in *Cenáculo*, 189 (2009) 27.

Podemos verificar que quando associamos a *palavra* ao pensamento, entramos no campo da filosofia da linguagem, ou seja, “ao fenómeno do conhecimento anda intimamente associado o fenómeno da linguagem”³⁸. Linguagem falada que é constituída por sinais que são “*signos linguísticos* ou as palavras”³⁹.

Havendo diversas perspetivas filosóficas quanto à primazia entre a *palavra* e o pensamento, na filosofia contemporânea há diversas correntes que fazem prevalecer a linguagem sobre o pensamento, ao considerarem o conhecimento e o pensamento dependentes da linguagem, em oposição a filósofos que defendem a anterioridade do pensamento em relação à linguagem. “As palavras aparecem-nos assim como instrumento ou meio de expressão exterior e veículo de comunicação das ideias previamente conhecidas ou pensadas no nosso interior”⁴⁰.

No plano da fé e da crença transcendental da pessoa, “não é o pensamento que cria as suas palavras [...] mas a palavra que mostra o caminho ao pensamento entendedor”⁴¹, assim como o crê grande parte das filosofias contemporâneas. É importante por isso, ter em conta o papel da *palavra* para a “constituição de um universo à medida da humanidade”⁴². É pois através da linguagem que o ser humano constrói a realidade e o seu próprio mundo em que vive, como elaboração mental, pela qual se relaciona com o que lhe é exterior, isto é, “o papel decisivo da palavra [...] ilumina os significados do mundo”⁴³. Com isto, podemos afirmar que “o testemunho torna-se o substituto da experiência, para quem não teve a experiência”⁴⁴.

Existe na fé o domínio da *palavra* sobre o pensamento, distinguindo-a estruturalmente da filosofia, onde o pensamento precede a *palavra*, sendo fruto da reflexão que se expressa

³⁸ J. COUTINHO, *Filosofia do Conhecimento*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003, 57.

³⁹ *Ibidem*, 62.

⁴⁰ *Ibidem*, 57.

⁴¹ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o «Símbolo Apostólico»*, Principia, Cascais, 2005, 64.

⁴² G. GUSDORF, *A Palavra*, Edições 70, Lisboa, 2010, 14.

⁴³ J. GEVAERT, *El Problema del Hombre. Introducción a la Antropología Filosófica*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 2005, 47.

⁴⁴ M. Costa SANTOS, *A revelação como Palavra, Testemunho e Encontro*, pró-manuscrito para uso dos alunos, Faculdade de Teologia da UCP, Braga, 2007, 4.

em palavras, e estas sempre secundárias em relação ao pensamento. “A fé, pelo contrário, aproxima-se do homem pelo lado de fora, e esta é justamente a sua característica: vir pelo lado de fora. Ela não é [...] o produto da minha própria reflexão, e sim aquilo que me foi dito, aquilo que me encontra sem ser pensado ou mesmo pensável, que me chama, que exige compromisso”⁴⁵. De acordo com o pensamento de Joseph Ratzinger, no plano da fé, não nos podemos apropriar da *palavra* ou trocá-la por outra, uma vez que me é sempre proposta e me precede. A *palavra* é desvelamento do mundo e revelação das pessoas, é o lugar da revelação⁴⁶. “Algumas formas de palavra, como a poesia, a arte, a linguagem do amor, a filosofia, o discurso religioso”⁴⁷, expressam esta dimensão da revelação. É por isso que através da linguagem expressa em palavras, o ser humano se revela e recebe a revelação da sua humanidade e do seu projeto de vida.

Podemos concluir, pelo que até agora vimos, que a filosofia nos pode ajudar a perceber o papel e a importância da Homilia. Sendo a Homilia uma conversa ou a explicação da Palavra Reveladora de Deus, vemos que a filosofia busca na *palavra* que é a revelação do Ser de Deus, a essência e a compreensão do ser do Homem que consiste na sua existência. Existência esta, que o Homem revela através da linguagem por meio de palavras como ser no tempo, e recebe a *palavra* como Revelação do pensamento do *logos*.

⁴⁵ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o «Símbolo Apostólico»*, Principia, Cascais, 2005, 63.

⁴⁶ Cf. J. GEVAERT, *El Problema del Hombre. Introducción a la Antropología Filosófica*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 2005, 49.

⁴⁷ *Ibidem*.

4. A Palavra no plano teológico

Depois de verificarmos que no plano filosófico a *palavra* é um meio utilizado para exprimir uma ação que revela o pensamento, através da linguagem verbal, e que ajuda a compreender a gênese da *palavra* e existência humana, ela (filosofia) fornece uma grande ajuda à teologia na busca e no estudo do sentido verdadeiro da *Palavra* original.

A palavra Teologia, de origem grega, significa Deus (*theos*) e palavra (*logia*). Então, a palavra Teologia vem de duas palavras gregas que significam Deus e Palavra, e que combinadas originam a palavra «Teologia», que significa o estudo de Deus⁴⁸. Sendo a teologia o estudo de Deus, podemos então, falar de uma Teologia da Palavra de Deus. Algumas perguntas ajudam-nos na elaboração do tema da *Palavra* no plano teológico: “qual a importância e pertinência da palavra? Por que é que o Homem e a Igreja precisam dela? Por que é que nós criaturas precisamos dela para ser?”⁴⁹. Fazendo uma análise transversal a diversas religiões (como a egípcia, o hinduísmo, o bramanismo, o confucionismo, o judaísmo e o cristianismo), verificamos uma enorme importância da *palavra*, em que o cristianismo é por excelência a religião da «Palavra» de Deus, sendo-lhe atribuída a criação do mundo e origem de tudo⁵⁰.

“A primeira palavra, na sua eficácia transcendente, está estreitamente ligada à instituição da humanidade; a primeira palavra é a própria *vocação* do homem para a humanidade. A primeira palavra deve ter sido Palavra de Deus, criadora da ordem humana. Palavra de graça, apelo do ser, apelo ao ser, a primeira palavra é, portanto, essência que inclui a existência, isto é, que provoca a própria existência”⁵¹.

“A doutrina da revelação foi desenvolvida tradicionalmente como uma doutrina da «Palavra de Deus»”⁵².

⁴⁸ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia>

⁴⁹ J. Fraga CARDOSO, «A Palavra em Ratzinger», in *Cenáculo*, 182 (2007) 56.

⁵⁰ Cf. Rui SOUSA, «A Palavra Fundamento pessoal, social e cristão», in *Cenáculo*, 189 (2009) 30.

⁵¹ G. GUSDORF, *A Palavra*, Edições 70, Lisboa, 2010, 17.

⁵² Paul TILLICH, *Teologia Sistemática*, Editora Sinodal, São Leopoldo, 2005, 166.

“Foi a palavra de Deus que chamou o mundo à existência. Deus diz, e as coisas existem; o verbo é, em si mesmo, criador. O sentido desta palavra ontológica continua presente no horizonte do pensamento cristão, como um desejo de plenitude. A revelação cristã não é mais do que a Palavra de Deus, tal como a manifestam os livros sagrados. E Jesus Cristo, o Filho de Deus que realiza uma espécie de nova criação espiritual da humanidade, apresenta-se como o Verbo encarnado; ele é a palavra de Deus feita para agir na Terra, na plenitude do seu poder, que dá vista aos cegos e ressuscita os mortos”⁵³.

“O judeo-cristianismo, na sua compreensão do homem e da história, é atravessado por uma convicção firme e basilar: Deus pela sua palavra, age, intervém, cria e salva. A Sua Palavra está na gênese de toda a realidade da criação e da história. No pensamento bíblico, a criação não é uma emanção do divino, perspectiva presente em todos os panteísmos. Mas é obra de Deus através da Sua Palavra criadora. A criação é fruto de um pensamento, de um desígnio divino, que Deus realiza através da palavra: Deus diz e as coisas acontecem; basta Deus dizer, para elas acontecerem”⁵⁴.

Assim, a Palavra criadora é fonte de inteligibilidade da criação, uma vez que tudo é fruto da Palavra inteligível reveladora de um sentido manifestando o propósito que guiou/presidiu à criação.

A palavra divina está na gênese da história humana. O homem e a mulher, sendo “imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,27) levam consigo o selo divino e podem entrar em diálogo com o seu criador, com a Palavra de Deus que salva e penetra na trama da história. Existe por isso, uma presença divina nas vicissitudes humanas que, através da ação de Deus na história, são inseridas num desígnio maior, para que “todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tim 2,4).

“O próprio homem, enriquecido com o dinamismo da evolução progressiva, é fruto de uma Palavra de Deus: «Façamos o homem à nossa imagem» (Gn 1,26). Criado à imagem de Deus, o homem é um ser livre, com possibilidade de intervir na sua vida e no seu destino. A partir do ato criador, a existência do homem sobre a terra transforma-se em história”⁵⁵.

Deus continua a ter um desígnio para a história e existência humana, a Sua Palavra intervém na história que é desde o início a Palavra de salvação, é este o projeto salvífico de Deus para a humanidade. Uma das características da Palavra, que está na origem da criação e

⁵³ G. GUSDORF, *A Palavra*, Edições 70, Lisboa, 2010, 20.

⁵⁴ José POLICARPO, «O poder criador da Palavra: as obras da Palavra», in *Lumen*, Ano 70, 3, 2 (2009) 22.

⁵⁵ *Ibidem*, 12.

intervém na história, é a sua eficácia, realizando o que anuncia. “Esta palavra que desceu à terra é o Verbo que encarnou, ficou em acção na história e quando voltar, no final dos tempos, para inaugurar os “novos céus e nova terra”, os seus frutos de salvação terão sido imensos no resgatar da humanidade”⁵⁶.

Deus comunica-se à humanidade de diferentes modos, modos estes, de uma mesma comunicação que é precisamente a Palavra de Deus. É uma palavra de revelação, através da qual Deus se revela, se dirige à inteligência humana, dando-se a conhecer e mostrando quais os desígnios de vida que tem para o Homem. Através da encarnação, Deus expressa e dá continuidade à Sua Palavra no “Filho feito homem, enquanto palavra de Deus, através da qual Deus mesmo se comunica”⁵⁷. Jesus Cristo é então a autocomunicação de Deus ao mundo.

“Na vida intradivina o Filho é a Palavra interior, o pensamento, a ideia, na qual o Pai se conhece a Si mesmo, como a encarnação é a abertura do diálogo da reconciliação de Deus com os homens. É evidente que este diálogo não só se realiza por meio de palavras, que é necessário escutar ou de exortações, que há que seguir, mas também de eficazes e fecundas comunicações pelas quais Deus mesmo se insere na nossa história”⁵⁸.

A teologia fundamental define a revelação como a palavra testemunhada de Deus, ou seja, palavra que testemunha e dá testemunho. A realidade através da qual Deus se comunica engloba um elemento formal que é uma palavra e um órgão do conhecimento da pessoa humana afetado por essa mesma palavra. Revelação feita ao Homem tendo como veículo a palavra tomando corpo na linguagem. É na palavra que se recebe o conteúdo da revelação, o veículo pelo qual o conteúdo da linguagem se comunica ao ouvinte. Temos assim, a palavra como meio de linguagem e revelação.

“Deus ao comunicar-se através da revelação pode alcançar imediatamente o fundo da pessoa, sem necessidade de objectivações, e fazer-se compreender por ela. A sua acção no fundo da alma humana produz uma experiencia nova e perfeita de Deus, que jamais tinha podido adquirir sem esta comunicação. O homem

⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁷ S. J. Sennroth OTTO, *Palabra Eficaz – Para una teologia de la proclamacion*, Ediciones Binor S. L., San Sebastian, 1967, 22.

⁵⁸ *Ibidem*, 27.

agraciado por esta experiência está indubitavelmente seguro de que é Deus quem a comunica”⁵⁹.

Assim, a revelação de Deus recebe-se pela palavra.

“Somente a palavra de Deus é fundamento de toda a realidade, é estável como o céu e mais que o céu, é a realidade. Realista é quem reconhece na palavra de Deus, nesta realidade aparentemente tão frágil, o fundamento de tudo. Realista é aquele que constrói a sua vida neste fundamento, que permanece”⁶⁰.

Podemos concluir, que a palavra no plano teológico pode ser vista em duas dimensões: palavra que testemunha e que dá testemunho. “O Verbo de quem se dá testemunho é Jesus Cristo, o Verbo eterno do Pai; e o Verbo que encarnou para testemunhar a verdade é vida de Deus”⁶¹.

Também Hans Urs Von Balthasar admite que a palavra da Escritura, como palavra de Deus, se testa a si própria, e possui um triplo aspecto: palavra de Deus, palavra de Deus sobre o mundo, e manifestação de Deus ao homem⁶².

“Em primeiro lugar, a palavra de Deus é uma palavra que é de uma simplicidade, claridade e precisão inigualáveis. Este carácter da palavra provém dos mistérios da Trindade e da Encarnação. Dado que Deus tem em si mesmo a Palavra eterna, e se esta tomou uma forma humana e se expressa em actos e palavras humanas o que é em Deus, então ela é capaz de ser entendida pelos homens.

A Escritura como palavra de Deus é também a sua palavra acerca do mundo. “Pois somente na relação à sua união com o Verbo da revelação, Deus fez do Filho a fonte do significado do mundo”⁶³. E n’Ele o mundo foi criado: o “no princípio” da criação, em Génesis deve estar relacionado com o “no princípio existia o Verbo”, no prólogo de S. João.

Por último, a Escritura é Deus que fala ao Homem. Ou seja, é uma palavra sem presente nem passado pois é eterna e é dita pessoalmente. A vida do Homem é um diálogo com Deus, mas um diálogo em que a palavra de Deus ao Homem é infinitamente mais importante que a palavra do Homem a Deus. E aquele deve responder à palavra divina através de um constante escutar dessa palavra”⁶⁴.

Não se pode assimilar uma palavra se não a soubermos escutar.

⁵⁹ *Ibidem*, 40.

⁶⁰ José POLICARPO, «O poder criador da Palavra: as obras da Palavra», in *Lumen*, Ano 70, 3, 2 (2009) 13.

⁶¹ J. Fraga CARDOSO, «A Palavra em Ratzinger», in *Cenáculo*, 182 (2007) 59.

⁶² Hans Urs Von BALTHASAR, «La Escritura como palabra de Dios», in *Palabra y Misterio*, Editorial Sal Térrea, Coleção Palavra Inspirada, vol. 13, Santander, 1971, 20-21.

⁶³ *Ibidem*, 31.

⁶⁴ J. Fraga CARDOSO, A Palavra em Ratzinger, in *Cenáculo*, 182 (2007) 59.

A palavra aparece como meio necessário de expressão, palavra reveladora de Deus que é sempre incluída numa ação. Toda e qualquer Palavra de Deus vem acompanhada da sua obra salvífica que toma corpo e se torna visível à humanidade em Cristo que é a manifestação visível de Deus entre os homens e Sua Palavra encarnada. “A palavra, enquanto que se realiza, é «criação», pelo que tem como origem não só o Pai, mas também o Filho e o Espírito Santo”⁶⁵. Ressalta na semelhança entre a palavra e obra de Deus que ambas são efeito da ação divina produzindo efeito no Homem a quem se comunicam. “A palavra de Deus é viva e eficaz, mais afiada que uma espada de dois gumes” (Hebr 4,12). “Como a chuva e a neve descem dos céus e não voltam para lá sem terem regado a terra, a terem fecundado e feito germinar para que dê a semente ao semeador e o pão para alimento, assim a palavra que sai da minha boca não voltará sem resultado sem ter feito o que Eu queria, e realizado a sua missão” (Is 55, 10-11).

A palavra de Deus não é um mero ou simples elemento accidental da ação, o poder da Sua palavra é precisamente a ação em que o efeito é a criação. A palavra de Deus faz-nos ver que a ação de Deus é parte essencial da sua revelação, e que a obra de Deus tem como missão transmitir conhecimento e o carácter da palavra. Temos assim, a Palavra de Deus na origem do ser das coisas. Somente a Palavra de Deus é o fundamento de toda a realidade.

⁶⁵ S. J. Sennlroth OTTO, *Palabra Eficaz – Para una teologia de la proclamacion*, Ediciones Binor S. L., San Sebastian, 1967, 46.

CAPÍTULO II – DEFINIÇÃO DE TEMAS E CONCEITOS

Tratando-se do tema da homilia, torna-se necessário fazer uma retrospectiva muito sucinta para chegar ao termo Homilia, uma vez que o seu percurso histórico será exposto no capítulo seguinte. Importa desde já referir que o que nós denominamos de Homilia hoje em dia, se confunde na linguagem atual com sermão e pregação, o que me leva a clarificar tais conceitos, entre outros que estão relacionados com a Homilia.

1. Sermão

Sermão é o discurso que se pronuncia no púlpito sobre um assunto religioso. É o desenvolvimento oratório de um tema doutrinal e/ou moral, tema geralmente tirado da Sagrada Escritura⁶⁶. É um discurso acerca da Bíblia Sagrada, ou sobre a totalidade da fé cristã. O Sermão é o objeto da homilética. A palavra sermão vem do latim *sermo* que quer dizer: *maneira de falar*.

O termo sermão também é utilizado como sinónimo de homilia. Para os padres da igreja latina, sermão era praticamente sinónimo de homilia, sendo a Sagrada Escritura usada para fundamentar o tema a ser exposto.

No Direito Canónico, o sermão é um discurso sagrado sobre alguma verdade da doutrina de Cristo. Difere do discurso religioso que pode ser feito por um secular e lugar não destinado ao culto⁶⁷.

⁶⁶ Cf. AA. VV., «Sermão», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 28, Editorial Enciclopédia, Lisboa, 430.

⁶⁷ Cf. J. Alves PIRES, «Sermão», in *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 26, Edição Século XXI, Editorial Verbo, Lisboa, 887.

Cada sermão abrange apenas um ou alguns aspetos da Bíblia Sagrada e pode versar sobre ensinamentos práticos para a vida particular, bem como sobre a fé cristã. Por isso, o sermão deve ser preparado tendo como base uma passagem bíblica para lhe dar autenticidade e autoridade.

O sermão tem como objetivo persuadir o ouvinte com a apresentação de uma verdade bíblica; por conseguinte, é necessário que essa mesma apresentação tenha uma estrutura lógica para uma clara compreensão do assunto exposto.

2. Pregação

Outro conceito intimamente ligado à homilia é a pregação. Pregação vem do latim *praedicare*, que significa proclamar, anunciar em voz alta. É uma apresentação oral da mensagem cristã. A igreja recebeu o encargo de «pregar o evangelho a toda a criatura» (Mc 16,15).

A pregação é uma característica do cristianismo. Nenhuma outra religião usou o culto para proclamar, evangelizar e ensinar. No cristianismo a pregação é conhecida como a divulgação da palavra de Deus, do Evangelho de Jesus Cristo. Ela vem desde o tempo de Jesus e chega até aos dias de hoje.

“A fé transmite-se pelo ouvido (Rom. 10, 17); daí a necessidade da pregação da palavra de Deus, segundo o mandamento de Cristo (Mc 16, 15; Mt 28, 20) de se anunciar a boa nova a todos os fiéis, como o recordou o Concílio Vaticano II (Const. *Lumen Gentium*, 35 e Decreto sobre o apostolado dos leigos e sobre a actividade missionária)”⁶⁸. Este anúncio veio a partir da “ordem” dada por Jesus aos seus apóstolos ou enviados: “Ide por todo o mundo, pregar o Evangelho a toda a criatura” (Mc. 16, 15).

⁶⁸ A. LEITE, «Pregação», in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 15, Editorial Verbo, Lisboa, 990.

A forma mais expressiva para a comunicação do Evangelho de Cristo é a pregação. Ela ocupou um lugar central na vida de Jesus. Ele identificou-se como pregador em público, quando afirmou, na sinagoga de Nazaré, que tinha sido enviado “para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável do Senhor”(Lc 4, 18-19). Jesus instituiu a pregação como forma de espalhar a Boa Nova da salvação, palavras que dirigidas aos indivíduos ou assembleias reunidas, levam o homem a decidir.

O ministério da pregação tomou forma expressiva com o exemplo pessoal de Jesus. Ele deu-lhe um sentido mais amplo e livre, libertou o ministério da pregação de formalismos, pregando ao ar livre, sobre um monte, ou junto ao mar da Galileia.

Depois da morte de Jesus, principalmente a partir do Pentecostes, os seus discípulos deram seguimento à pregação, primeiro entre os judeus, e depois, a todas as nações. Eles foram preparados para continuarem o ministério da pregação após a ascensão de Jesus.

João Batista precedeu a Jesus Cristo na pregação. Seguiram-se depois os apóstolos. Mas a pregação cristã não se restringiu aos apóstolos, que se preocuparam em preparar outros pregadores, como nos relata o Livro dos *Actos dos Apóstolos*. Entre esses outros pregadores contam-se Paulo, Estevão, Filipe, Silas, Apolo, Tito, Timóteo, entre outros. Assim, a pregação ocupou também lugar central no ministério dos discípulos.

A pregação enquanto primeiro anúncio do evangelho como realidade salvífica, como boa notícia, habitualmente dirigida aos não crentes, abrange o que se poderá designar por «evangelização». Trata-se da apresentação global e dramática do mistério pascal que intenta provocar a conversão: é a pregação missionária ou kerigmática⁶⁹. A centralidade do conteúdo é Jesus Cristo, tal como aparece no Livro dos *Actos dos Apóstolos*: «Que havemos de fazer irmãos? – Converti-vos...» (cf. Act. 2, 37-38). “Toda a pregação eclesial é anúncio de fé e

⁶⁹ Cf. António JANELA, «Pregação», in *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 23, Edição Século XXI, Editorial Verbo, 1132.

apelo à conversão, maior abertura à inteligibilidade da fé; orientação ao mistério, especialmente ao mistério eucarístico, com referência essencial à Sagrada Escritura”⁷⁰.

3. Retórica

A proclamação da palavra de Deus é em si mesma, uma arte, tal como a retórica. A retórica é a arte de bem falar.

Em conjunto com a gramática e a lógica, a retórica constituiu, na antiguidade, o elemento básico do estudo da linguagem. Foi desenvolvida pelos gregos entre 500 e 300 a. C., que a definiram como a arte de persuadir, convertendo-a em ciência auxiliar da oratória. Do grego *réthor* “orador”, é a arte de falar e escrever bem, tendo como alvo a “persuasão” dos ouvintes e leitores. Relaciona-se com a oratória, com a lógica e eloquência. Assim, a retórica é o estudo teórico e prático das regras que desenvolvem e aperfeiçoam o talento natural da palavra, baseando-se na observação e no raciocínio.

Os sofistas eram adeptos de discursos impressionantes, cujo conteúdo não era baseado em valores moralmente positivos. Usavam o recurso da retórica meramente com o intuito de impressionar e “persuadir” as pessoas.

“Os sofistas exageraram este papel subordinado da retórica, atendendo exclusivamente à forma e descuidando o fundo como expressão dos valores morais. Aristóteles, na sua *Retórica*, libertou-a de tal servidão, chegando a uma síntese entre o pensamento de Platão, que considerava a linguagem como a expressão da verdade, e a concepção sofista, que via na retórica um mero artifício literário da persuasão e convencimento”⁷¹.

Aristóteles encarava a retórica como uma arte que exige que o conhecimento seja potencializado, tendo algum motivo significativo e útil, não envolvendo apenas uma questão de persuasão.

⁷⁰ *Ibidem*, 1134.

⁷¹ AA. VV., «Retórica», in *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube*, Vol. 15, Ediclube, Alfragide, 5329.

A partir do século IV d.C., os pregadores cristãos começaram a estruturar as suas mensagens, seguindo as técnicas da retórica grega. “Com o tempo, a retórica passou a constituir, com a poética, a matéria integrante dos preceitos literários”⁷².

Santo Agostinho utilizou a sua habilidade retórica para defender a fé cristã no seu tempo.

4. Oratória

A arte da comunicação, como a oratória, é um instrumento que constitui um meio precioso para tornar a comunicação litúrgica mais intensa, mais eficaz. A oratória é a arte de falar em público de forma elegante, precisa, fluente e atrativa.

É um método de discurso, da arte de como falar em público ou o conjunto de regras e técnicas que permitem apurar as qualidades pessoais de quem se destina a falar em público.

A oratória é a arte de falar em público. Existem, pelo menos, cinco formas distintas de oratória: a académica, a judicial, a política, a religiosa e a popular. A oratória académica é utilizada nos discursos universitários, nos discursos literários e academias. A oratória judicial é a que se emprega nos tribunais, exigindo dos oradores clareza, concisão e lógica nos seus discursos. A oratória política é utilizada nos discursos que tratam de assuntos do estado. Aristóteles declarou que a política trata dos problemas entre cidadão e cidadão, e cidadão e cidade, e entre cidade e cidade. A oratória religiosa ou sagrada é a arte de convencer e persuadir o público da verdade da mensagem religiosa. É um discurso em que o orador proclama a palavra em nome de Deus e dos valores que a ela se ligam⁷³. A oratória popular é o discurso desprovido de método e erudição, mas que acontece nas ruas, nos protestos sociais.

⁷² *Ibidem*, 5329.

⁷³ Cf. URL: [http://www.infopedia.pt/\\$oratoria-sagrada](http://www.infopedia.pt/$oratoria-sagrada).

A oratória veio tomar o lugar da antiga retórica, que se definia como arte de bem falar e persuadir.

Quer no Antigo Testamento, através de alguns profetas, quer no Novo Testamento, com Jesus Cristo ou S. Paulo, a oratória sagrada está presente. Ao longo dos séculos, esta arte foi cultivada por diversas figuras da Igreja, como os doutores, Gregório, S. João Crisóstomo, Santo Ambrósio e Santo Agostinho, ou ainda o português Padre António Vieira, entre outros⁷⁴.

Jesus Cristo foi um grande orador. Ele queria falar ao coração dos homens, por isso o seu discurso era inundado de afeto quando transmitia a palavra de Deus Pai. A capacidade de comunicação de Jesus deixava os seus ouvintes fascinados, os que o ouviam ficavam impressionados tanto com o conteúdo de seus discursos como com a maneira como o expunha. Jesus utilizava dois instrumentos difíceis de ser conciliados na oratória: a convicção e a sensibilidade. Ele não falava somente com a boca, falava com os olhos e com os gestos. E a vida.

Os discípulos tinham fracos recursos linguísticos. Se eles não aprendessem a arte da oratória não conseguiriam transmitir a palavra de Deus, pois a única ferramenta que possuíam eram as palavras. Jesus deu magníficas aulas de oratória aos discípulos sem que eles se apercebessem. Os discípulos, ouvindo Jesus e convivendo com tudo isso, deram um salto espiritual e intelectual sem medida.

5. Homilia

A Palavra de Deus, não é apenas lida e proclamada, mas é também celebrada. Entre as várias formas de pregação sobressai a homilia, que é parte integrante da própria liturgia.

⁷⁴ Cf. URL: [http://www.infopedia.pt/\\$oratoria-sagrada](http://www.infopedia.pt/$oratoria-sagrada).

A palavra homilia vem do grego e significa «conversa». É atualmente a explicação predominantemente moral, do Evangelho ou da Epístola, feita pelo sacerdote, na missa de domingo ou das festas. Nas assembleias litúrgicas da primitiva igreja, depois de o leitor fazer a leitura de algum passo da Escritura, o bispo comentava-o, explicando-o tirando conclusões práticas para a vida. Na reunião seguinte, a leitura e a explicação⁷⁵.

Homilia corresponde ao latim *sermo*, isto é, discurso simples, em tom de conversa, sem o aparato da oratória profana. Era ao presidente da assembleia que competia fazer esta pregação, comentário às palavras da Escritura, segundo costume herdado da sinagoga⁷⁶. Em Lc 4, 16, vemos que Jesus Cristo, um dia, foi convidado a comentar o profeta Isaías. E o mesmo evangelista nos diz que Cristo ensinava nas sinagogas. A mesma coisa fizeram também os apóstolos, nomeadamente S. Paulo, como nos é relatado no livro dos Actos dos Apóstolos (Act. 13, 14; 14, 1; 5, 35; 16, 13; etc.).

Do verbo *homileo* deriva o substantivo *homilia*, que passou a designar as exposições instrutivas que se faziam das escrituras no contexto litúrgico das primeiras comunidades cristãs⁷⁷.

A homilia é, assim, uma espécie de comentário dos textos da celebração aplicado aos fiéis/ouvintes. É um texto de carácter pedagógico e construtivo, que tem como objetivo proporcionar uma orientação a nível moral e religioso. Esta prática da homilia foi adotada pela igreja desde os primeiros tempos, seguindo o costume que os judeus tinham de explicar as leituras das Escrituras nas suas sinagogas. Exemplos desta forma de composição são as homilias de Orígenes, no século III.

Devem expor-se na homilia, no decorrer do ano litúrgico, o ministério da fé e as normas da vida cristã. É obrigatória em todas as missas dos domingos e festas de preceito, e

⁷⁵ AA. VV., «Homilia», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 13, Editorial Enciclopédia, Lisboa, 347.

⁷⁶ Cf. *Ibidem*.

⁷⁷ Cf. C. Folch GOMES, *Antologia dos Santos Padres: páginas seletas dos antigos escritores eclesiásticos*, São Paulo, Edições Paulinas, 1979, 65-67.

recomendada mesmo nas missas celebradas nos dias de semana, especialmente no tempo do advento e da quaresma⁷⁸.

A homilia é uma pregação, mas uma pregação litúrgica, isto é, que tem lugar numa celebração, num contexto celebrativo. Está vinculada com todo esse conjunto de elementos constituintes da celebração. Não é uma peça autónoma⁷⁹.

A homilia é uma parte integrante da liturgia da Palavra. “Como parte da própria liturgia, recomenda-se encarecidamente a homilia, na qual, ao longo do ano litúrgico e a partir do texto sagrado, se expõem os mistérios da fé e as normas da vida cristã: não se omita, a não ser por motivo grave, nas Missas que ao domingo e festas de preceito se celebram com afluência do povo”⁸⁰. Por isso, a homilia deve ter, como sua fonte, a Sagrada Escritura ou a liturgia, e deve ser anúncio das grandes obras de Deus na história da salvação. “A homilia é aquela parte da liturgia que dá unidade à celebração, que faz de elo entre a palavra e o sinal sacramental”⁸¹.

A homilia tem como principal objetivo, a colaboração com Deus para que a Sua Palavra seja melhor compreendida e possa produzir muito fruto. Tem a função de explicar a fé, o significado dos vários elementos da Sagrada Escritura, sendo também um diálogo entre Deus e o Homem. É a aplicação da mensagem ao aqui e agora da vida humana e é a ponte entre a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística. Ela está inserida na celebração⁸². “A homilia traz um ingrediente peculiar à acção litúrgica. Às vezes, é o momento mais esperado da celebração. É, de alguma maneira, o elemento de maior novidade, visto que o seu conteúdo não é programado nem conhecido, mas inédito”⁸³.

⁷⁸ Cf. CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, can. 767.

⁷⁹ Dionisio BOROBIO, *A Celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*, Edições Loyola, 2002, 204.

⁸⁰ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, nº 52.

⁸¹ Francisco Javier Calvo GUINDA, *Homilética*, Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid, 2003, 179.

⁸² Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, nº 35.

⁸³ Dionisio BOROBIO, *A Celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*, Edições Loyola, 2002, 204-205.

6. A Homilética

“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2:15).

A homilética é entendida como a disciplina que se ocupa da ciência e da arte da pregação de sermões religiosos. A palavra tem a sua origem no termo grego *homiletikos* que, por sua vez, deriva de *homilos* que significa multidão, assembleia do povo. Pelo que se sabe, os primeiros cristãos utilizavam o termo para se referir à assembleia de culto. É, portanto, uma ciência que estabelece regras básicas para a preparação de discursos. Em termos mais simples, a homilética, é a arte da preparação e comunicação de sermões.

“A homilética como parte da teologia prática ocupa-se das formas de discurso público no campo da Igreja. Homilética é a teologia da pregação eclesial ou a exposição prático-científica dos fundamentos e regras de uma pregação adequada à palavra de Deus”⁸⁴. Assim, a homilética nasce quando os pregadores cristãos começaram a estruturar as suas mensagens seguindo as técnicas da retórica grega e da oratória romana.

A homilética é de máxima importância para uma apresentação clara, inteligente e objetiva da Palavra de Deus. Prova disso é o fato de os Coríntios se maravilharem com a pregação de Apolo, que era eloquente e poderoso na palavra (Act 18, 24ss). Nas sinagogas de Nazaré, Jesus Cristo, descreve-se a si mesmo como enviado a pregar, a evangelizar, como nos relata o evangelista Lucas.

A pregação patristica também se tornou homilética, embora alguns dos Padres, como Santo Agostinho ou São João Crisóstomo, entre outros, tivessem tido formação literária e retórica que os induzisse para outros caminhos. “Orígenes proporcionou uma entrada decisiva

⁸⁴ Francisco Javier Calvo GUINDA, *Homilética*, Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid, 2003, 13.

ao desenvolvimento da homilética com a sua doutrina do triplo sentido da Escritura que tentava resolver o problema da atualização de um texto histórico”⁸⁵.

⁸⁵ *Ibidem*, 15.

CAPÍTULO III – A HOMILIA DESDE A SUA ORIGEM

Considerando a homilia como a comunicação da palavra divina é necessário procurar na tradição do povo as formas e as características que assumiu ao longo dos tempos.

Segundo Severino Pedro da Silva, a homilética surgiu na Mesopotâmia há mais de três mil anos a.C.; para auxiliar a necessidade que os sacerdotes tinham de prestar contas das receitas e gastos das corporações a que pertenciam e faziam suas prédicas em defesa da existência miraculosa dos deuses do paganismo. Eles agiam desta forma para preservar a necessidade da sua existência enquanto sacerdotes e mediadores entre os mortais e as divindades imortais⁸⁶.

1. A homilética no Antigo Testamento

No Antigo Testamento predominava a comunicação verbal, a tradição oral. Os fatos eram narrados de boca em boca. No livro do Deuteronômio há uma coleção de discursos homiléticos. As conversas tomam em consideração sentimentos e pensamentos do povo e as exortações baseiam-se na história da salvação compreendida e anunciada como atual.

Os levitas, aquando da assembleia convocada pela ocasião da volta do exílio da Babilônia, empenharam-se na atividade homilética: “E liam, clara e distintamente, o livro da lei de Deus e explicavam o seu sentido, de modo que se pudesse compreender a leitura” (Neemias 8,8).

No Israel pré-cristão, preferiam a homília, não só os sacerdotes, mas também os chefes, os profetas, os escribas, os sábios e, esporadicamente, algum leigo que pedia a

⁸⁶ Cf. Severino Pedro da SILVA, *Homilética: o pregador e o sermão*, Rio de Janeiro: CPAD, 1992, 16.

palavra. Todo o leitor na sinagoga poderia, se quisesse, fazer comentários sobre o texto proclamado, sendo esses comentários considerados homílias. Os que assumem a palavra têm consciência de que transmitem a palavra de Deus, amadurecida neles através da recordação meditada dos acontecimentos salvíficos transmitidos e comunicados ao povo para que este se dê conta do que o Senhor opera e diz para a sua conversão e para que viva segundo a lei. Moisés determinou que o povo se reunisse em assembleia ao sétimo dia e que escutassem a leitura das leis com respeito e ordem. As leis eram explicadas ponto por ponto por algum sacerdote ou ancião, adquirindo assim o povo mais conhecimento e progresso na piedade.

2. A homilética na nova aliança

Antes de redigidos os textos evangélicos e neotestamentários, predominavam as tradições orais e situações culturais. Os discursos dos apóstolos fora do contexto cultural não são considerados homílias. Podem ser chamados de sermões ou pregações, com o objetivo de evangelizar e despertar a conversão. Por exemplo, o evangelista Lucas descreve os inícios das pregações de Jesus nas sinagogas e mostra o ressuscitado que explica as escrituras aos dois, no caminho de Emaús e aos onze. Esta forma ou método é seguido pelos apóstolos que inúmeras vezes se servem da homília sinagoga para anunciar a boa nova e também preparavam os seus discursos baseados na interpretação das escrituras à luz do acontecimento pascal de Jesus.

Jesus foi o protótipo dos pregadores cristãos. A maneira como Jesus discursava diverge da prática usual e impressionava as multidões. A sua missão era “anunciar a Boa-Nova aos pobres; proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, e a proclamar um ano favorável do Senhor” (Lc 4, 18-19).

O exemplo clássico de homilia está em Lc 4, 16ss, quando Jesus entra na sinagoga de Nazaré e, após a leitura de Is 61, 1ss, explica aos seus conterrâneos os versículos de Isaías. Pode-se designá-la como a primeira homilia da Igreja. Cristo apresenta primeiro o texto de Isaías e depois faz uma homilia explicativa⁸⁷.

Jesus era um pregador itinerante. Nos evangelhos, Jesus é sempre encontrado a pregar, nas sinagogas, nas praias, pelos caminhos, montanhas, ou até pregações mais individualizadas dirigidas a pessoas com quem se encontrava nas casas, nas praças. Pelos registos evangélicos, nota-se que Jesus pregava com simplicidade sobre uma grande variedade de temas e que conquistava a simpatia dos seus interlocutores. Ele sabia onde, como, qual era o melhor local e o momento para levar a sua mensagem. A força persuasiva da sua pregação é reforçada pelo seu estilo de vida.

A novidade da homilética de Jesus está na maneira como ele combina palavra e ação; é uma homilética de vivência e convivência. Utilizava muito nas suas parábolas ilustrações para transmitir o que queria. Jesus foi um grande orador. Depois da sua morte a tarefa homilética coube aos seus seguidores, os discípulos. No livro dos *Actos* pode ver-se a forte atuação dos apóstolos, que transmitem a boa nova aos ouvintes, quer em Jerusalém, quer nas regiões por onde passavam.

Paulo, o grande missionário que fez três grandes viagens apostólicas (ou quatro – se considerarmos a última que o traria a Roma, onde acabaria por ser martirizado), dá um exemplo de coragem, dedicação e sabedoria. O seu objetivo era pregar aos gentios, onde achasse adequado. A sua pregação era feita muitas vezes nas sinagogas.

As cartas de Paulo, João, Pedro, Tiago, entre outras, foram mensagens pregadas. O Novo Testamento tem verdadeiras homílias em 1Pd e em Hb.

⁸⁷ Francisco Javier Calvo GUINDA, *Homilética*, Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid, 2003, 15.

3. A homilética na tradição eclesiástica

A homília mais antiga é a Segunda Epístola de Clemente aos Coríntios, de conteúdo muito simples e predominantemente parenético. É um sermão que, escrito, ocupa cerca de dez páginas. Seriam precisos, mais ou menos, trinta minutos para ser pregado oralmente. Em meados do século III aparecem algumas homílias latinas atribuídas a Cipriano e a Hipólito. A intervenção oral que acontecia depois das leituras bíblicas e nelas se baseava era também moralizante.

“Nas festas, a homília assumia carácter particular, como demonstram as homílias pascais do século II, cujas fontes podem ser identificadas em três matrizes principais: o hagadá pascal judaico, algumas partes do novo testamento surgidas como catequeses pascais, os mistérios pagãos para a terminologia e alguns escritos gnósticos utilizados em função polémica”⁸⁸.

Para Hermas, o profeta é aquele que possui o espírito de Deus e que perante uma assembleia de homens justos fala em nome d’Ele e o que Ele quer. O iniciador do género de homília como explicação das escrituras para captar o seu sentido espiritual, e daí tirar as orientações práticas, foi Orígenes, doutor leigo da igreja de Alexandria. Deixou duzentas homílias. Nas suas homílias, Orígenes revela a preocupação em edificar os ouvintes: “Não é este o momento para um comentário minucioso; devemos edificar a igreja e estimular, com explicações místicas (*mysteria*) e com o exemplo dos santos, os ouvintes preguiçosos e inertes” (*Homílias sobre o Génesis 10,5*). O seu método torna-se escola e as suas homílias são traduzidas para latim por Rufino. Orígenes considera o presbítero como um “doutor”, cuja tarefa é a de explicar a escritura dando aos fiéis o alimento de que têm necessidade.

⁸⁸ L. Della TORRE, «Homilia», in *Dicionário de liturgia*, Edições Paulinas, São Paulo, 1992, 558.

4. A homilética na época patrística

Entre os séculos IV e VI conhecidos bispos dão forma oratória e conteúdo doutrinal à pregação homilética que vão servir de modelo até à época moderna. Para os padres da igreja a Bíblia tornou-se primariamente homilética, e ficaram célebres os comentários que alguns desses doutores da igreja fizeram a Evangelhos, Epístolas e outros livros da Bíblia. A finalidade da homília era eminentemente prática, procurar na escritura, através de uma interpretação exegética acessível ao povo, a Palavra de Deus como norma de vida.

No oriente destaca-se João Crisóstomo, que se tornou um famoso pregador e patriarca de Constantinopla. Defendia que a eficácia de um sermão estava na determinação do pregador de agradar tão-somente a Deus e honrar a sua palavra⁸⁹. Crisóstomo dizia que o ensino da palavra é o melhor dos instrumentos, o melhor remédio, o único método a ser utilizado e que causa grande efeito na vida do homem. Ficou conhecido como a “boca de ouro”, porque foi considerado o melhor orador de púlpito da igreja grega.

Relativamente ao ocidente destaca-se Santo Agostinho por causa dos seus sermões. Santo Agostinho defendia que as principais tarefas do pregador devem ser a compreensão e exposição das escrituras. Antes de pregador teria que ser um homem de oração. Na sua homília, ele intercala toda a escritura, em todas as suas pregações esforça-se por explicar o texto comentado usando citações de outros textos. Para ele o pregador deve também ser ouvinte como os outros ouvintes.

Santo Agostinho foi um dos maiores génios teológicos de todos os tempos. A partir da sua obra “Da doutrina cristã”, pode-se caracterizar as ideias homiléticas desse período⁹⁰. A forma do sermão não é muito estruturada, é mais uma exposição discursiva sobre uma parte

⁸⁹ Cf. Valdeci dos SANTOS, «Considerações sobre o Púlpito e a Doutrina: resgatando a importância da pregação doutrinária», in *Fides Reformata*, 8, n° 2 (2003), 110.

⁹⁰ Cf. Michael ROSE, «Teologia prática no contexto da América Latina», in *Christoph Schneider-Harpprecht*, São Leopoldo: ASTE, 1998, 146.

da Bíblia, com amplas digressões, vigor e brevidade de expressão, bem como uma alta conceção da verdade cristã aplicada à vida, da qual o pregador sempre pode receber inspiração.

Gregório Magno segue o método interpretativo da escritura tal como Orígenes e Agostinho, e as suas homílias estão sempre atentas ao contexto político e cultural do tempo. É uma época em que a pregação homilética estava praticamente reservada aos bispos, o que acabava por ser discriminante para quem tinha condições de instruir os fiéis, mas não possuía as qualidades de oratória. A interdição de ensinar e de pregar imposta aos monges e aos leigos remonta a Leão Magno, na segunda metade do século V.

As homílias dos padres, principalmente as de Agostinho e Gregório foram compiladas em livros, homiliários, dispostas segundo o ano litúrgico para os pregadores poderem usar e também para poderem ser lidas pelos fiéis.

Leão Magno, bispo de Roma, foi o primeiro bispo a deixar escrita uma série de sermões que na sua maioria se relacionavam com o ano litúrgico da igreja: natal, epifania, quaresma, páscoa, etc.

5. A homilética na idade média

A idade média é marcada pela propagação do cristianismo por toda a Europa. Dá-se a transição da patrística para a escolástica. A pregação clerical foi pouco original e notabilizou-se pela repetição imitativa dos grandes padres do período anterior. Passou a dar cada vez mais importância às boas obras e às observâncias rituais e cada vez menos ao referencial bíblico e litúrgico. A homília deixa de ser um discurso simples, familiar e íntimo e passa a ser um discurso temático nos moldes da filosofia escolástica. A escolástica traz consigo a pregação

temática. Nasce a pregação popular que tem como preocupação fundamental a vida religiosa-moral do povo, utiliza exemplos, narrações e lendas.

O Papa Alexandre III, durante o III Concílio de Latrão, concede aos valdenses a permissão para pregar exclusivamente a pedido dos sacerdotes das zonas em que eles moravam. Para se justificar perante os bispos que se opunham, Alexandre III cita o texto de 1Ts 5,19. Em 1215, no IV Concílio de Latrão, é reprovado e excomungado todo aquele que exercer o ofício da pregação sem ter recebido a devida autoridade da Santa Sé ou do bispo. Mais tarde, Gregório IX escreve ao arcebispo de Milão a pedir a proibição para todos os leigos de exercer o ofício da pregação.

O Concílio de Trento proibia os leigos de pregarem sem a permissão do bispo. Os Papas seguintes, para evitar abusos na pregação, estabeleceram regras rígidas para deixar os leigos pregar. Aos poucos a pregação perde a sua força e quase ninguém mais pregava nas missas. Nesta época destaca-se Francisco de Assis, que preferia pregar para multidões que se juntavam em seu redor, em vez de o fazer nas igrejas, mesmo naquelas que se ofereciam para o acolher. Convidava os seus ouvintes a seguir Jesus Cristo como ele mesmo o fazia.

O sermão é mais direcionado à sensibilidade do que à razão, tinha como objetivo comover os corações dos ouvintes, levando-os à construção e a uma conduta edificante, e para isso o exemplo de vida do orador era muito importante. Os pregadores místicos faziam votos de pobreza e de castidade, dedicavam-se à pregação em linguagem vernácula e frequentemente buscavam inspiração na natureza e apelavam para o exemplo de Jesus, enfatizando a sua humildade e pobreza.

6. A homilética na idade moderna e reforma

Os protestantes desejavam que os fiéis tivessem acesso à Bíblia e à pregação mais fiel da palavra de Deus, e por isso defendiam a liturgia em língua vulgar. Foi feita uma interpretação restritiva do Concílio de Trento, que já tinha abordado a questão e proposto o favorecimento da leitura da Bíblia e da pregação ao povo cristão, esta deveria realizar-se aos domingos e nos dias de festa. O protestantismo dá muita importância à pregação. Para os reformadores como Martinho Lutero e João Calvino, a igreja está onde a palavra de Deus é correctamente pregada e ouvida, e onde os sacramentos também são correctamente administrados e recebidos⁹¹.

Devido à pouca instrução do clero e à ignorância do povo em geral, e para reverter isso, a homília inspirava discursos catequéticos e doutrinários. Para enfrentar esse desafio, foram tomadas providências para que o púlpito se convertesse num meio de instrução. O ministro deveria “dirigir os seus sermões a fim de estimular uma fé correta e com base num reconhecimento correto das doutrinas evangélicas”⁹².

A reforma protestante trouxe consigo grandes mudanças para o cristianismo, até no que diz respeito à arquitetura e à decoração interna dos templos. Os púlpitos que eram, geralmente, colocados nas laterais, passam a ocupar um lugar central, não por uma questão estética, mas por uma questão doutrinária. Os protestantes deram enorme importância à pregação e ao ensino das escrituras a partir do púlpito. A pregação é “o mais excelente meio pelo qual a graça de Deus é conferida aos homens”⁹³.

Os sermões de Lutero e Calvino eram caracterizados por uma doutrina evangélica e uma metodologia de exposição bíblica. Segundo Lutero um bom pregador deveria seguir o

⁹¹ Cf. Richard NIEBUHR, Daniel D. WILLIAMS (eds), *The ministry in historical perspectives*, New York: Harper & Brothers Publishers, 1956. 110.

⁹² Cf. *Ibidem*.

⁹³ Paulo R. B. ANGLADA, “*Vox Dei: A teologia reformada da pregação*”, *Fides Reformata*, vol.4, nº1, (1999), 151.

seguinte roteiro: clareza na exposição; ordem dos argumentos; exercitar a memória; possuir voz bem dotada; aptidão para o estudo – para saber o que diz. Lutero afirma ainda que o pregador deveria ter disposição para morrer pela mensagem pregada, abrir mão dos seus bens e adotar uma vida simples. Tornou a Bíblia Sagrada o centro da pregação.

Para Calvino a prioridade era a escritura. Ele comentou vinte e três livros do Antigo Testamento e todos os livros do Novo Testamento com exceção do livro do Apocalipse. O que norteava a homilética dos reformadores era a doutrina bíblica e a ética social.

Ao contrário da tradição romana da antiguidade, que afirmava: *ubi episcopus ibi ecclesia*, “onde está o bispo, está a igreja”, para os reformadores, particularmente Lutero e Calvino, a igreja está onde a palavra de Deus é corretamente pregada e ouvida. A principal crítica dos reformadores ao catolicismo romano é que este impedia que a palavra de Deus fluísse livremente entre as pessoas. Para os reformadores, cada cristão deveria ser um ministro da palavra, em virtude da sua fé.

7. A homilética na época contemporânea

Em cada época o discurso religioso procurou cumprir o seu papel de maneira que julgava ser a mais adequada, influenciando e sendo influenciado pelo seu tempo. A prática da homilética é também dependente do seu contexto histórico-temporal.

Karl Barth identifica dois aspetos fundamentais na homilética: a palavra de Deus e a palavra humana. Para ele, o pregador tem a tarefa de “anunciar aos seus contemporâneos o que devem ouvir do próprio Deus, explicando por um discurso, no qual o pregador se expressa livremente, um texto bíblico que lhes afecta pessoalmente”⁹⁴.

⁹⁴ Cf. Karl BARTH, *A proclamação do Evangelho: homilética*, Trad. Daniel Sotelo e Daniel Costa, 2ª edição, São Paulo: Novo Século, 2003, 15-16.

Barth foi o primeiro a referir-se às três formas da palavra de Deus: pregada ou proclamada, escrita e revelada. Na analogia trinitária de Barth, cada forma da palavra relaciona-se com uma das pessoas da Trindade: Deus o Pai criador com a palavra revelada, Deus o Filho reconciliador com a palavra escrita e o Espírito Santo redentor com a palavra proclamada – essas três, no entanto, são uma única e só palavra de Deus⁹⁵.

Os pontífices romanos condenaram os abusos na pregação e estabeleceram regras para a concessão da faculdade de pregar. O Catecismo da Igreja Católica, nos cânones 1344 – 1345, prescreve que aos domingos e nas festas se anuncie ao povo a palavra de Deus, e que tal aconteça em todas as igrejas. O Papa Bento XV na sua encíclica *Humani Generis Redemptionem*, apresenta Paulo como modelo de pregador.

No tempo do Antigo Testamento havia uma homilética da celebração do quotidiano, para os sacerdotes; uma homilética da sabedoria familiar, para os reis – pregadores; e uma homilética da contestação e da esperança, para os profetas. Na era cristã, a homilética caracterizou-se de forma diferente, conforme os tempos, as culturas, as ideologias e as gentes se iam modificando, de maneira mais ou menos coerente com a herança pré-cristã. Assim, sucedem-se a homilética vital (da vivência e da convivência) de Jesus; da emoção e da persistência, dos apóstolos; familiar e eloquente, dos padres da igreja; mendicante, na idade média; professoral, na reforma; apologética e iluminada na pós-reforma; militante e revolucionária, ou subserviente e alienada na época moderna; e eletrónica e espetacular nos pós-modernos.

⁹⁵ Cf. Dietrich RITSCHL, *A theology of proclamation*, Richmond: John Knox Press, 1960, 29.

CAPITULO IV – A HOMILIA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA IGREJA

Sendo a Igreja fiel depositária da Palavra de Deus, que nos é proclamada e explicada através da homilia, convém pois, ver quais as orientações da Igreja sobre a homilia, veiculadas particularmente nos documentos oficiais. Devido ao fato de não existir ainda um documento oficial acerca da homilia, serão abordados documentos oficiais da Igreja onde se aborda a homilia, a pregação e o sermão, uma vez que estes três termos evoluem ao longo do tempo até aos nossos dias culminando no termo Homilia.

1. Catecismo da Igreja Católica

No número 76 do Catecismo da Igreja Católica a homilia é abordada na transmissão da revelação divina como pregação apostólica. Começamos por ver que a revelação divina na Igreja de Jesus Cristo se veicula através de vários processos: “pelos Apóstolos, que, na sua pregação oral, exemplos e instituições, transmitiram aquilo que tinham recebido dos lábios, trato e obras de Cristo, e o que tinham aprendido por inspiração do Espírito Santo”⁹⁶. De seguida, faz-se referência aos bispos como sucessores dos Apóstolos, para que através da pregação apostólica, o Evangelho fosse perenemente conservado íntegro e vivo nesta Igreja do Deus de Jesus Cristo⁹⁷. Com a assistência do Espírito Santo, o crescimento na inteligência da fé em Jesus Cristo pode ser cultivado através da pregação daqueles que receberam, com a sucessão episcopal, um carisma certo da verdade⁹⁸. Jesus Cristo confiou aos Apóstolos e aos bispos seus sucessores a transmissão da mensagem de salvação de Deus para a humanidade,

⁹⁶ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n° 76.

⁹⁷ Cf. *Ibidem*, n° 77.

⁹⁸ *Ibidem*, n° 94.

pela pregação e por escrito, auxiliados pela inspiração do Espírito Santo, geração após geração, até à vinda gloriosa de Jesus Cristo.

A Sagrada Escritura é como que a «alma» da teologia, tal como a pregação pastoral e a homilia litúrgica se alimentam e revigoram com a palavra da Escritura⁹⁹. No número 875 do capítulo terceiro do *Catecismo da Igreja Católica* a pregação (homilia) é a fonte de toda a fé. Cristo enviou os Apóstolos para que, através do baptismo, pregassem à humanidade a conversão e o perdão dos pecados¹⁰⁰. A celebração sacramental do mistério pascal é feita através de sinais e símbolos, sinais assumidos por Cristo na sua pregação para dar a conhecer os mistérios do Reino de Deus, realizando curas e sublinhando a sua pregação com sinais materiais e gestos simbólicos¹⁰¹. Para alimentar a fé dos fiéis, entre os sinais da Palavra de Deus a ser valorizados, está a homilia do ministro que prolonga a sua proclamação¹⁰². Dentro do sacramento da Eucaristia, sacramento da iniciação cristã, a celebração litúrgica da Eucaristia “desdobra-se em dois grandes momentos, que formam basicamente uma unidade:

- a reunião, a liturgia da Palavra, com as leituras, a homilia e a oração universal;
- a liturgia eucarística, com a apresentação do pão e do vinho, a ação de graças consecratória e a comunhão”¹⁰³.

É na abordagem aos sacramentais (sinais sagrados por meio dos quais, imitando de algum modo os sacramentos, se dispõem os homens para a recepção do principal efeito dos sacramentos e são santificadas as várias circunstâncias da vida¹⁰⁴), que o *Catecismo da Igreja Católica* faz a última referência concreta em relação à homilia na celebração das exéquias, em que a homilia deve evitar o elogio fúnebre, iluminando o mistério da morte cristã à luz da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Por último, temos a referência às Bem-

⁹⁹ Cf. *Ibidem*, nº 32.

¹⁰⁰ Cf. *Ibidem*, nº 1122.

¹⁰¹ Cf. *Ibidem*, nº 1151.

¹⁰² Cf. *Ibidem*, nº 1154.

¹⁰³ *Ibidem*, nº 1346.

¹⁰⁴ Cf. *Ibidem*, nº 1667.

Aventuras como o centro da pregação de Jesus, onde o seu anúncio recupera as promessas ao povo eleito, desde Abraão, completando-as e ordenando-as ao Reino dos Céus¹⁰⁵.

2. Concílio Ecuménico Vaticano II

É com o Concílio Vaticano II, nos vários documentos produzidos, que temos as primeiras orientações e abordagens oficiais da Igreja acerca da homilia. Os documentos em que é referida a homilia (pregação ou sermão) serão abordados por ordem cronológica aquando da sua aprovação.

2.1. *Sacrosanctum Concilium*

A *Sacrosanctum Concilium* dá início a esta análise da homilia nos documentos oficiais da Igreja. No primeiro capítulo, que se intitula “Princípios gerais sobre a reforma e desenvolvimento da Sagrada liturgia”, quanto à reforma da Sagrada liturgia, o Concílio trata da importância da Sagrada Escritura, dizendo que dela se tomam as leituras, que se explicam na homilia¹⁰⁶. É, portanto, necessário cultivar o amor à Sagrada Escritura, Palavra que deve ser respeitada e bem tratada, para que a homilia seja a fiel explicação desta mesma Palavra. Destaca-se a união entre o rito e a palavra na liturgia, e para que se note claramente esta união nas celebrações sagradas,

“indique-se também nas rubricas o momento mais adequado para a pregação, como parte da ação litúrgica, quando o rito o permite; e pratique-se o ministério da pregação com a maior fidelidade e do modo devido. A pregação, porém deve ir beber principalmente às fontes da Sagrada Escritura e da Liturgia, como anúncio

¹⁰⁵ Cf. *Ibidem*, nº 1716.

¹⁰⁶ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, nº 24.

que são das maravilhas de Deus na história da salvação ou mistério de Cristo, o qual (mistério) está sempre presente e operante em nós, sobretudo nas celebrações litúrgicas”¹⁰⁷.

No que toca ao Mistério Eucarístico, o número 52 da *Sacrosanctum Concilium* fala-nos diretamente da homilia: “como parte da própria liturgia, recomenda-se encarecidamente a homilia, na qual, ao longo do ano litúrgico e a partir do texto sagrado, se expõem os mistérios da fé e as normas da vida cristã: não se omita, a não ser por motivo grave, nas Missas que ao domingo e festas de preceito se celebram com afluência do povo”¹⁰⁸. A importância da homilia no sacramento do Matrimônio, é a última referência que a *Sacrosanctum Concilium* faz acerca dela: “celebre-se habitualmente o Matrimônio dentro da Missa, após a leitura do Evangelho e da homilia, antes da «oração dos fiéis»”¹⁰⁹.

2.2. *Inter Mirifica*

Este decreto sobre os Meios de Comunicação Social traz um novo modelo de homilia: é o anúncio da salvação a toda a humanidade através dos meios de comunicação social. O decreto ensina aos homens a reta utilização dos mesmos meios de comunicação social¹¹⁰.

2.3. *Lumen Gentium*

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, trata no capítulo III da Constituição Hierárquica da Igreja e, em especial, do Episcopado, explicando que a principal

¹⁰⁷ *Ibidem*, nº 35.

¹⁰⁸ *Ibidem*, nº 52.

¹⁰⁹ *Ibidem*, nº 78.

¹¹⁰ Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Inter Mirifica*, nº 3.

função docente dos bispos é a pregação do Evangelho aos fiéis que lhes foram confiados, para que a fé seja acreditada, praticada na vida, e à luz do Espírito Santo tirem da Revelação Divina coisas novas e velhas¹¹¹, para a edificação do Reino de Deus e possam trazer a salvação a todos os homens. O bispo

“consciente de que tem de dar contas a Deus pelas almas deles (Heb. 13, 17), abranja com a oração, a pregação e todas as obras de caridade, não só os seus súbditos, mas também aqueles que não são ainda do único redil, os quais, no entanto, deve considerar como pessoas que lhe foram encomendadas pelo Senhor. Sendo devedor para com todos, como o Apóstolo Paulo, esteja pronto a anunciar o Evangelho a todos (cf. Rm. 1, 14-15), e estimule os seus fiéis a entregarem-se a atividades apostólicas e missionárias”¹¹².

O bispo é, assim, chamado à missão de anunciar a Palavra de Deus a todo o povo, a todos e cada um que lhe foi confiado, principalmente àqueles que ainda não fazem parte do Reino de Deus, pois foi também para eles que veio o projeto de salvação de Deus. Por sua vez, os presbíteros estão unidos na dignidade sacerdotal comum com os bispos, e através do sacramento da Ordem são consagrados para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino como verdadeiros sacerdotes à imagem de Cristo, sumo e eterno sacerdote (cf. Heb. 5, 1-10; 7, 24; 9, 11-28)¹¹³. Os presbíteros são chamados à pregação e ao ensino, acreditando em tudo quanto lêem, meditando na lei do Senhor, para que ensinem aquilo que crêem e pratiquem o que ensinam¹¹⁴.

2.4. *Christus Dominus*

Este decreto sobre o munus pastoral dos bispos na Igreja tem ligação com a *Lumen Gentium* e caracteriza-se pelo seu conteúdo prático, consagrando experiências pastorais

¹¹¹ Cf. Mt. 13, 52.

¹¹² CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, n° 27.

¹¹³ *Ibidem*, n° 28.

¹¹⁴ Cf. *Ibidem*.

recentes, normas e intervenções especiais do Magistério, atualizações ditadas pelas novas circunstâncias da vida da Igreja que a rápida evolução do mundo originou.

No número 13 deste decreto é abordado o tema deste trabalho, a homilia (pregação), em relação aos bispos, pastores de uma Igreja particular, para que “procurem aproveitar os diversos meios de que dispõe atualmente, para anunciar a doutrina cristã; primeiramente, a pregação e a formação catequética, que ocuparam sempre o primeiro lugar”¹¹⁵, e que são essenciais para o anúncio do Evangelho de Cristo, Palavra de Deus encarnada na humanidade e fonte de salvação para o Homem. Aos párocos, como principais colaboradores do Bispo, é confiada a cura das almas em determinada parte da diocese, e no “desempenho do múnus de ensinar, o Pároco deve: pregar a palavra de Deus a todos os fiéis, para que eles, fundados na fé, esperança e caridade, cresçam em Cristo, e a comunidade cristã dê aquele testemunho de caridade que Deus recomendou”¹¹⁶. Os religiosos e o seu apostolado nas dioceses, também se vêem vinculados ao poder do Ordinário do lugar quanto ao exercício público do culto divino e à pregação que se deve fazer ao povo¹¹⁷.

2.5. Perfectae Caritatis

Perfectae Caritatis é o decreto sobre a conveniente renovação dos Institutos Religiosos, das sociedades de vida em comum sem votos e dos Institutos Seculares. No campo do desenvolvimento de novas vocações religiosas, este decreto pede no número 24 para que os sacerdotes e educadores cristãos se esforcem pelo surgir de novas vocações religiosas. Exorta também para que através da pregação (homilia) se aborde os conselhos evangélicos e o estado religioso, por forma a fomentar as vocações.

¹¹⁵ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Christus Dominus*, nº 13.

¹¹⁶ *Ibidem*, nº 30.

¹¹⁷ Cf. *Ibidem*, nº 35.

2.6. *Optatam Totius*

Optatam Totius é o decreto sobre a formação sacerdotal, sobre o Ministério Sacerdotal importante e essencial a toda a Igreja de Jesus Cristo, Ministério que implica o encargo de evangelizar, santificar e presidir à celebração litúrgica. É, pois, este o ministério dos sacerdotes que participam do Ministério Sacerdotal de Cristo, Mestre e Senhor. No que respeita à homilia (pregação), este decreto fala muito vagamente. Quanto ao dever de fomentar as vocações, no número 2, o Concílio Vaticano II recomenda a pregação (homilia) como um dos meios privilegiados para fazer conhecer a necessidade, a natureza e a excelência da vocação sacerdotal¹¹⁸. Já quase no final do decreto refere-se à formação estritamente pastoral dos alunos de estudos teológicos com vista ao sacerdócio: sejam instruídos diligentemente no ministério sacerdotal “de modo especial na catequese e pregação”¹¹⁹, para que assim, possam ser fiéis ao sacerdócio sagrado.

2.7. *Nostra Aetate*

Este documento é uma declaração do Sagrado Concílio sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs, onde tem também lugar a orientação sobre a pregação. Nesta relação com as religiões não cristãs, exorta-se para que todos procurem “evitar ensinar na catequese ou na pregação da Palavra de Deus, seja o que for que não se coadune com a verdade evangélica e o espírito de Cristo”¹²⁰. Cumpra portanto, a Igreja, na sua pregação, nas

¹¹⁸ Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Optatam Totius*, nº 2.

¹¹⁹ *Ibidem*, nº 19.

¹²⁰ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Nostra Aetate*, nº 4.

suas homilias, o dever de anunciar a cruz de Cristo como sinal do amor universal de Deus e como fonte de todas as graças¹²¹.

2.8. *Dei Verbum*

A *Dei Verbum*, Constituição dogmática sobre a Divina Revelação, contém vários ensinamentos e orientações acerca da homilia. As verdades reveladas por Deus aos profetas e através de Jesus Cristo, Verbo de Deus incarnado, foram pregadas em seguida pelos Apóstolos com o mandato que Jesus lhes deu para que pregassem à humanidade o Evangelho, como fonte de toda a verdade salvadora. Foi, pois, através da pregação dos Apóstolos, exemplos e instituições, que transmitiram oralmente o que aprenderam das obras e Palavras de Jesus Cristo, ou o que o Espírito Santo lhes ensinou¹²².

A pregação apostólica, exposta de modo especial nos livros inspirados, deverá ser conservada através dos sucessores dos apóstolos, os bispos. Transmitindo, por isso, o que receberam, exortam os fiéis a manterem a tradição oral e escrita, e a lutarem por essa fé que lhes foi transmitida. Assim, através da pregação, “a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, conserva e transmite a todas as gerações tudo o que ela é, e tudo aquilo em que acredita”¹²³. A Sagrada Tradição, transmite assim integralmente aos bispos (sucessores dos Apóstolos) “a Palavra de Deus, confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos para que eles com a luz do Espírito de verdade, a guardem, exponham e difundam fielmente na sua pregação”¹²⁴. É, pois, a partir da pregação evangélica, que os textos do Antigo Testamento “adquirem e manifestam a sua significação plena no Novo Testamento que, por sua vez, o

¹²¹ *Ibidem*.

¹²² Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Dei Verbum*, nº 7.

¹²³ *Ibidem*, nº 8.

¹²⁴ *Ibidem*, nº 9.

iluminam e explicam”¹²⁵. Todas as coisas que os Apóstolos, “por mandado de Cristo, pregaram, foram depois, por inspiração do Espírito Santo, transmitidas por escrito, por eles mesmos e por versões apostólicas, como fundamento da fé, constituindo assim um Evangelho, em quatro formas, segundo Mateus, Marcos, Lucas e João”¹²⁶.

O capítulo VI, no número 21, refere a propósito da veneração dos Sagradas Escrituras, que “é necessário, portanto, que toda a pregação eclesiástica, bem como a própria religião cristã, se alimentem e se orientem pela Sagrada Escritura”¹²⁷. É este o princípio orientador de toda e qualquer homilia: a Sagrada Escritura, a verdadeira Palavra de Deus que se torna atual e presente na vida de todos. E só com este cuidado e fidelidade à Palavra é possível descobrir o verdadeiro sentido da homilia como Palavra explicada ao Povo eleito de Deus, a toda a humanidade. A homilia assume um papel fundamental na vida da Igreja e do ministério da Palavra através da pregação pastoral, da catequese e da instrução cristã que se “alimenta e santamente se revigora com a mesma palavra da Escritura”¹²⁸.

2.9. Ad Gentes Divinitus

O Decreto *Ad Gentes Divinitus* aborda diversos temas relativos à ação missionária da Igreja, onde vemos também a preocupação acerca da homilia e do anúncio do Evangelho. Quanto à razão de ser da atividade missionária, ela baseia-se na vontade de Deus em querer salvar toda a humanidade, chegando por isso, ao conhecimento da verdade e de Jesus Cristo Redentor. “É, pois necessário que todos se convertam a Ele, depois de conhecido pela

¹²⁵ *Ibidem*, nº 16.

¹²⁶ *Ibidem*, nº 18.

¹²⁷ *Ibidem*, nº. 21.

¹²⁸ *Ibidem*, nº 24.

pregação da Igreja, e se incorporem pelo Baptismo n'Ele e na Igreja, que é o seu corpo”¹²⁹. Temos aqui presente a importância da ação missionária da Igreja através da pregação, da homilia, uma vez que é na homilia que a Igreja por meio dos bispos e sacerdotes explica essa Palavra salvífica e vivificante para a humanidade. É necessário, porém, pregar o Evangelho a todos os povos, pois, “pela palavra da pregação e pela celebração dos sacramentos, cujo centro e vértice é a Sagrada Eucaristia, a atividade missionária torna presente Cristo, autor da salvação”¹³⁰. A Igreja tem, por isso, uma grande responsabilidade quanto à homilia: a responsabilidade de por ela e com ela tornar a Palavra de Deus presente e atuante na vida das pessoas, para que possam sentir essa presença de Deus nas suas vidas e lhes seja transmitida ao mesmo tempo com fidelidade à Sagrada Escritura a graça de Deus e a participação na obra da salvação de Deus, com uma palavra atual e que vá de encontro às necessidades da comunidade.

2.10. *Presbyterorum Ordinis*

O Decreto *Presbyterorum Ordinis*, sobre o ministério e vida dos presbíteros, atravessa toda a vida e missão do presbítero, admitindo várias chaves de leitura. Mas, neste momento, apenas nos interessa o que se refere à homilia e ao ministério da Palavra através da homilia. Pois é por aí mesmo que começamos, pelo ministério da Palavra, em que os presbíteros, como colaboradores dos bispos, têm o dever de anunciar o Evangelho de Deus a todos, formando e aumentando o Povo de Deus. “Na verdade, é por meio da palavra da salvação que se suscita a fé no coração dos não-crentes e se alimenta no dos crentes, iniciando-se e crescendo mediante essa mesma fé o número dos fiéis, segundo a frase do Apóstolo: *A fé surge da pregação, e a*

¹²⁹ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Ad Gentes Divinitus*, n° 7.

¹³⁰ *Ibidem*, n° 9.

pregação surge pela palavra de Cristo (Rm10,17)”¹³¹. Logo, os presbíteros são devedores de todos, no que diz respeito à comunicação da verdade do Evangelho, pois também através da homilia devem pregar abertamente aos não crentes o mistério de Cristo. “Mas a pregação sacerdotal, frequentemente dificultada devido às atuais circunstâncias do mundo, para que mova mais eficazmente as mentes dos ouvintes, deve expor a palavra de Deus, não só de um modo geral e abstrato, mas explicando a verdade perene do Evangelho às circunstâncias concretas da vida”¹³².

2.11. *Gaudium et Spes*

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo contemporâneo, foi elaborada pelo Concílio Vaticano II para estabelecer um diálogo aprofundado com o mundo contemporâneo e, com este documento, o diálogo da Igreja com o mundo passou a fazer-se em termos novos e mais adequados, em que nenhum dos grandes problemas do mundo passou ao lado da Igreja. Neste documento temos apenas uma referência no que respeita à homilia (pregação). Das múltiplas relações entre a boa nova de Cristo e a cultura humana, a Igreja lança mão da cultura, utilizando diversos recursos das diversas culturas para tornar a mensagem do Evangelho mais atual e mais presente em todas as culturas, uma vez que

“são múltiplos os laços existentes entre a mensagem da salvação e a cultura humana. Com efeito, Deus ao revelar-Se ao Seu povo até à Sua plena manifestação no Filho encarnado, falou segundo a cultura própria de cada época. De igual modo, a Igreja, que conheceu, no decorrer dos tempos, condições de existência variadas, utilizou os recursos das diversas culturas, para difundir e expor pela pregação a mensagem de Cristo a todos os povos, para melhor a exprimir mais perfeitamente na celebração litúrgica e na vida da multiforme comunidade dos fiéis”¹³³.

¹³¹ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Presbyterorum Ordinis*, n° 4.

¹³² *Ibidem*.

¹³³ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n° 58.

Através dos recursos que a cultura de cada povo tem para oferecer, a homilia pode e deve fazer uso deles, para que se possa fazer uma atualização da mensagem e se possa anunciar a palavra de Deus mediante as necessidades de cada povo com a sua própria cultura.

3. Exortação Apostólica Pós-Sinodal «*Sacramentum Caritatis*» de Sua Santidade o Papa Bento XVI

Nesta exortação, Sua Santidade o Papa Bento XVI alerta para a importância da Palavra de Deus e para a necessidade de melhorar a qualidade da homilia, pois ela é parte integrante da ação litúrgica e tem como função favorecer a compreensão e eficácia mais ampla da Palavra de Deus na vida dos fiéis.

“Por isso, os ministros ordenados devem «preparar cuidadosamente a homilia, baseando-se num adequado conhecimento da Sagrada Escritura». Evitem-se homilias genéricas ou abstratas; de modo particular, peço aos ministros para fazerem com que a homilia coloque a palavra de Deus proclamada em estreita relação com a celebração sacramental e com a vida da comunidade, de tal modo que a palavra de Deus seja realmente apoio e vida da Igreja. Tenha-se presente, a finalidade catequética e exortativa da homilia”¹³⁴.

4. Exortação Apostólica Pós-Sinodal «*Verbum Domini*» do Santo Padre Bento XVI

É a partir do ponto anterior que Sua Santidade o Papa Bento XVI volta a recordar a importância da homilia, e do seu melhoramento quanto à qualidade, trazendo também uma nova reflexão e uma maior cuidado de forma que não se oculte a simplicidade da Palavra de Deus.

“A homilia constitui uma atualização da mensagem da Sagrada Escritura, de tal modo que os fiéis sejam levados a descobrir a presença e a eficácia da Palavra de

¹³⁴ BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Sacramentum Caritatis*, n° 46.

Deus no momento atual da sua vida. Aquela deve levar à compreensão do mistério que se celebra; convidar para a missão, preparando a assembleia para a profissão de fé, a oração universal e a liturgia eucarística”¹³⁵.

Por isso, todos os que através do ministério específico estão responsáveis pela pregação da Palavra de Deus sejam fiéis à Palavra e como verdadeiros colaboradores no anúncio dessa Palavra empreguem todo o amor e empenho nessa tarefa. “Devem-se evitar tanto as homilias genéricas e abstratas que ocultam a simplicidade da Palavra de Deus, como inúteis divagações que ameaçam atrair a atenção mais para o pregador do que para o coração da mensagem evangélica”¹³⁶. Isto faz com que o centro da homilia seja a pessoa de Jesus Cristo e não aquele que prega Jesus Cristo, e para que tal aconteça é necessário e indispensável que todo aquele que prega Jesus Cristo, tenha familiaridade e contato assíduo com a Sagrada Escritura. É necessária também uma preparação da homilia na meditação e na oração para que a homilia seja o testemunho de convicção e paixão pela Palavra de Deus e pela pessoa de Jesus Cristo. A assembleia sinodal exorta a que se equacionem as seguintes perguntas: “O que dizem as leituras proclamadas? O que dizem a mim pessoalmente? O que devo dizer à comunidade, tendo em conta a sua situação concreta?”¹³⁷. O homiliasta deve, por isso,

“deixar-se «interpelar primeiro pela Palavra de Deus que anuncia», porque – como diz Santo Agostinho - «seguramente fica sem fruto aquele que prega exteriormente a Palavra de Deus sem a escutar no seu íntimo». Cuide-se, com atenção particular, a homilia dos domingos e solenidades; e mesmo durante a semana nas Missas *cum populo*, quando possível, não se deixe de oferecer breves reflexões, apropriadas à situação, para ajudar os fiéis a escolherem e tornarem fecunda a Palavra escutada”¹³⁸.

¹³⁵ BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Verbum Domini*, n° 59.

¹³⁶ *Ibidem*.

¹³⁷ *Ibidem*.

¹³⁸ *Ibidem*.

5. «A Eucaristia: comunhão com Cristo e entre nós». Reflexões Teológicas e Pastorais

Este documento, do Pontifício Comité para os Congressos Eucarísticos Internacionais em preparação para o 50º Congresso Eucarístico Internacional, em Dublin – Irlanda, de 10 a 17 de Junho de 2012, oferece-nos uma síntese excelente a todos os níveis acerca da homilia. Para quê muitas palavras quando podemos ficar a saber muito com tão pouco e bom: “Podemos dizer que a homilia está para a Liturgia da Palavra, assim como o partir do pão está para o rito da Comunhão. A sua finalidade é de nos encorajar a aceitar a Palavra como ela é verdadeiramente: a Palavra de Deus e a colocá-la em prática na nossa vida quotidiana”¹³⁹. A palavra “homilia” vem do termo grego, que significa “conversa familiar”, ou “coração falando a coração”. Através da homilia, a Palavra de Deus e a Liturgia da Eucaristia tornam-se, em conjunto, “a proclamação das maravilhas realizadas por Deus na história da salvação, o mistério de Cristo”¹⁴⁰. Ajudando os fiéis a compreender o espírito de Cristo, ao explicar-lhes alguns aspetos das leituras das Escrituras, ou então de um outro texto da própria missa do dia, o pregador deve levar em consideração tanto o mistério que está sendo celebrado, assim como as necessidades particulares dos que o escutam. O objetivo da homilia é o de explicar a Palavra de Deus e de ajudar os fiéis a descobrir “a arte de viver em comunhão com Cristo e entre eles, que brota da Eucaristia”¹⁴¹.

¹³⁹ PONTIFÍCIO COMITÉ PARA OS CONGRESSOS EUCARÍSTICOS INTERNACIONAIS, *A Eucaristia: comunhão com Cristo e entre nós*, nº 74.

¹⁴⁰ *Ibidem*.

¹⁴¹ *Ibidem*.

CAPÍTULO V – MINISTROS AO SERVIÇO DO MINISTÉRIO DA PALAVRA

“Na origem de qualquer Assembleia está uma «convocação divina». É uma verdadeira intervenção da transcendência na História. E é em virtude dessa intervenção dialogante que a multidão deixa de o ser para «parecer». A Assembleia nasce, pura e simplesmente, deste processo de convocação”¹⁴².

Este processo de convocação só é possível se existir uma resposta por parte do homem. Ao homem cabe a resposta, positiva ou negativa. A resposta positiva é dada através da fé, criando-se assim um diálogo entre Deus e o homem. É deste diálogo entre Deus e o homem que se constitui a Assembleia.

A convocação faz-se na e pela Palavra. Deus dirige a sua palavra ao homem que escuta, e interpela-o para que ele responda com a sua conversão. “Ao apelo lançado pela Palavra de Deus ao homem, este responde numa profissão de fé, pessoal e comunitária simultaneamente. Sem esta resposta não há diálogo Deus – homem e a Assembleia não pode existir”¹⁴³.

Na Antiga Aliança Deus enviou os profetas e os reis a convocar o seu povo, na Nova Aliança enviou o seu Filho e, pelo seu Mistério Pascal, Jesus Cristo envia o Espírito Santo que se torna visível no envio dos Apóstolos. Às comunidades coube a tarefa de confirmar a missão dos Apóstolos. A Assembleia Litúrgica torna-se assim, presença da convocação que Deus faz ao homem. “É esta a afirmação sacramental da «função missionária da Igreja: função de chamamento, de convocação dos homens à Salvação»”¹⁴⁴. “O anúncio da Palavra

¹⁴² J. DUQUE, «Assembleia Litúrgica e Igreja local», in *Cenáculo* 102 (1987) 27.

¹⁴³ *Ibidem*, 29.

¹⁴⁴ *Ibidem*, 31.

de Deus visa a conversão cristã, isto é, a adesão plena e sincera a Cristo e ao Evangelho, mediante a fé”¹⁴⁵.

A Assembleia de Deus torna possível aos homens constituírem Igreja e entrarem, assim, no diálogo com Deus.

“A Assembleia Litúrgica apresenta-nos, portanto, a Igreja como uma comunidade (Povo) que caminha na História os caminhos do mundo; uma comunidade que tem por fonte e cabeça o próprio Deus, em Jesus Cristo, pelo Espírito; uma comunidade que faz sua a História da Salvação; um Povo que marcha rumo à parusia, fazendo dessa marcha um sacramento de Deus que se comunica; um «Povo de Deus»”¹⁴⁶.

Na celebração litúrgica a Palavra de Deus não se lê, mas realiza-se. “O processo de autocomunicação de Deus à humanidade, que a Igreja conheceu e aceitou pela fé, produz-se agora numa ação concreta e real. Esta constitui-se o objeto da celebração. Celebra-se precisamente a presença de Deus, perante a assembleia, pela comunicação da Palavra”¹⁴⁷.

O Povo de Deus é um corpo, e enquanto corpo é visível, incarnado e histórico. E, como qualquer corpo, é constituído por membros diferentes uns dos outros e com funções também diferentes e determinadas. O mesmo acontece com o Povo de Deus: a partir da igualdade fundamental dos membros, afirmam-se as diferenciações funcionais que colaboram na construção do todo. Assim, surgem os ministérios (ordenados ou não), que são iguais em dignidade, embora sejam diferentes na sua função eclesial.

Neste corpo, a cabeça é Jesus Cristo. E, como em qualquer corpo, todos os membros têm de estar ligados à cabeça, ou então são membros mortos, e causam sofrimento a todo o corpo.

Para que o Povo possa compreender a Palavra de Deus e guardá-la no seu coração e para a colocar em prática, é necessário que se explique o verdadeiro sentido dessa mesma palavra. Jesus Cristo depois de ter proclamado a eficácia da Palavra na parábola da semente,

¹⁴⁵ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, *Redemptoris Missio*, 7 de Dezembro de 1990, nº 46.

¹⁴⁶ J. DUQUE, «Assembleia Litúrgica e Igreja local», in *Cenáculo* 102 (1987) 32.

¹⁴⁷ José ALDZÁBAL e Josep ROCA, *A Arte da homilia*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2006, 19-20.

faz a explicação da mesma para o grupo dos discípulos como numa homilia, introduzindo-os no significado do mistério do reino de Deus (Mc. 4, 1-20). “A Igreja oferece aos homens o Evangelho, documento profético, capaz de corresponder às exigências e aspirações do coração humano: é e será sempre a «Boa Nova». A Igreja não pode deixar de proclamar que Jesus veio revelar a face de Deus, e merecer, pela cruz e ressurreição, a salvação para todos os homens”¹⁴⁸.

“O ministério da palavra deve ser exercido com muita fidelidade e no modo devido. A pregação deve ir beber à Sagrada Escritura e à Liturgia, e ser como que o anúncio das maravilhas de Deus na história da salvação”¹⁴⁹. A tarefa do ministro da palavra não termina quando este explica o significado da mesma. Tem que mostrar que acredita e a aplica na sua vida. “Mas a pregação sacerdotal, frequentemente dificultada devido às atuais circunstâncias do mundo, para que mova mais eficazmente as mentes dos ouvintes, deve expor a Palavra de Deus, não só de um modo geral e abstrato, mas aplicando a verdade perene do Evangelho às circunstâncias concretas da vida”¹⁵⁰. A homilia mostra, ao Povo de Deus, o que lhe diz hoje a Palavra de Deus, ajudando à conversão de coração ao Senhor que interpela e chama à comunhão com Ele.

A homilia é um ato litúrgico reservado ao ministério ordenado, que tem como missão reunir o Povo de Deus, e alimentá-lo com a Sua Palavra e o Seu corpo.

“Ainda que não possuam o cume do pontificado e dependam dos bispos no exercício dos seus poderes, os presbíteros estão-lhes unidos na dignidade sacerdotal comum e, pelo sacramento da Ordem, ficam consagrados para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino, como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento, à imagem de Cristo, sumo e eterno sacerdote. Participando, no grau próprio do seu ministério, na função de Cristo, mediador único, anunciam a todos a palavra de Deus”¹⁵¹.

¹⁴⁸ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, *Redemptoris Missio*, 7 de Dezembro de 1990, nº 11.

¹⁴⁹ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, nº 35.

¹⁵⁰ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Presbyterorum Ordinis*, nº 4.

¹⁵¹ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, nº 28.

A Igreja anuncia a palavra da salvação por um mandato do Senhor recebido através dos apóstolos. Esta missão cumpre-se tendo em conta as necessidades dos homens, para que todos possam participar no anúncio do Evangelho segundo a diversidade de carismas e funções.

A principal manifestação da Palavra na ação pastoral da Igreja é, sem dúvida, aquela que acompanha o testemunho crente, explica e interpreta-o, e faz dele a chamada evangelizadora para os homens e para o mundo. A Igreja torna-se, então, a servidora da Palavra, sendo o seu conteúdo central o anúncio do Evangelho com a honestidade do seu testemunho, cumprindo o mandato de Cristo. “A Igreja vive para que a sua palavra seja luz que chega a todas as situações e realidades humanas e as salva”¹⁵².

“Enviada e evangelizadora, a Igreja envia também ela própria evangelizadores”¹⁵³. Nesta missão da Igreja, a uns cabe o cuidado da palavra, a sua transmissão, a sua proclamação; outros têm a função de a pronunciar testemunhando e vivendo-a no seio das diferentes circunstâncias e situações humanas. Para todos a palavra é fonte, colocando-se ao serviço dela e estando em comunhão com Deus. “O primado dos ministérios é o da evangelização. Em Jesus e nos Apóstolos e nos seus sucessores, a pregação e o ensino são prioritários. Assim, a Igreja encontra a sua verdadeira identidade na missão evangelizadora”¹⁵⁴.

Contudo, é aos bispos a quem compete em primeiro lugar o dever de pregar o Evangelho, depois aos presbíteros e, por fim, aos diáconos que através do seu mistério da liturgia da Palavra servem o povo de Deus. “Os presbíteros existem e agem para o anúncio do Evangelho ao mundo e para a edificação da Igreja. O seu ministério é exercido sempre e na pessoa de Cristo Cabeça e Pastor”¹⁵⁵. Assim, a homilia exige aos ministros uma fidelidade

¹⁵² Júlio A. RAMOS, *Sapientia Fidei*, Biblioteca de autores cristianos, Madrid, 1995, 406.

¹⁵³ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica, *Evangelii Nuntiandi*, 8 de Dezembro de 1975, nº 15.

¹⁵⁴ José Manuel CORDEIRO, *O Padre: Do mistério ao ministério*, Pedra Angular, 2009, 70.

¹⁵⁵ *Ibidem*, 125.

mais aprimorada à Palavra divina que transmitem e explicam. “O ministro é a pessoa preparada e autorizada pela Igreja para um sério serviço à Palavra, isto é, à Palavra de Deus que salva”¹⁵⁶. “Os leigos, como todos os cristãos, têm o direito de receber abundantemente, dos sagrados pastores, os bens espirituais da Igreja, sobretudo os auxílios da palavra de Deus e dos sacramentos; manifestem-lhes, pois, as suas necessidades e os seus desejos, com a liberdade e confiança próprias de filhos de Deus e irmãos em Cristo”¹⁵⁷. É dever dos ministros transmitir as inúmeras riquezas contidas na Palavra de Deus e, por isso, é necessário que se dediquem com muito empenho à leitura e ao estudo da Sagrada Escritura, para não serem “pregadores vazios e superficiais da palavra de Deus, por não a escutarem interiormente”¹⁵⁸. “Para que o «seu serviço» seja eficaz, o pregador necessita conhecer cada vez melhor a Bíblia e estar em dia na sua interpretação”¹⁵⁹. “A fonte principal da pregação tem de ser a Sagrada Escritura meditada na oração pessoal e conhecida por meio do estudo e leitura de livros adequados”¹⁶⁰.

A homilia é o lugar onde mais repetidamente a Palavra de Deus encontra uma explicação para a vida dos fiéis. “A homilia pertence à ação pastoral desenvolvida como vida e expressão da comunidade cristã”¹⁶¹. “Em qualquer celebração da Igreja a Palavra tem aí o seu papel, o seu valor de revelação, construindo comunhão”¹⁶².

Tendo em conta que é o Senhor que entra e abre o coração dos homens, os ministros encontram-se intimamente unidos ao Mestre, Jesus Cristo, fazendo-o presente, falando e atuando em Seu nome. A homilia exige também que o ministro tenha conhecimento daqueles a quem se dirige, dos seus problemas e das suas necessidades, para que a Palavra que

¹⁵⁶ Armindo Ribeiro GONÇALVES, «Ministérios Ordenados: Missão do Presbítero», in *Cenáculo* 108 (1989) 17.

¹⁵⁷ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, nº 37.

¹⁵⁸ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Dei Verbum*, nº 25.

¹⁵⁹ José ALDZÁBAL e Josep ROCA, *A Arte da homilia*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2006, 26.

¹⁶⁰ José Manuel CORDEIRO, *O Padre: Do mistério ao ministério*, Pedra Angular, 2009, 126.

¹⁶¹ Júlio A. RAMOS, *Sapientia Fidei*, Biblioteca de autores cristianos, Madrid, 1995, 413.

¹⁶² Armindo Ribeiro GONÇALVES, «Ministérios Ordenados: Missão do Presbítero», in *Cenáculo* 108 (1989) 16.

proclama seja atual, iluminadora e interpelante. “Deve entrar em sintonia com a vida da comunidade concreta que celebra com ele”¹⁶³. “A pregação sem ligação com a vida é paleio aéreo”¹⁶⁴.

A homilia exige que os ministros tenham assim preparação litúrgica, catequética e escriturística. O desenvolvimento homilético exigiu uma atualização e uma preparação, já que os estudos teológicos também se desenvolveram e avançaram na compreensão da Escritura. À semelhança de Jesus, na Sinagoga de Nazaré, a homilia faz com que se cumpra hoje essa palavra, é assim a atualização da palavra.

“A Palavra de Deus e a sua prolongação na homilia situa a ação litúrgica e mostra a atualidade da salvação no mesmo processo da celebração”¹⁶⁵. A homilia é dirigida a uma comunidade de cristãos que, depois de escutar a Palavra de Deus, a deve levar para a sua vida, que deve provocar uma resposta de conversão. Para que essa atitude se realize é necessário conhecer a comunidade a quem é dirigida, bem como as características da sua vida.

O primeiro ouvinte da Palavra deve ser o ministro que proclama a homilia. A homilia que pronuncia deve ser também testemunho e experiência de vida.

“É que, no caso do ministério da Palavra, a mensagem não pode ser nunca totalmente extrínseca ao mensageiro. Este não pode ser somente um cronista externo, desinteressado, em relação àquele que comunica. É o próprio sentido da fé, da sua própria fé, o que há-de transmitir; portanto, ele mesmo deverá sentir-se penetrado por esse sentimento da fé”¹⁶⁶.

Para que isso aconteça é necessário uma preparação bastante cuidadosa, desde a leitura, a meditação e a oração, bem como ter em atenção necessidades da comunidade para a qual está a dirigir a palavra. Deve utilizar uma linguagem simbólica, emotiva, que partilha experiências, ter mais em conta o vivido em detrimento do racional. O ministro da Palavra passa a ser ele próprio a Palavra de Deus, uma vez que a proclama e a transmite. Tem de se

¹⁶³ José ALDZÁBAL e Josep ROCA, *A Arte da homilia*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2006, 50.

¹⁶⁴ Carlos A. Moreira AZEVEDO, *Ser Padre*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, 122.

¹⁶⁵ Júlio A. RAMOS, *Sapientia Fidei*, Biblioteca de autores cristianos, Madrid, 1995, 418.

¹⁶⁶ José ALDZÁBAL e Josep ROCA, *A Arte da homilia*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2006, 36.

deixar tomar por Deus, pelo seu amor, pela sua mensagem, para que possa trazer o plano da salvação ao mundo e à humanidade.

“Ao lado dos ministérios ordenados, graças aos quais alguns fiéis são colocados na ordem dos Pastores e passam a consagrar-se de uma maneira particular ao serviço da comunidade, a Igreja reconhece também o lugar de ministérios não ordenados, e que são aptos para assegurar um especial serviço da mesma Igreja”¹⁶⁷. Estes ministérios não ordenados são por exemplo, os de catequistas, de animadores de oração e do canto, de assistência aos irmãos com necessidades, entre outros, e são de extrema importância para a vida e crescimento da Igreja, bem como para a irradiação da sua mensagem. Entre os ministérios da palavra encontra-se a catequese, que é a iniciação fundamental e sistematizada da vida cristã. A catequese consiste na educação ordenada e progressiva da fé, através de um processo dinâmico, gradual e permanente que une ao conhecimento da Palavra de Deus a celebração da fé nos sacramentos e o testemunho na vida quotidiana¹⁶⁸.

Os grandes catequistas da época patrística orientaram a sua catequese para a preparação do batismo, especialmente quando, a partir do século IV, se instala o catecumenado. Liam e interpretavam a Sagrada Escritura como base e fundamento das orientações morais para a vida cristã. A catequese, hoje, constrói-se a partir de três elementos: a experiência humana e cristã, a Palavra de Deus e a expressão de fé.

João Paulo II, na sua exortação apostólica *Catechesi Tradendae*, afirma que a catequese “tem de ser impregnada e embebida de pensamento, espírito e atitudes bíblicas e evangélicas, mediante um contato assíduo com os próprios textos sagrados; é já recordar também que a catequese será tanto mais rica e eficaz, quanto mais ler os textos com a inteligência e o coração da Igreja”¹⁶⁹.

¹⁶⁷ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica, *Evangelii Nuntiandi*, 8 de Dezembro de 1975, n.º 73.

¹⁶⁸ Cf COMISIÓN EPISCOPAL DE ENSEÑANZA Y CATEQUESIS, *La catequesis de la comunidad. Orientaciones pastorales para la catequesis en España, hoy*, 1983, nn. 78 ss.

¹⁶⁹ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica, *Catechesi Tradendae*, 16 de Outubro de 1979, n.º 27.

“A catequese constitui-se assim numa leitura dos textos bíblicos mediante uma chave eclesial concreta: o símbolo da fé, o Pai-Nosso e as normas de vida do Evangelho, que se concretizam no mandato do amor e das Bem-Aventuranças”¹⁷⁰. Tal como a catequese, a homilia também deverá conter a dimensão evangelizadora e catequética. A exortação apostólica *Catechesi Tradendae* faz referência às relações entre a catequese e a homilia:

“a homilia retoma o itinerário da fé proposto na catequese e leva-o ao seu complemento natural; ao mesmo tempo, impulsiona os discípulos do Senhor a retomarem cada dia o seu itinerário espiritual na verdade, na adoração e na ação de graças. Neste sentido, pode-se dizer que também a pedagogia da fé tem a sua fonte e o seu complemento final na Eucaristia, ao longo do ciclo completo do ano litúrgico. A pregação, centrada nos textos bíblicos, deverá então, à sua maneira, dar azo a que os fiéis se familiarizem com o conjunto dos mistérios da fé e das normas da vida cristã”¹⁷¹.

Tal como a homilia, a catequese, através da palavra, anuncia o Mistério de Cristo, e pelo testemunho encoraja e provoca a que os novos seguidores vivam de acordo com esse mesmo Mistério. “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura: Quem acreditar e for batizado será salvo” (Mc 16,15-16). A missão da Igreja é anunciar o Evangelho, tal como Jesus Cristo tinha indicado, e a catequese situa-se nessa linha. É à Igreja que compete continuar a missão de Jesus Cristo: levar a Boa Nova a todos os povos, e a catequese é uma ação da Igreja. “Para todos é indispensável o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, a sua aceitação pessoal. Esta adesão ao Evangelho é uma decisão que mexe com a vida de cada um. Que traz transformações à forma de viver”¹⁷².

“A função da catequese consiste em fazer ressoar a Palavra de Deus, viva e significativa, de modo que toque a experiência do crente, o ilumine, o leve a interpretar a sua vida à luz da Palavra e lhe dê uma resposta positiva, com todas as implicações vitais que isso

¹⁷⁰ António M. ARTOLA, e José Manuel Sanchez CARO, *Bíblia e Palavra de Deus*, Introducción al estudio de la Biblia, vol. 2, editorial Verbo Divino, 1995, 423.

¹⁷¹ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica, *Catechesi Tradendae*, 16 de Outubro de 1979, nº 48.

¹⁷² Purificação GUILHERME, «Perspectivas sobre uma pedagogia bíblica para a catequese – 1º a 3º catecismo», in *Pastoral Catequética* 15 (2009) 48.

acarreta”¹⁷³. “Os catequistas são agentes especializados, testemunhas diretas, evangelizadores insubstituíveis, que representam a força basilar das comunidades cristãs”¹⁷⁴. Hoje em dia, com a escassez de ministérios ordenados, para evangelizar e para exercer o ministério pastoral, a função dos catequistas e de outras pessoas que colaboram na difusão e anúncio da Palavra de Deus, é cada vez mais de extrema importância.

¹⁷³ DEPARTAMENTO ARQUIDIOCESANO DA CATEQUESE, *Catequistas Século XXI*, Diário do Minho, Braga, Braga, 2006, 128.

¹⁷⁴ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, *Redemptoris Missio*, 7 de Dezembro de 1990, nº 73.

1. Inquérito sobre a Homilia

Tendo em conta que vivemos em constante mudança, é também necessário para este estudo ver até que ponto a homilia foi capaz de acompanhar essa mudança constante e desenvolvimento do nosso mundo. Para que se possa verificar o estado da homilia na atualidade, foi efetuado um inquérito a um grupo de 100 pessoas (com idades entre os 26 e 70 anos) que frequentam a Eucaristia pelo menos uma vez por mês e, a um grupo de jovens (com idades entre os 16 e os 25 anos) numa paróquia rural e numa paróquia urbana da diocese de Viana do Castelo, pois é através da visão do povo de Deus que podemos verificar se as homilias dos ministros da Palavra de Deus são, à semelhança da verdadeira homilia de Jesus, realizada na Sinagoga de Nazaré, uma adequação da Palavra de Deus para a comunidade em questão, uma atualização dessa mesma Palavra, provocando na comunidade uma resposta de conversão, levando também para a sua vida essa Palavra viva e eficaz.

Este inquérito/pesquisa, tem como objetivo procurar saber se a homilia dos nossos dias evoca a Palavra de Deus e a torna presente na vida dos crentes, levando-os à vivência plena da sua vida e da sua fé em Jesus Cristo. Através do inquérito e da sua análise, podemos verificar se a homilia continua fiel à Palavra de Deus e a atualiza na vida dos crentes e se demonstra a existência da preparação cuidada da homilia por parte dos sacerdotes. O inquérito (tanto na paróquia rural como urbana) foi feito a 50 pessoas do sexo masculino e a 50 pessoas do sexo feminino com as idades compreendidas entre os 26 e os 70 anos. Foi também inquirido um grupo de jovens (30 elementos) na paróquia rural, e um grupo de jovens (60 elementos) na paróquia urbana com idades compreendidas entre os 16 e os 25 anos. Interessa antes de mais

dizer que apenas nos limitamos às respostas dos fiéis acerca da homilia, pois o mais importante é saber o real estado da homilia.

O modelo do inquérito ao qual as pessoas responderam encontra-se nas páginas seguintes. Tendo em conta as respostas obtidas no inquérito, iremos de seguida proceder à análise dos respetivos resultados.

Modelo De Inquérito

Idade: _____ Sexo: _____

1 – Quantas vezes, por mês, frequenta a Eucaristia?

- 1 a 4 vezes
- 5 a 10 vezes
- 10 ou mais vezes

2 – Sabe o que é a homilia?

- Sim
- Não

3 – Costuma estar atento(a) à homilia? (Apenas para quem respondeu sim na questão 2).

- Sim
- Não

4 – Acha que a homilia é cuidada e eficaz? (Apenas para quem respondeu sim na questão 3).

- Sim
- Não

5 – Quais os motivos para o fracasso da homilia? (Apenas para quem respondeu não à questão 4).

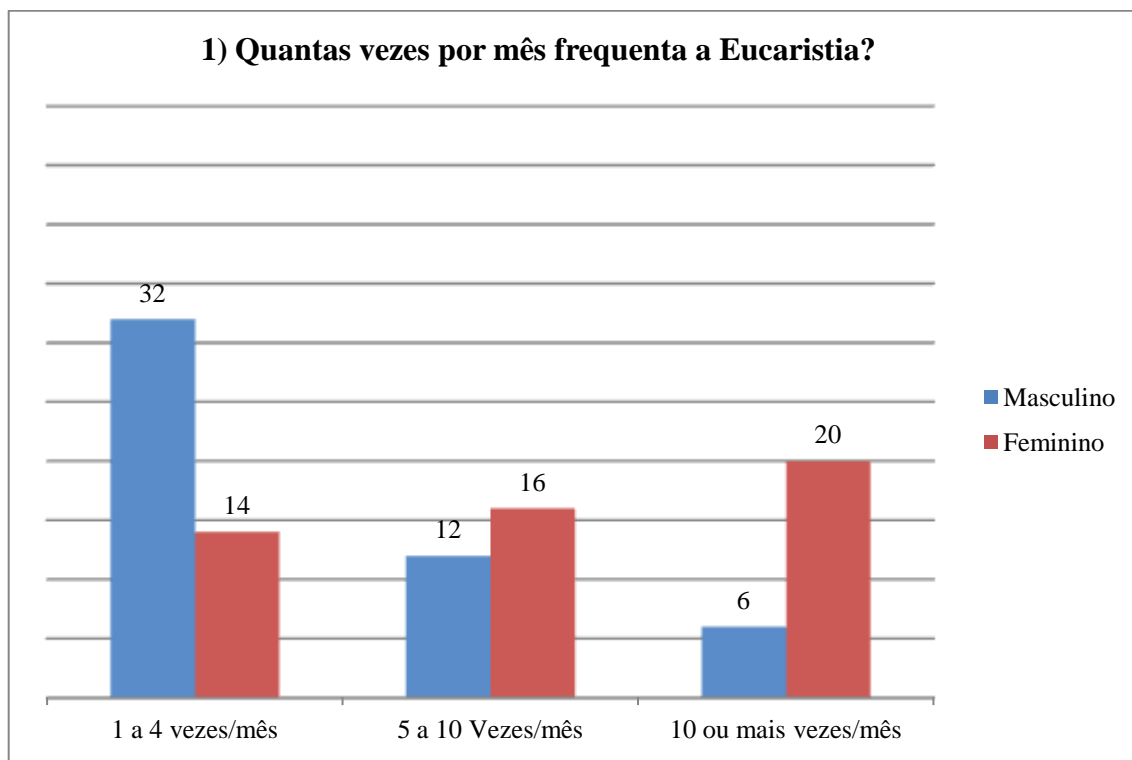
- Muito longa; muito tempo.
- Muitas divagações e homilias abstratas.
- Não se adequa à vida da comunidade.
- Falta de cuidado na linguagem.
- Notável falta de preparação da homilia.

2. Respostas e avaliação dos problemas da homilia

2.1. Paróquia urbana

2.1.1. Grupo de fiéis (100 elementos) dos 26 aos 70 anos

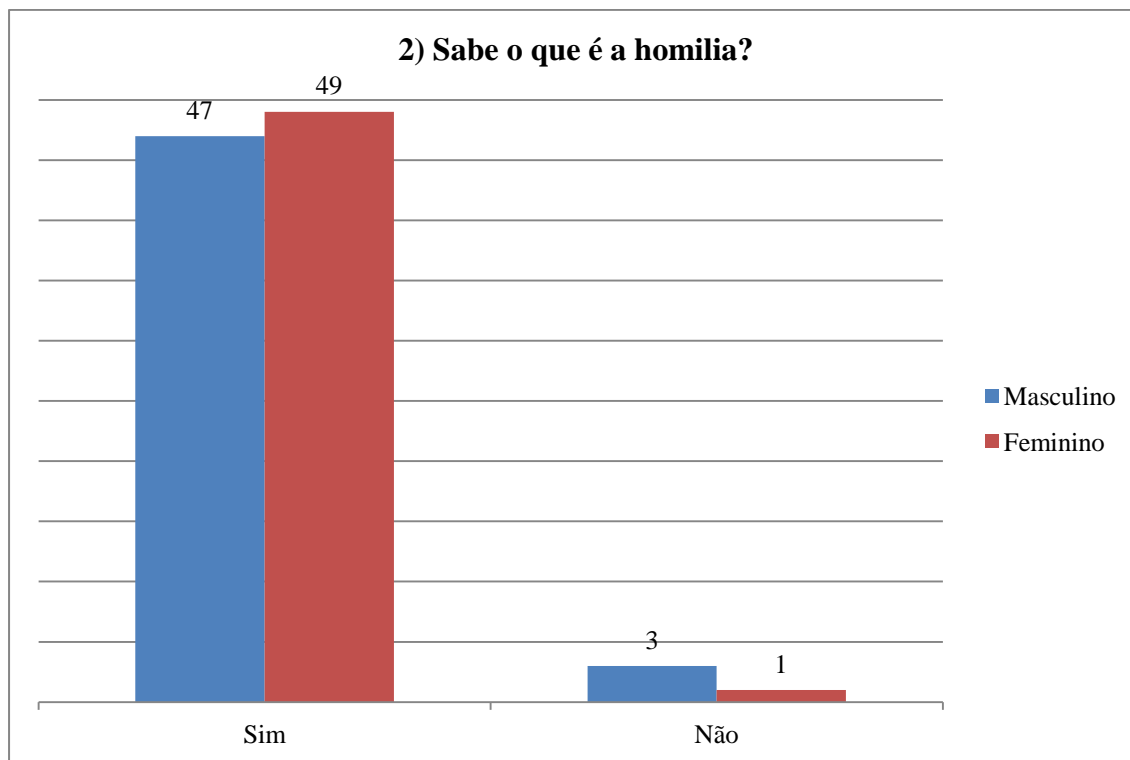
Gráfico 1 – Quantas vezes por mês frequenta a Eucaristia?



Universo dos inquiridos: 100

Este gráfico é referente à primeira questão, à assiduidade à celebração da Eucaristia. Podemos verificar que pessoas do sexo feminino participam mais na celebração da Eucaristia durante o mês, e pessoas do sexo masculino participam apenas até 10 vezes por mês na Eucaristia.

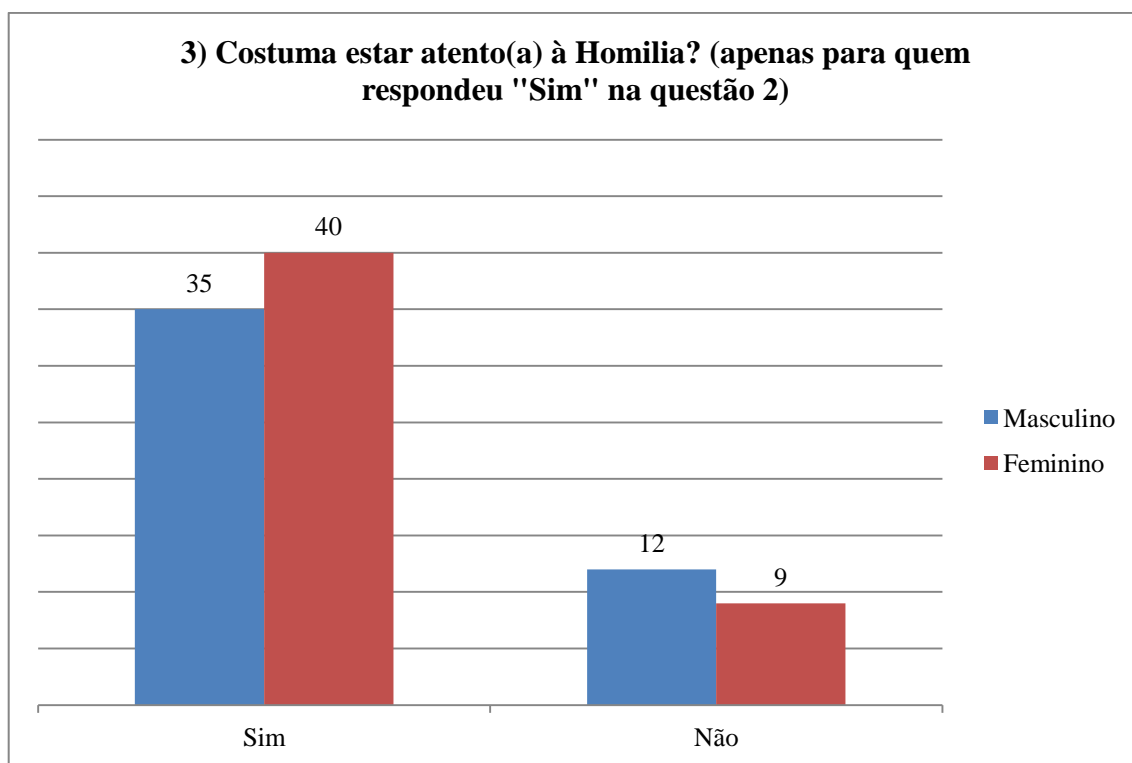
Gráfico 2 – Sabe o que é a homilia?



Universo dos inquiridos: 100

Com esta questão podemos verificar até que ponto o povo de Deus tem conhecimento da homilia. De todos os inquiridos apenas 4 não sabem o que é a homilia, havendo 96 pessoas inquiridas, informadas acerca do que é a homilia na celebração eucarística.

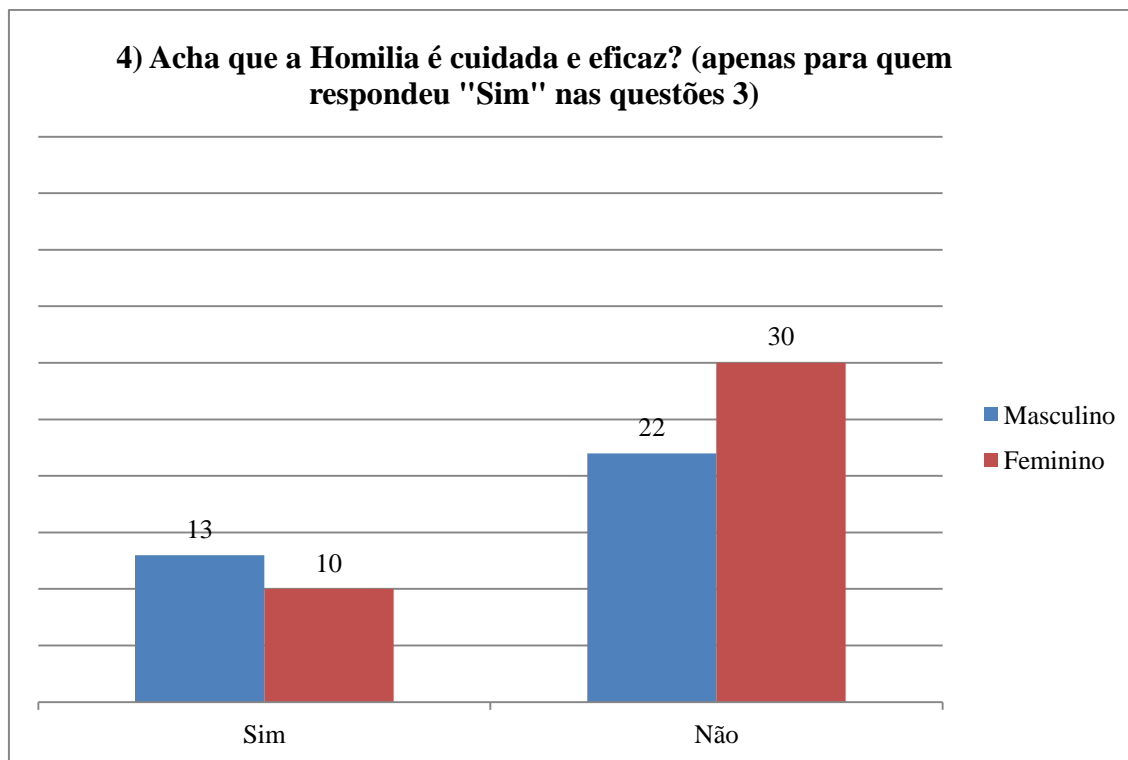
Gráfico 3 – Costuma estar atento(a) à Homilia?



Universo dos inquiridos: 96

A esta questão apenas respondem aqueles (as) que responderam afirmativamente na questão 2, pois pressupõe o conhecimento do que é a homilia, sendo o cerne do nosso inquérito. Dos 96 inquiridos, 75 costumam estar atentos à homilia.

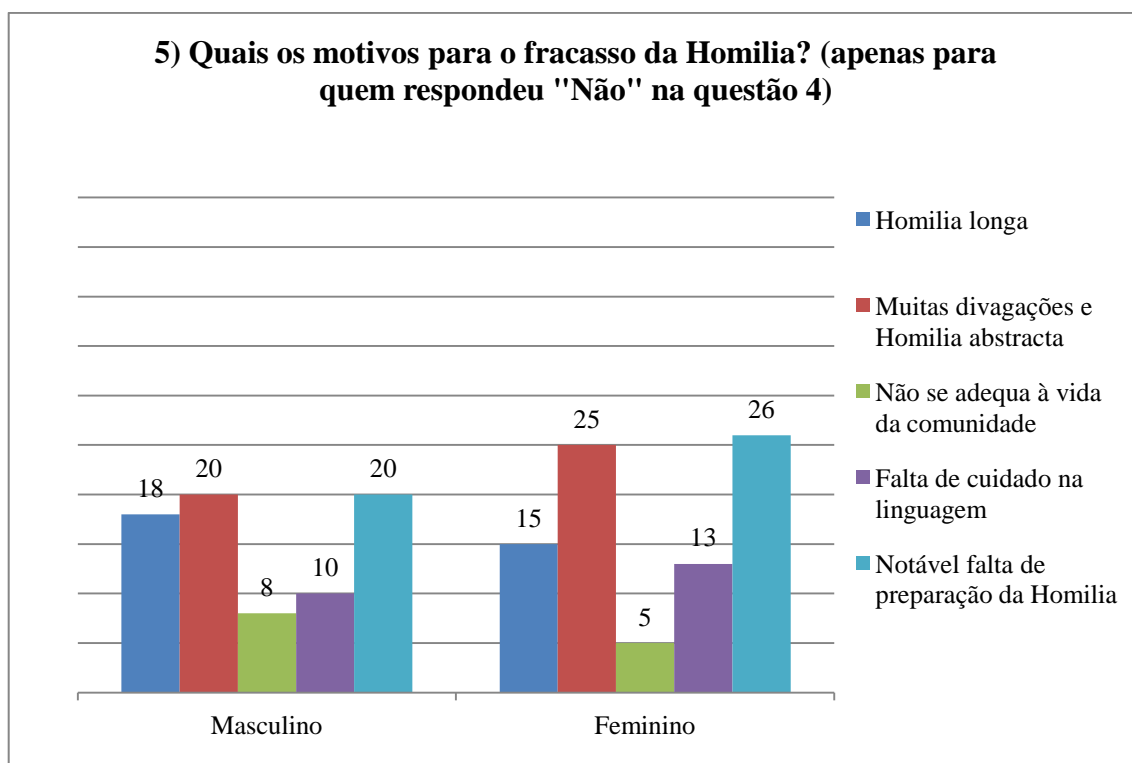
Gráfico 4 – Acha que a Homilia é cuidada e eficaz?



Universo dos inquiridos: 75

Para quem respondeu “Sim” na questão 3 (75 pessoas), vemos que 23 pessoas acham que as homilias dos sacerdotes são cuidadosamente preparadas e eficazes no que transmitem e 52 dos inquiridos, nesta questão, acham que as homilias da atualidade não possuem o cuidado devido e que não são eficazes quanto à divulgação da Palavra de Deus.

Gráfico 5 – Quais os motivos para o fracasso da Homilia?



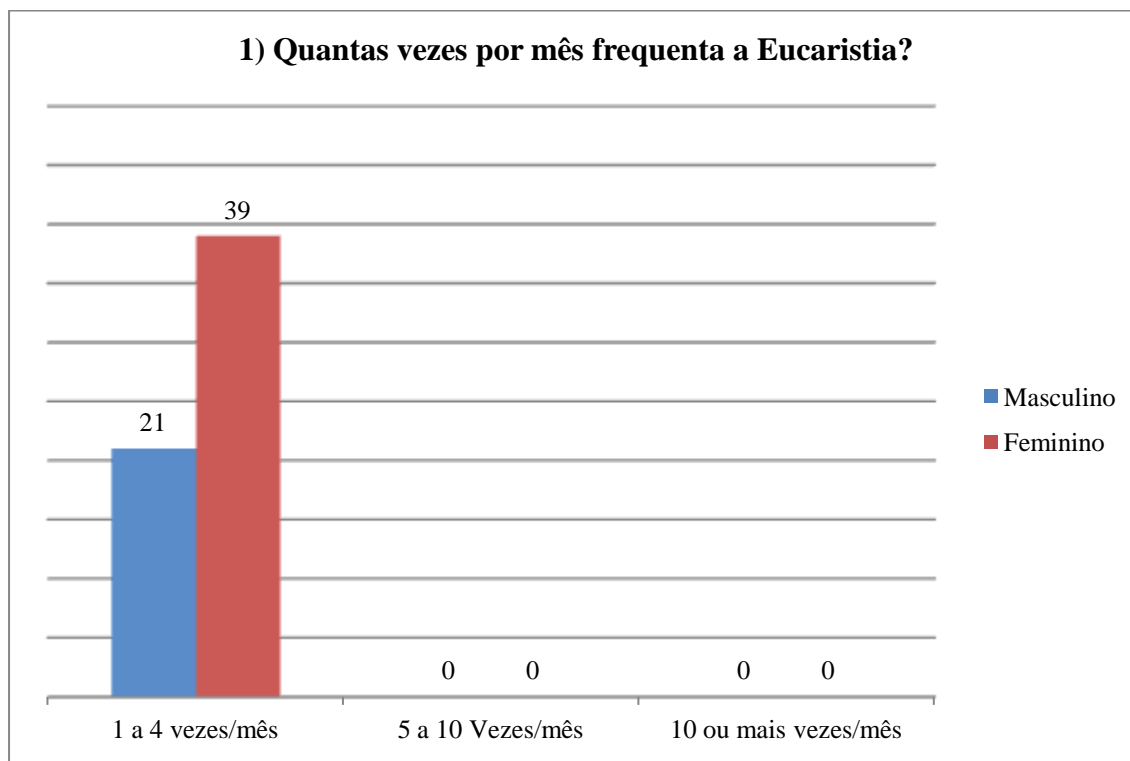
Universo dos inquiridos: 52

Aqui reside o culminar da nossa pesquisa. A esta questão responderam 52 pessoas, apresentando quais os motivos para este fracasso da homilia na atualidade. Os motivos mais mencionados pelos inquiridos foram os seguintes:

- notável falta de preparação da homilia – 46
- muitas divagações e homilias abstratas – 45
- muito longas – 33
- falta de cuidado na linguagem – 23
- não se adequa à vida da comunidade – 13

2.1.2. Grupo de jovens (60 elementos) dos 16 aos 25 anos

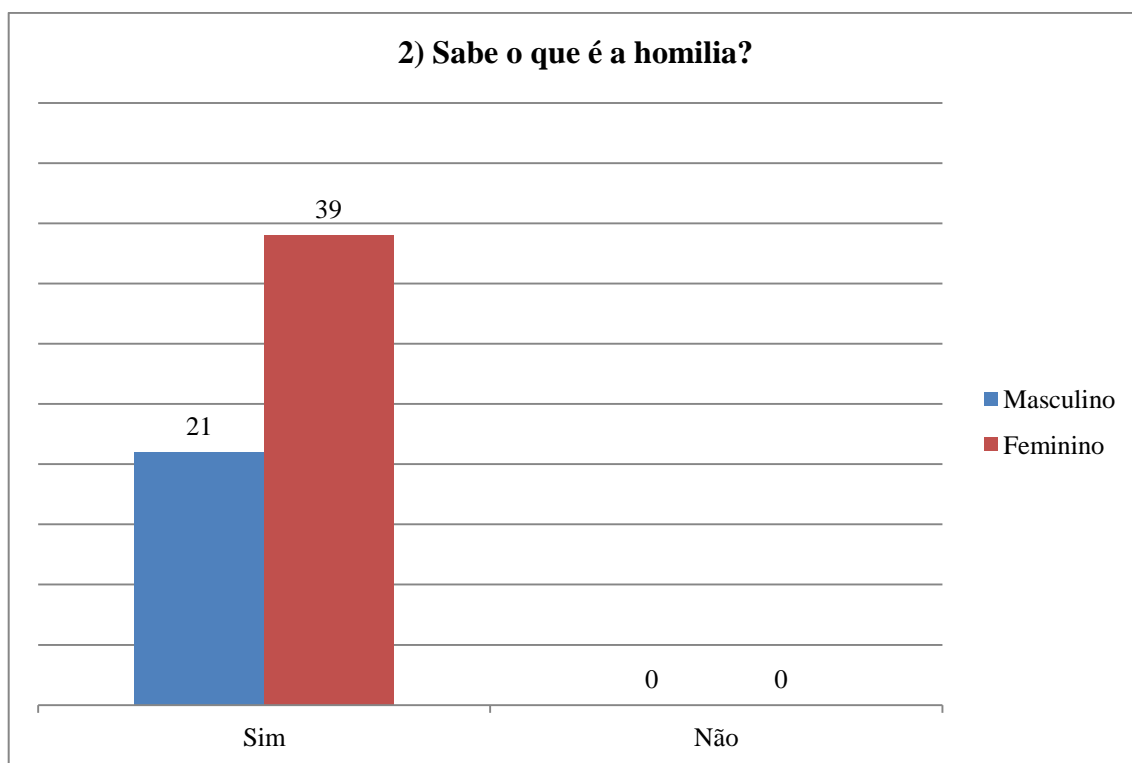
Gráfico 1 – Quantas vezes por mês frequenta a Eucaristia?



Universo dos inquiridos: 60

Este gráfico referente à primeira questão, à assiduidade à celebração da Eucaristia por parte do grupo de jovens da paróquia urbana. Podemos verificar que nas paróquias urbanas os jovens do sexo feminino e masculino participam mais na celebração da Eucaristia de 1 a 4 vezes durante o mês.

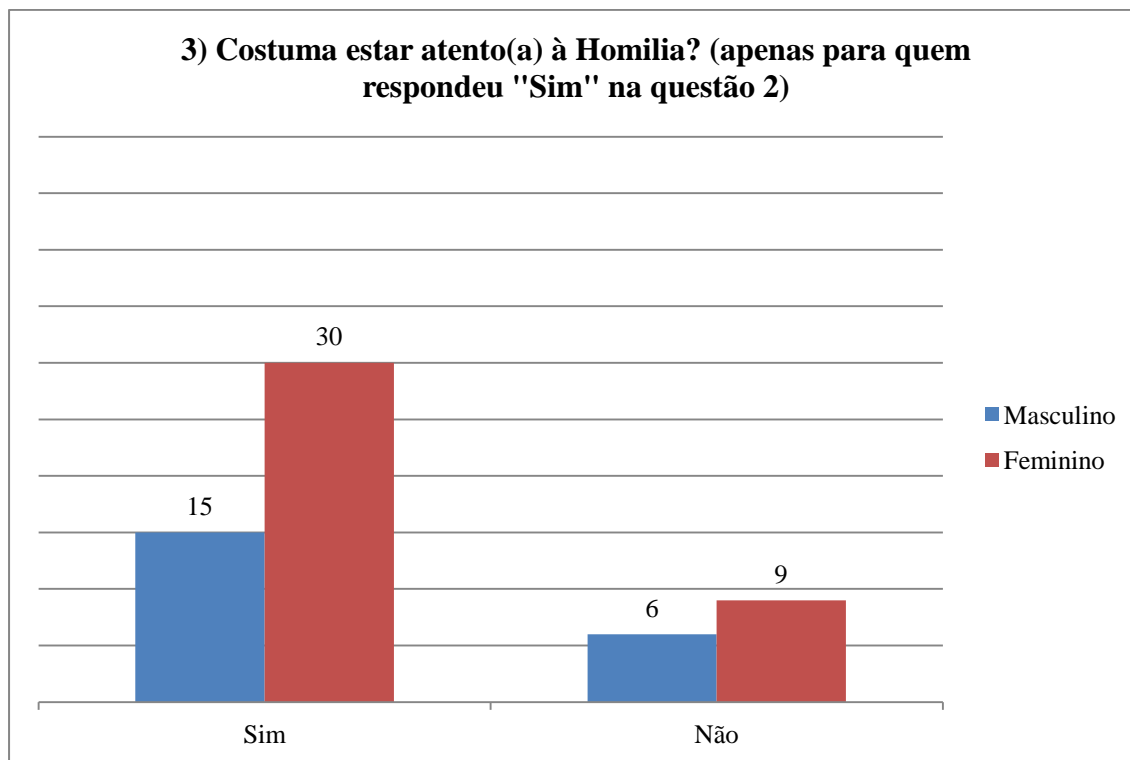
Gráfico 2 – Sabe o que é a homilia?



Universo dos inquiridos: 60

Com esta questão podemos verificar através do gráfico que os jovens no meio urbano têm conhecimento do que é a homilia. Dos 60 inquiridos, todos responderam afirmativamente à questão.

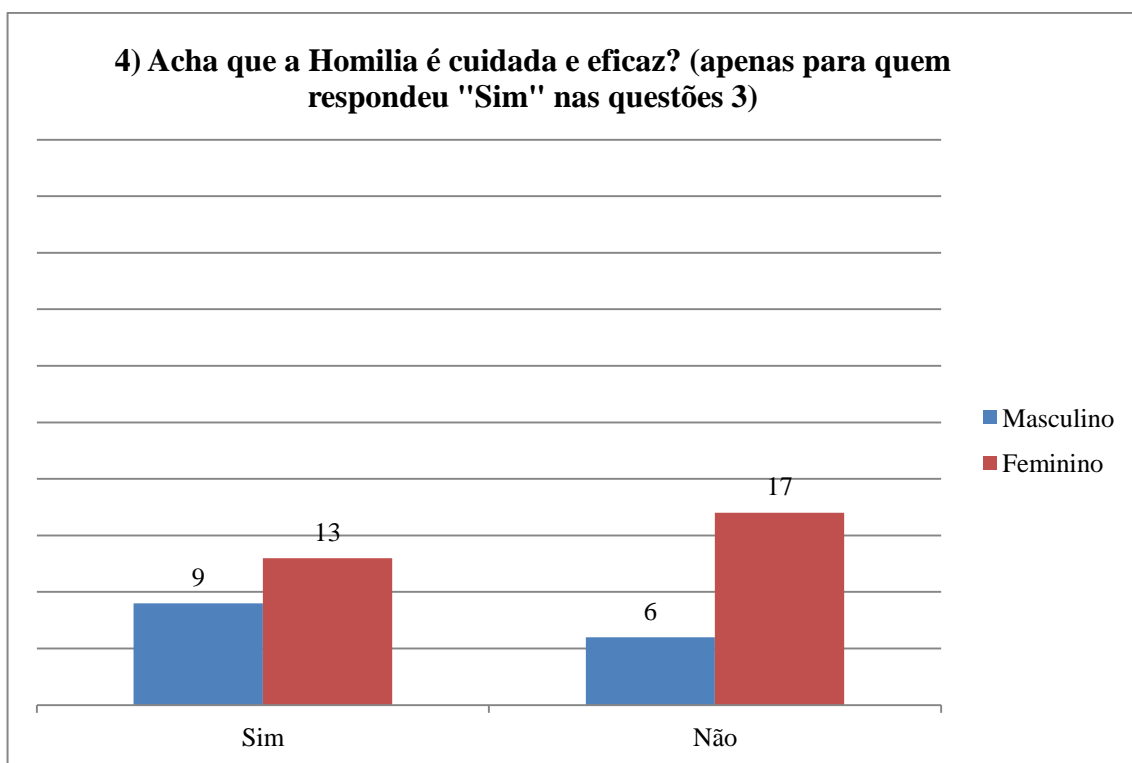
Gráfico 3 – Costuma estar atento(a) à Homilia?



Universo dos inquiridos: 60

A esta questão apenas respondem aqueles (as) que responderam afirmativamente na questão 2, pois pressupõe o conhecimento do que é a homilia, sendo o cerne do nosso inquérito. Dos 60 jovens inquiridos 45 costumam estar atentos à homilia.

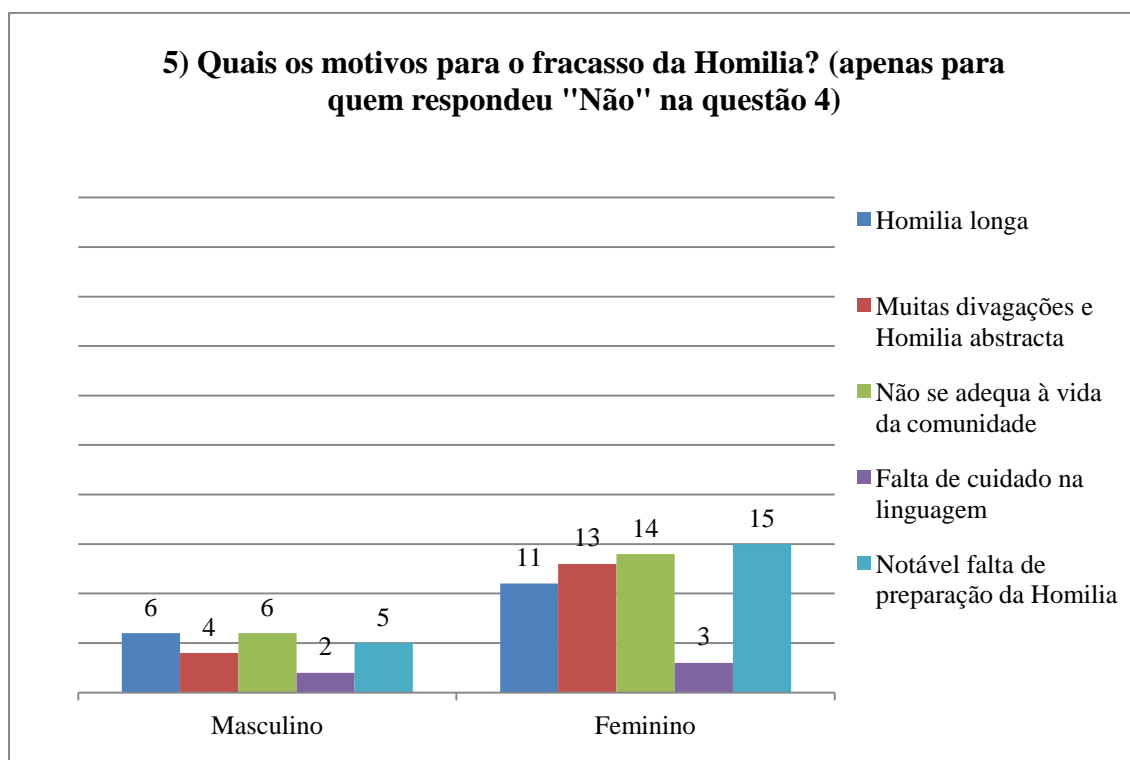
Gráfico 4 – Acha que a Homilia é cuidada e eficaz?



Universo dos inquiridos: 45

Para quem respondeu “Sim” na questão 3 (45 jovens), vemos que 22 dos jovens inquiridos acham que as homilias dos sacerdotes são cuidadosamente preparadas e eficazes no que transmitem e 23 dos jovens inquiridos, nesta questão, acham que as homilias da atualidade não possuem o cuidado devido e que não são eficazes quanto à Palavra de Deus.

Gráfico 5 – Quais os motivos para o fracasso da Homilia?



Universo dos inquiridos: 23

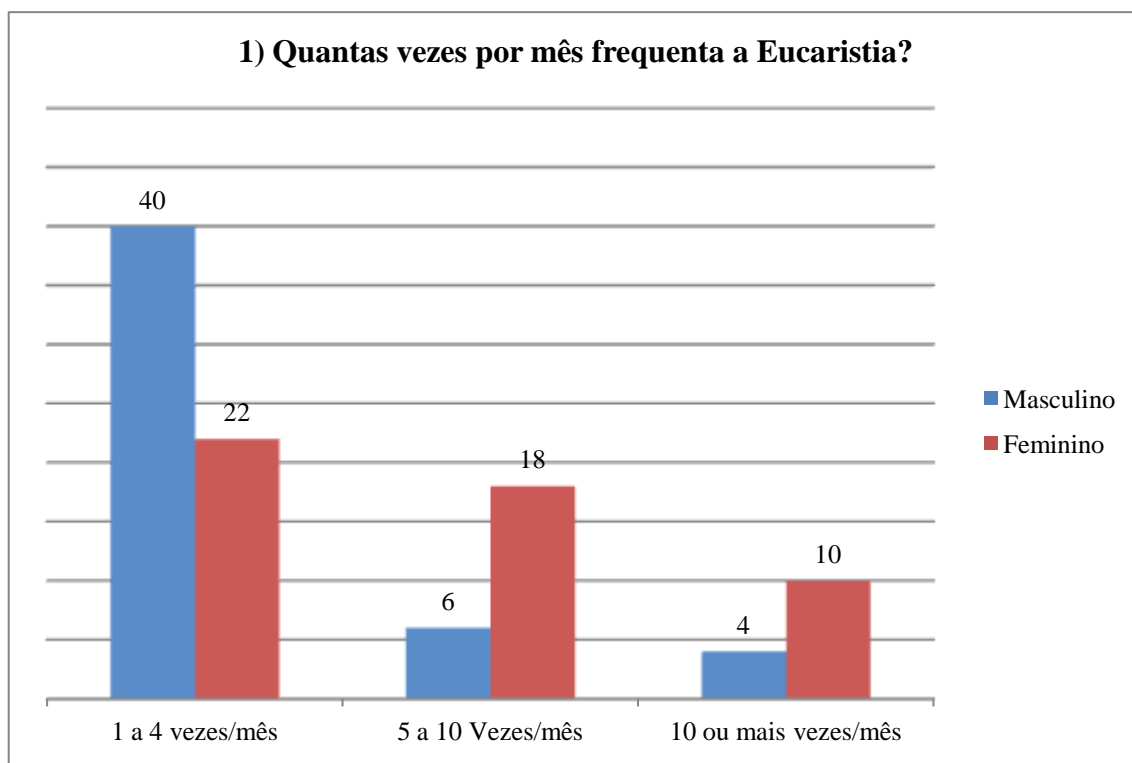
Aqui reside o culminar da nossa pesquisa ao grupo de jovens da paróquia urbana. A esta questão responderam 23 jovens, apresentando quais os motivos para este fracasso da homilia na atualidade. Os motivos mais mencionados pelos inquiridos foram os seguintes:

- notável falta de preparação da homilia – 20
- muitas divagações e homilias abstratas – 17
- muito longas – 17
- falta de cuidado na linguagem – 5
- não se adequa à vida da comunidade – 20

2.2.Paróquia rural

2.2.1. Grupo de fiéis dos 26 aos 70 anos

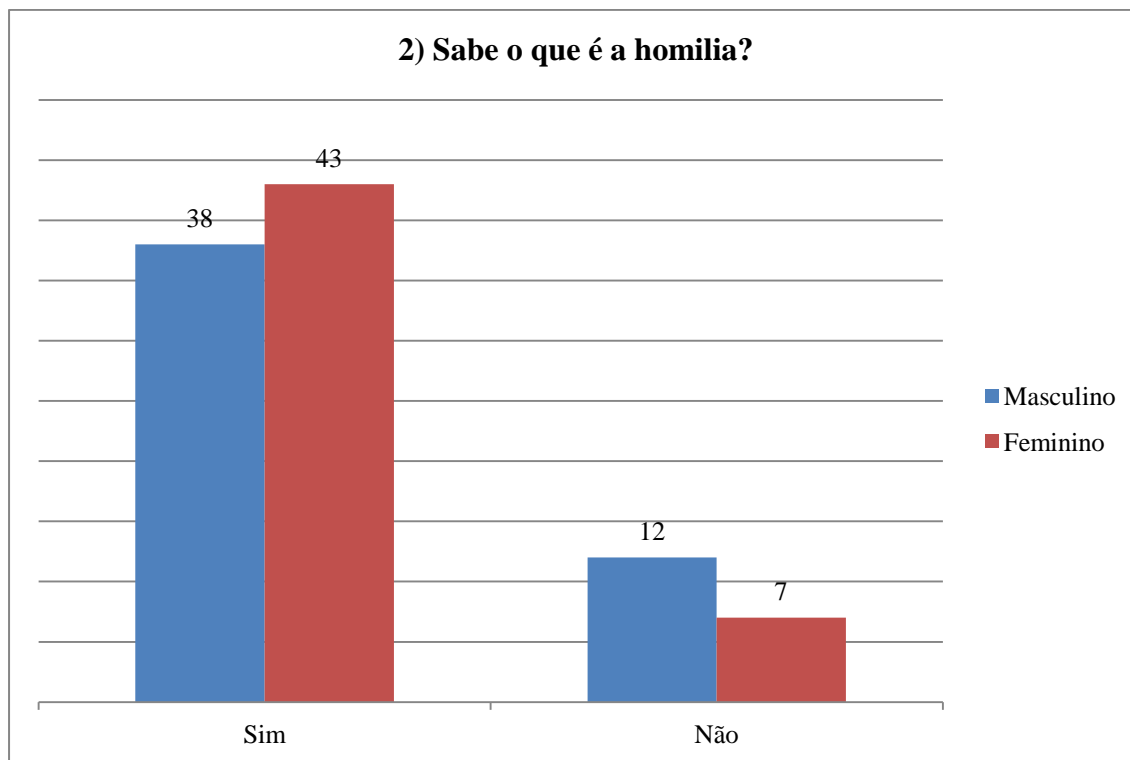
Gráfico 1 – Quantas vezes por mês frequenta a Eucaristia?



Universo dos inquiridos: 100

Este gráfico é referente à primeira questão, à assiduidade à celebração da Eucaristia. Podemos verificar que pessoas do sexo feminino participam mais na celebração da Eucaristia durante o mês, e pessoas do sexo masculino participam mais até 4 vezes por mês na Eucaristia.

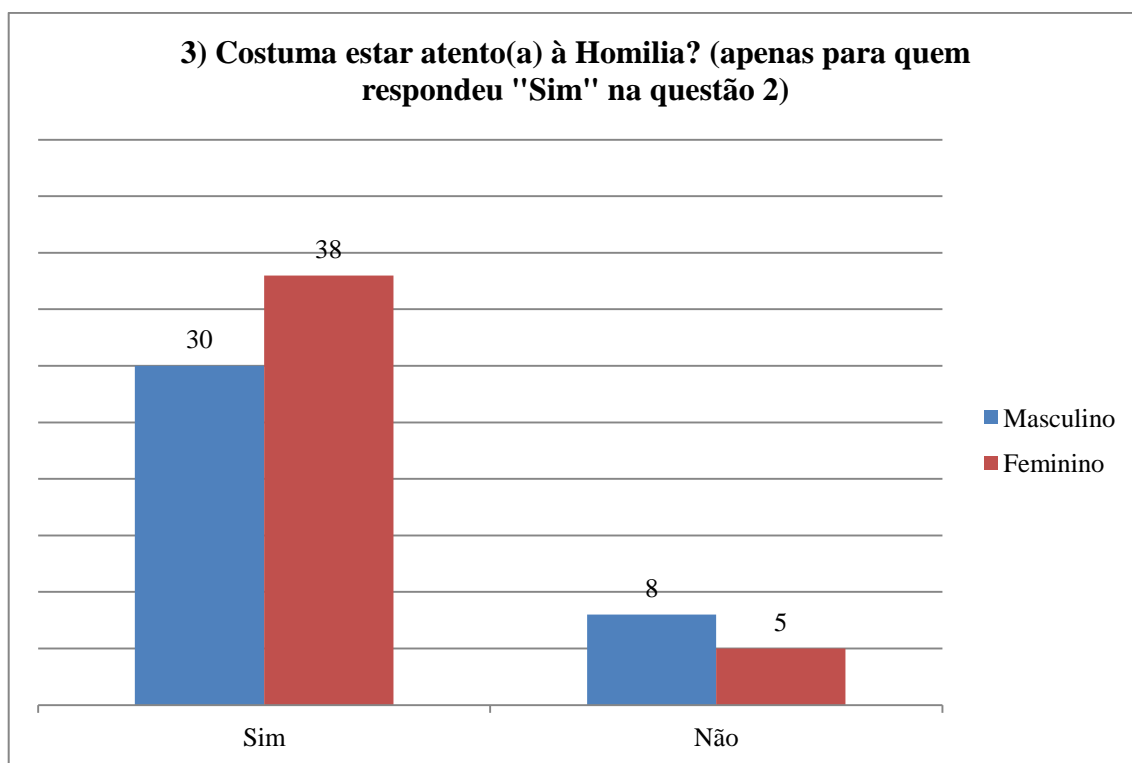
Gráfico 2 – Sabe o que é a homilia?



Universo dos inquiridos: 100

Com esta questão podemos verificar até que ponto o povo de Deus tem conhecimento da homilia. De todos os inquiridos apenas 19 não sabem o que é a homilia, havendo 81 inquiridos informados acerca do que é a homilia na celebração eucarística.

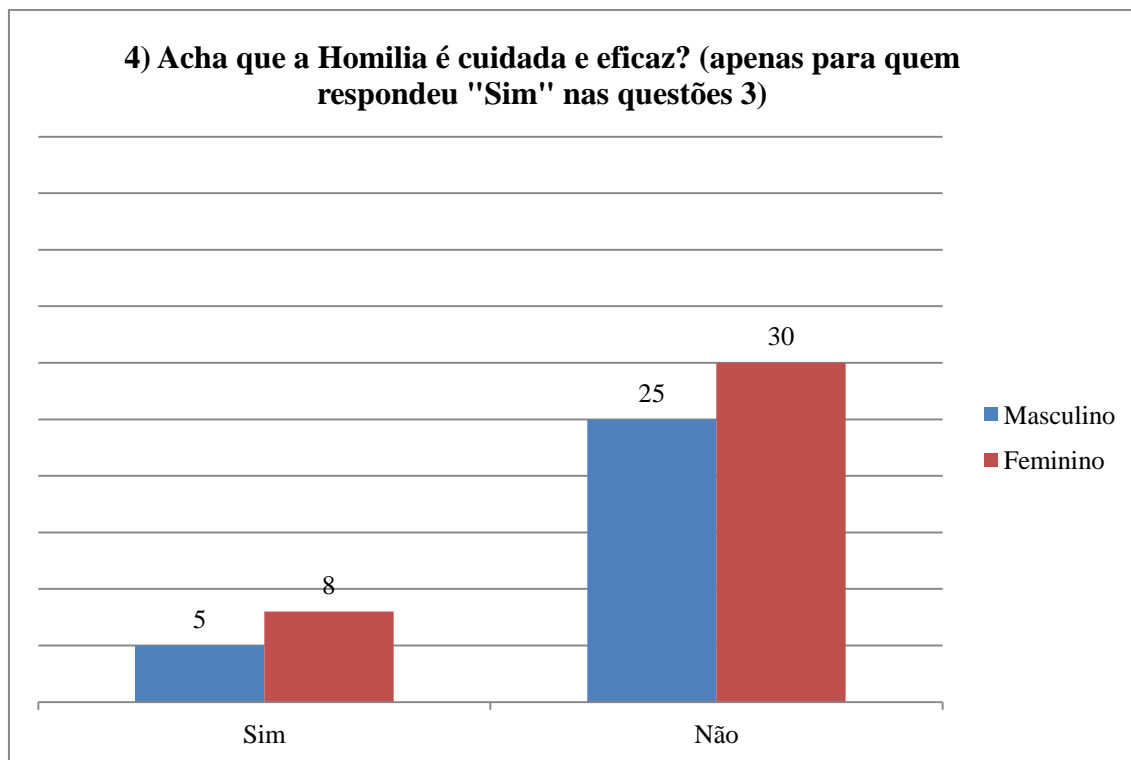
Gráfico 3 – Costuma estar atento(a) à Homilia?



Universo dos inquiridos: 81

A esta questão apenas respondem aqueles (as) que responderam afirmativamente na questão 2, pois pressupõe o conhecimento do que é a homilia, sendo o cerne do nosso inquérito. Dos 81 inquiridos 68 costumam estar atentos à homilia.

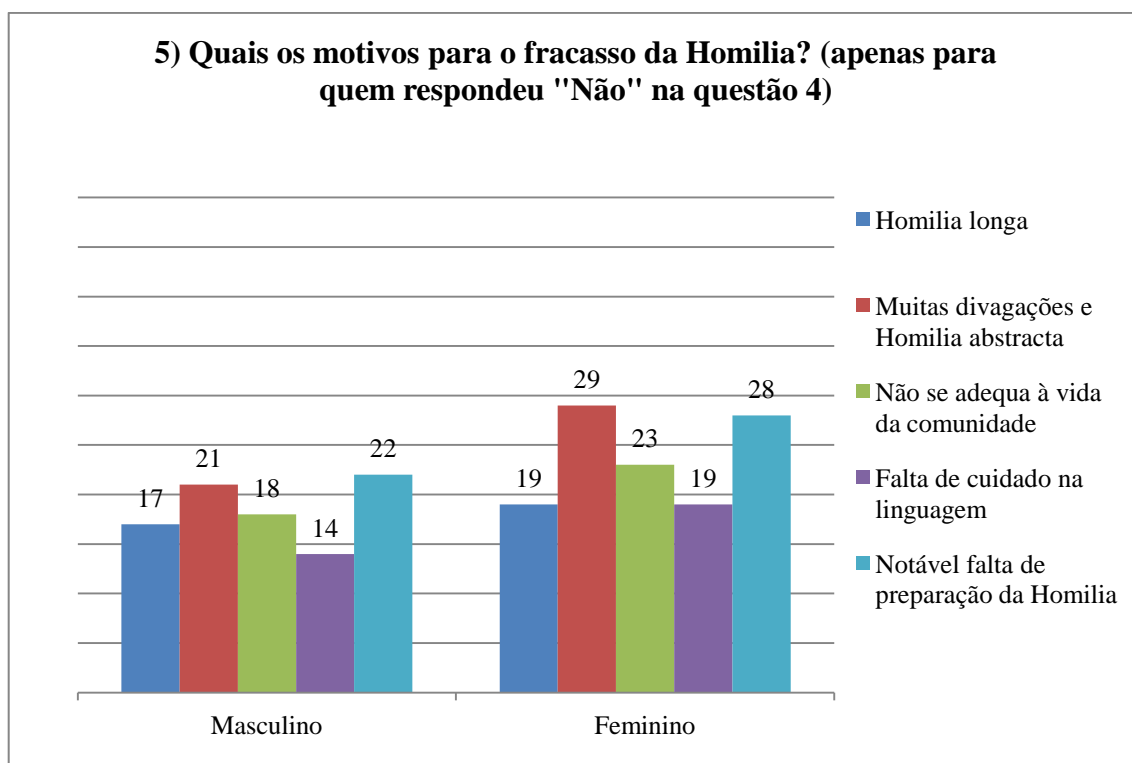
Gráfico 4 – Acha que a Homilia é cuidada e eficaz?



Universo dos inquiridos: 68

Para quem respondeu “Sim” na questão 3 (13 pessoas), vemos que 5 dos inquiridos acham que as homilias dos sacerdotes são cuidadosamente preparadas e eficazes no que transmitem e 8 dos inquiridos, nesta questão, acham que as homilias da atualidade não possuem o cuidado devido e que não são eficazes quanto à Palavra de Deus.

Gráfico 5 – Quais os motivos para o fracasso da Homilia?



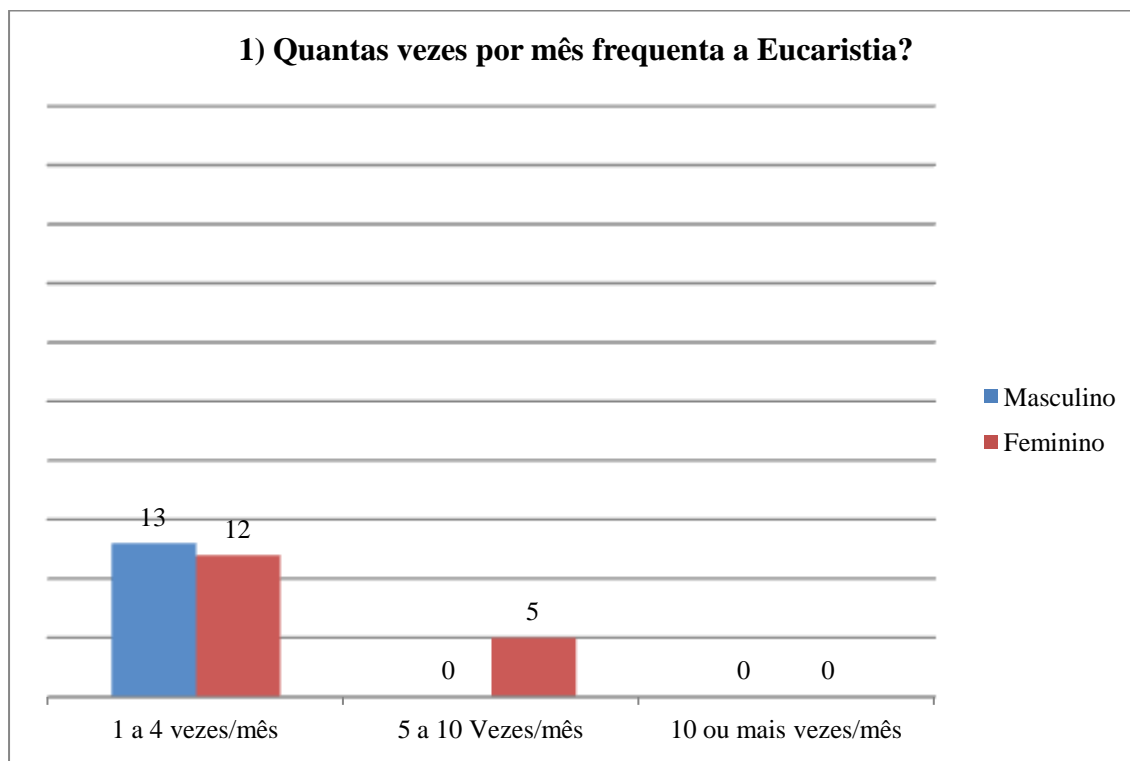
Universo dos inquiridos: 55

Aqui reside o culminar da nossa pesquisa. A esta questão responderam 55 pessoas, apresentando quais os motivos para este fracasso da homilia na atualidade. Os motivos mais mencionados pelos inquiridos foram os seguintes:

- notável falta de preparação da homilia – 50
- muitas divagações e homilias abstratas – 50
- muito longas – 36
- falta de cuidado na linguagem – 33
- não se adequa à vida da comunidade – 41

2.2.2. Grupo de jovens (30 elementos) dos 16 aos 25 anos

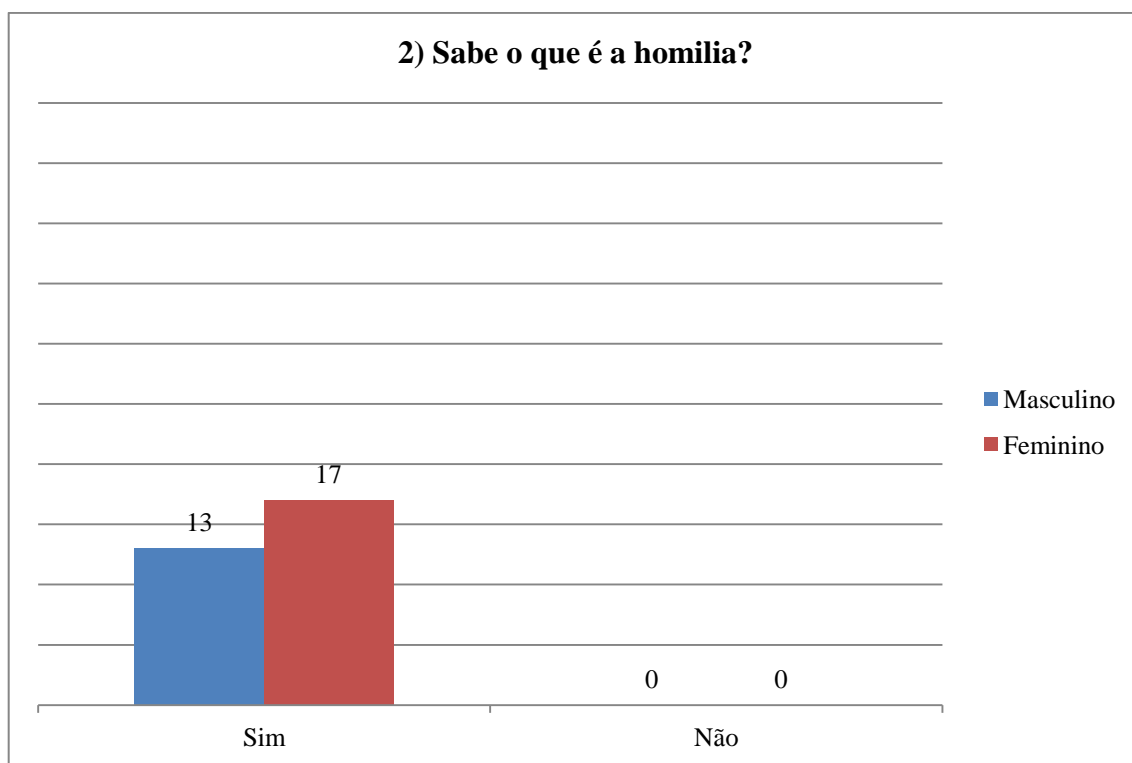
Gráfico 1 – Quantas vezes por mês frequenta a Eucaristia?



Universo dos inquiridos: 30

Este gráfico é referente à primeira questão, à assiduidade à celebração da Eucaristia por parte do grupo de jovens da paróquia rural. Podemos verificar que jovens do sexo feminino participam mais na celebração da Eucaristia durante o mês, e jovens do sexo masculino participam apenas até 4 vezes por mês na Eucaristia.

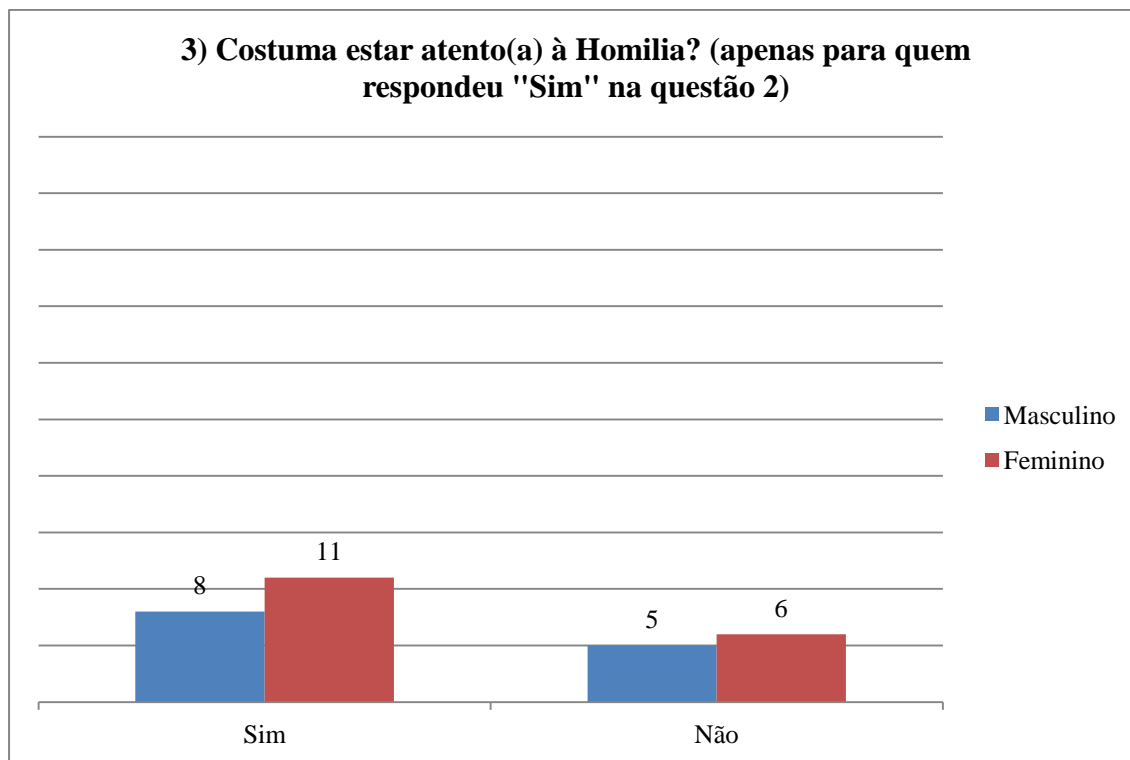
Gráfico 2 – Sabe o que é a homilia?



Universo dos inquiridos: 30

Com esta questão podemos verificar até que ponto os jovens cristãos têm conhecimento da homilia. Todos os inquiridos sabem o que é a homilia na celebração eucarística.

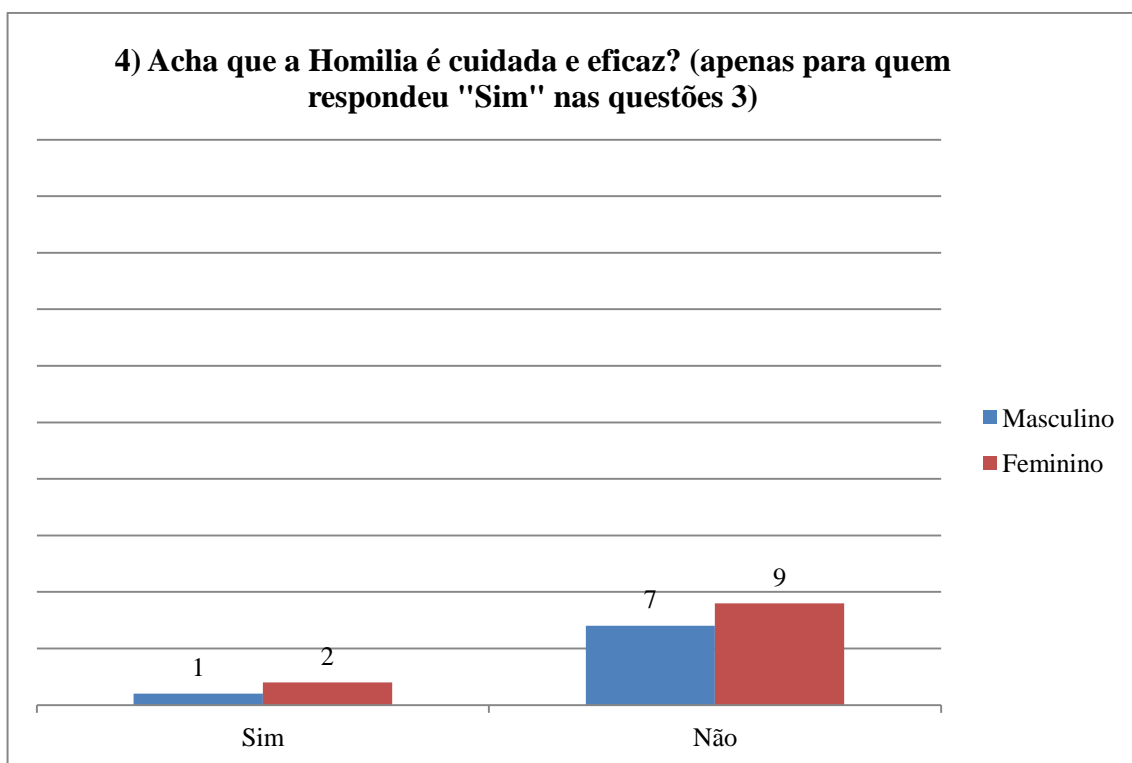
Gráfico 3 – Costuma estar atento(a) à Homilia?



Universo dos inquiridos: 30

A esta questão apenas respondem aqueles (as) que responderam afirmativamente na questão 2, pois pressupõe o conhecimento do que é a homilia, sendo o cerne do nosso inquérito. Dos 30 jovens inquiridos 19 costumam estar atentos à homilia.

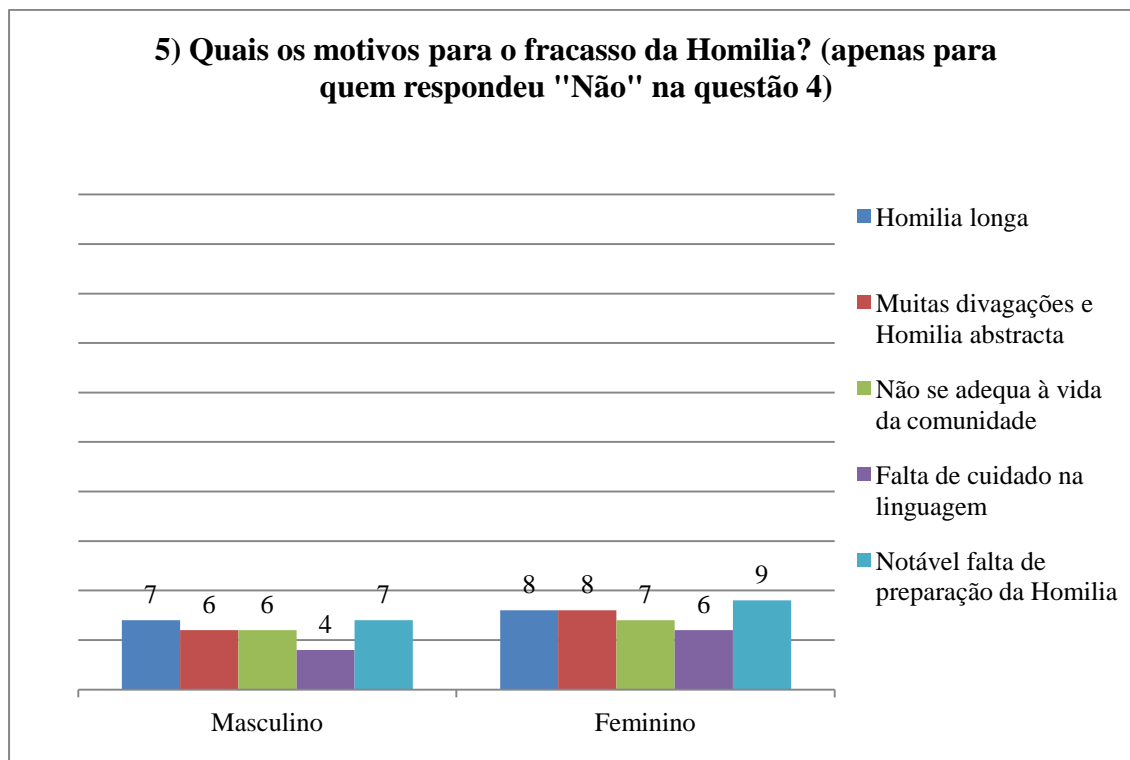
Gráfico 4 – Acha que a Homilia é cuidada e eficaz?



Universo dos inquiridos: 19

Para quem respondeu “Sim” na questão 3 (19 jovens), vemos que 3 jovens inquiridos acham que as homilias dos sacerdotes são cuidadosamente preparadas e eficazes no que transmitem e 16 jovens inquiridos, nesta questão, acham que as homilias da atualidade não possuem o cuidado devido e que não são eficazes quanto à Palavra de Deus.

Gráfico 5 – Quais os motivos para o fracasso da Homilia?



Universo dos inquiridos: 16

Aqui reside o culminar da nossa pesquisa. A esta questão responderam 16 jovens, apresentando quais os motivos para este fracasso da homilia na atualidade. Os motivos mais mencionados pelos inquiridos foram os seguintes:

- notável falta de preparação da homilia – 16
- muitas divagações e homilias abstratas – 14
- muito longas – 15
- falta de cuidado na linguagem – 10
- não se adequa à vida da comunidade – 13

Perante estes motivos apresentados pelos inquiridos, verificamos que a falta de preparação da homilia, as divagações na homilia e os termos abstratos estão no topo das causas da crise da homilia na atualidade, isto vem de encontro ao que o Papa Bento XVI nos diz na sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* no número 46 acerca da homilia, onde se lê:

“Pensando na importância da palavra de Deus, surge a necessidade de melhorar a qualidade da homilia; de facto, esta «constitui parte integrante da acção litúrgica», cuja função é favorecer uma compreensão e eficácia mais ampla da palavra de Deus na vida dos fiéis. Por isso, os ministros ordenados devem «preparar cuidadosamente a homilia, baseando-se num adequado conhecimento da Sagrada Escritura». Evitem-se homilias genéricas ou abstractas; de modo particular, peço aos ministros para fazerem com que a homilia coloque a palavra de Deus proclamada em estreita relação com a celebração sacramental e com a vida da comunidade, de tal modo que a palavra de Deus seja realmente apoio e vida da Igreja. Tenha-se presente, portanto, a finalidade catequética e exortativa da homilia”¹⁷⁵.

Outro dos principais motivos para a crise da homilia passa pelo fato de serem demasiado longas, deixando os fiéis sem atenção para a homilia maçadora e que em nada se adequa à comunidade concreta. Outro dos motivos é a falta de cuidado na linguagem e vocabulário adequados à comunidade.

3. Crise da homilia, uma preocupação da Igreja

A pregação através da homilia na atualidade está em crise, como já verificamos no ponto anterior. Isto não quer dizer que todos os ministros da Palavra não façam um excelente trabalho, e que não exista uma preparação prévia da homilia, o fato é que mediante os resultados do inquérito efetuado, podemos verificar que, por vezes, existe um descuido e uma falta de preparação da homilia, daí ouvirmos as lamentações de quem ouve a homilia. É por isso importante que se alerte para o cuidado da homilia, tendo em vista a pregação eficaz da

¹⁷⁵ BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Sacramentum Caritatis*, nº 46.

Palavra de Deus. De tudo o que já vimos, podemos dizer agora que a homilia tem como objetivo principal explicar a Palavra de Deus e de ajudar todos os fiéis a descobrir a arte de viver em comunhão com Cristo, brotando esta comunhão da Eucaristia. A homilia da atualidade terá que ter como centro Jesus Cristo, Homem como nós, que trouxe ao mundo Deus e a sua Palavra, a salvação a toda a humanidade. A homilia deve ser a atualização da mensagem da Palavra de Deus na vida dos fiéis para que estes possam descobrir e sentir a presença de Deus na sua vida. Para a Igreja, o estado da homilia na atualidade constitui uma preocupação, pois ela é essencial para a proclamação, a explicação e atualização da Palavra de Deus no mundo. Na atualização da Palavra é necessária também a atualização daqueles que a proclamam e explicam ao povo de Deus, os ministros da Palavra, os sacerdotes. Quanto à atualização e a formação permanente dos sacerdotes relativamente à homilia será abordada no ponto seguinte.

A propósito da crise da homilia, Joseph Ratzinger fala-nos da crise da pregação em sentido amplo, não só acerca da homilia dos sacerdotes mas de todo aquele que prega ou fala em nome da Igreja. “Se a Igreja antigamente foi inquestionavelmente regra e lugar da pregação, ela aparece agora quase como um obstáculo: parece que a pregação deva converter-se no corretivo crítico da Igreja, em vez de se submeter a ela e deixar que lhe imponha normas”¹⁷⁶.

“Todo aquele que prega fá-lo sempre em nome e por encargo da Igreja, que é una em todo o tempo e lugar”¹⁷⁷, logo, a fé de quem prega só pode subsistir na Igreja e a sua palavra terá de possuir caráter eclesial. A Bíblia torna-se, assim, na forma e norma de toda a pregação, uma vez que é palavra da Igreja para a humanidade. A Igreja é assim fiel recetora da Palavra de Deus que é a base da sua existência: “não há Palavra de Deus fora da Igreja, a palavra

¹⁷⁶ José Fraga CARDOSO, «A Palavra em Ratzinger», in *Cenáculo* 182 (2007) 62.

¹⁷⁷ *Ibidem*, 82.

comunica-se sempre e só dentro da Igreja e por meio dela”¹⁷⁸. Podemos dizer que a Igreja como fiel recetora da Palavra de Deus é obrigada a transmiti-la fielmente a toda a humanidade, pois não é apenas receptora passiva, mas nela a palavra torna-se viva e eficaz. Deste modo, a pregação relaciona-se com a Igreja como ponto de referência (como Igreja vivente e Igreja crente) e como seu sujeito, onde todos aqueles que escutam essa palavra na Igreja fazendo também parte dela, são chamados a transmitir essa palavra¹⁷⁹, e esta transmissão terá que ser feita e levada a peito, como se fosse a própria vida, para que possa ser viva e eficaz na vida dos outros.

Acima de tudo, “a homilia é «um serviço» que o ministro faz aos outros crentes para que compreendam a Palavra anunciada como «Palavra – para – nós – hoje»”¹⁸⁰. É aqui que reside toda a problemática da homilia na atualidade, devido a várias dificuldades já apresentadas no ponto anterior. A homilia terá que ser a Palavra de Deus anunciada e atualizada no nosso mundo, na comunidade concreta. Este anúncio atualizado da Palavra não pode deixar de parte a fidelidade à Palavra Bíblica. “A homilia não é uma pregação livre, independente. É um prolongamento da leitura bíblica. É um serviço à Palavra, que o pregador realiza humildemente no seio da comunidade”¹⁸¹. Um dos motivos que leva a esta crise da homilia é a falta de fidelidade à Palavra de Deus. A fidelidade no ministério da Palavra, implica antes de mais, a necessidade de levar a sério a própria Palavra de Deus e quem ouve essa Palavra. “Só a autêntica Palavra de Deus leva à fé e à salvação. Se, em lugar dela servirmos outra coisa, não podemos estranhar que não frutifique. Estejamos seguros de que nos vão pedir contas, como a administradores desleais ou descuidados. No-las pedirá o próprio Deus e no-las pedirão os filhos de Deus”¹⁸².

¹⁷⁸ Joseph RATZINGER, *Palabra en la Iglesia*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1976, 11.

¹⁷⁹ Cf. José Fraga CARDOSO, «A Palavra em Ratzinger», in *Cenáculo* 182 (2007) 63.

¹⁸⁰ José ALDZÁBAL e Josep ROCA, *A Arte da homilia*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2006, 10.

¹⁸¹ *Ibidem*, 25.

¹⁸² *Ibidem*, 34.

Para que se possa ser fiel à Palavra, é indispensável que a captemos com exatidão, que a compreendamos, e possamos fazer parte dela. É tarefa de todo o ministro da Palavra de Deus ser autêntico mensageiro, ser «homens – mensagem»¹⁸³. Todo o ministro da Palavra “há-de ser também *intérprete*. A mensagem que leva deve ser *traduzida* para a língua do destinatário”¹⁸⁴, ou seja, esta mensagem terá que ser viva, atual e eficaz para todos aqueles que a ouvem, mensagem esta de “convite supremo de amor”¹⁸⁵, que estará sempre presente como pano de fundo.

Na liturgia, a Palavra de Deus, não é comunicada, analisada ou lida, mas também celebrada. Na liturgia celebram-se fatos. Ela é um acontecimento, pois Deus na liturgia fala ao seu povo através dessa ação concreta e real que é a liturgia, desempenhando assim também a homilia um papel importante¹⁸⁶. Não basta que se proclamem as Escrituras e que ressoe na assembleia a sua leitura, é essencial o serviço da explicação homilética¹⁸⁷.

“A Palavra não pode considerar-se suficientemente proclamada até que seja entendida pela comunidade como «palavra dita hoje para nós». Não é fácil, no geral, captar a mensagem bíblica em profundidade. Há que ajudar a assembleia, neste processo de assimilação. Como o fez Cristo aos discípulos de Emaús, explicando-lhes o que as Escrituras tinham anunciado, começando por Moisés e os profetas”¹⁸⁸.

É por isso, necessário que o homiliasta conheça cada vez melhor a Bíblia, para que este serviço à Palavra de Deus possa ser eficaz e leve a comunidade a entender a Palavra de Deus. O homiliasta tem esta tarefa séria, ele é responsável pela fé dos outros, e a homilia tem o objetivo de iluminar a vida dos crentes com a mensagem revelada e tornada palavra para nós hoje. Com a leitura orante da Palavra e com a ajuda de subsídios disponíveis para a preparação da homilia, é importante que

¹⁸³ *Ibidem*.

¹⁸⁴ *Ibidem*, 35.

¹⁸⁵ *Ibidem*, 36.

¹⁸⁶ Cf. *Ibidem*, 20.

¹⁸⁷ Cf. *Ibidem*, 25.

¹⁸⁸ *Ibidem*.

“aquele que vai oferecer à comunidade o serviço da homilia não esteja convencido de que sabe tudo, mas que humildemente trata de descobrir, com a ajuda dos melhores comentários, a mensagem contida nas leituras do dia. É o primeiro passo sério que deve anteceder cada homilia. Transmitir o que Deus diz, não o que o pregador sabe dizer, o que lhe dá gosto a ele, ou o que aos fiéis lhes agrada ouvir”¹⁸⁹.

É importante que o sacerdote pregue a partir de dentro da comunidade, pois é um crente e faz parte também da assembleia que celebra os mistérios de Cristo¹⁹⁰. “Pregar a «partir de dentro» significa amar a assembleia”¹⁹¹, e estar atento aos problemas e necessidades da mesma. Deve sentir-se unido à comunidade de forma que lhes possa falar como uma pessoa próxima e sincera nas suas palavras. Como Palavra anunciada, “o sacerdote é o primeiro que se faz discípulo de Deus e escuta com atenção o que a Palavra disse [...]. É o primeiro que escuta a Palavra e escuta também a comunidade”¹⁹², é um ministro que estudou a Palavra de Deus, é um cristão que dá testemunho e que se deixa interpelar pessoalmente pela Palavra; todo o sacerdote deve pregar com alegria, “pregar com simpatia, com alegria interior, com a convicção de que é um serviço que vale a pena. Ele tem o encargo de ajudar a que todos entendam e gostem da Boa – Nova, para que suceda esse encontro salvador entre a Palavra de Deus, viva e comunicadora, e a fé de cada um dos presentes”¹⁹³. “A homilia é um meio, às vezes decisivo, para que aconteça esse encontro pessoal e íntimo entre os cristãos e Deus que fala”.¹⁹⁴ Com isto, vemos que a vida espiritual do homiliasta também é essencial para combater esta crise da homilia.

Terminando este ponto de preocupação da Igreja quanto à crise da homilia, na sua Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, o Santo Padre Bento XVI, no número 46, fala-nos nesta necessidade de melhorar a qualidade das homilias em relação à importância da Palavra de Deus, uma vez que “a homilia constitui uma atualização da

¹⁸⁹ *Ibidem*, 28.

¹⁹⁰ Cf. *Ibidem*, 108.

¹⁹¹ *Ibidem*.

¹⁹² *Ibidem*, 109.

¹⁹³ *Ibidem*, 110.

¹⁹⁴ *Ibidem*, 111.

mensagem da Sagrada Escritura, de tal modo que os fiéis sejam levados a descobrir a presença e a eficácia da Palavra de Deus no momento atual da sua vida”¹⁹⁵.

“Devem-se evitar tanto homilias genéricas e abstratas que ocultam a simplicidade da Palavra de Deus, como inúteis divagações que ameaçam atrair a atenção mais para o pregador do que para o coração da mensagem evangélica”¹⁹⁶. O Santo Padre alerta para que o pregador tenha Jesus Cristo sempre como centro em cada homilia, tendo também uma familiaridade e contato constante com a Sagrada Escritura.

4. Importância da atualização constante dos sacerdotes

A relação entre Palavra de Deus e a Igreja não pode ser entendida como um acontecimento do passado, mas sim como uma relação vital e atual dos fiéis com Deus: «Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo» (Mt. 28, 20). “A contemporaneidade de Cristo ao homem de cada época realiza-se no seu corpo, que é a Igreja”¹⁹⁷. Por essa razão, o Senhor prometeu aos seus discípulos o Espírito Santo, para os ajudar a compreender os seus mandamentos.

A Palavra de Deus é de suma importância para a formação dos ministros da Palavra. Nenhum Bispo, presbítero ou diácono, pode de forma alguma, viver a sua vocação e missão sem um verdadeiro compromisso de santificação, que tem a sua base fundamental na Bíblia. É assim recomendado que se faça uma leitura pessoal, frequente e um estudo da Sagrada Escritura.

Antes de ser transmissor da Palavra, o ministro deve ser ouvinte dessa mesma Palavra. E percebê-la como Palavra inspirada e vivida/interpretada pela Tradição. Na verdade, “a

¹⁹⁵ BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Verbum Domini*, n° 59.

¹⁹⁶ *Ibidem*.

¹⁹⁷ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, *Veritatis Splendor*, n° 25.

Sagrada Escritura é a Palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, para que eles, com a luz do Espírito de verdade, a conservem, a exponham e a difundam fielmente na sua pregação”¹⁹⁸. A inspiração não deve deixar de estar presente na consciência do ministro da Palavra, senão corre o risco de ler a Escritura como objeto de curiosidade histórica e não como obra do Espírito Santo.

“E assim como tudo quanto afirmam os autores inspirados ou hagiógrafos deve ser tido como afirmado pelo Espírito Santo, por isso mesmo se deve acreditar que os livros da Escritura ensinam com certeza, fielmente e sem erro a verdade que Deus, para nossa salvação, quis que fosse consignada nas sagradas letras. Por isso, «toda a Escritura é divinamente inspirada e útil para ensinar, para corrigir, para instruir na justiça: para que o homem de Deus seja perfeito, experimentado em todas as obras boas» (Tim 3, 7-11) ”¹⁹⁹.

Deverá existir também um relacionamento assíduo entre ministros da palavra, exegetas e teólogos, no intuito de promover uma maior comunhão no serviço da Palavra de Deus. Assim, a Constituição dogmática *Dei Verbum* diz: “é preciso, porém, que os exegetas católicos e os demais estudiosos da sagrada teologia, trabalhem em íntima colaboração de esforços, para que, sob a vigilância do sagrado magistério, lançando mão de meios aptos, estudem e expliquem as divinas Letras de modo que o maior número possível de ministros da palavra de Deus possa oferecer com fruto ao Povo de Deus o alimento das Escrituras, que ilumine o espírito, robusteça as vontades, e inflame os corações dos homens no amor de Deus”²⁰⁰.

João Paulo II, na sua Exortação apostólica *Pastores Dabo Vobis*, recorda que “antes de mais, o Sacerdote é Ministro da Palavra de Deus, é consagrado e enviado a anunciar a todos o Evangelho do Reino, chamando cada homem à obediência da fé e conduzindo os crentes a um conhecimento e comunhão sempre mais profundos do mistério de Deus, revelado e

¹⁹⁸ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Dei Verbum*, nº 9.

¹⁹⁹ *Ibidem*, nº 11.

²⁰⁰ *Ibidem*, nº 23.

comunicado a nós em Cristo”²⁰¹. As suas palavras, as suas atitudes e as suas opções devem ser um anúncio e testemunho vivo do Evangelho.

“Sem sacerdotes, de fato, a Igreja não poderia viver aquela fundamental obediência que está no próprio coração da sua existência e da sua missão na história – a obediência à ordem de Jesus: «Ide, pois, ensinai todas as nações» (Mt. 28, 19)”²⁰². Esta é a tarefa que Jesus ordenou, o anúncio do Evangelho, bem como a renovação do sacrifício do seu corpo e sangue. Para que esta missão seja cumprida com afinco é necessário que os ministros ao serviço da Palavra de Deus se preocupem com a formação e atualização que é de vital importância. A formação presbiteral deve ser uma prioridade na vida da Igreja.

A Exortação apostólica *Pastores Dabo Vobis* apresenta-nos a formação presbiteral em várias dimensões: humana, espiritual, intelectual e pastoral, que são de suma importância no momento presente. A dimensão humana é muito importante para a formação integral. São enumeradas algumas virtudes humanas e relacionais que são pedidas ao presbítero, para que a sua personalidade possa ser um elo de ligação entre os homens e Deus. “É preciso que, a exemplo de Jesus, que «sabia o que existe no interior de cada homem» (Jo. 2, 25; cf. 8,3-11), o sacerdote seja capaz de conhecer em profundidade a alma humana, intuir dificuldades e problemas, facilitar o encontro e o diálogo, obter confiança e colaboração, exprimir juízos serenos e objetivos”²⁰³.

A vida espiritual é o coração que unifica e dá vida à formação presbiteral. Aqui, destaca-se a união a Jesus Cristo, a leitura e meditação da Palavra de Deus, a oração, a administração dos sacramentos, a liturgia, poder ver Cristo em cada homem e o dom generoso de si mesmo no celibato.

O percurso académico e intelectual dos presbíteros é também muito importante na sua formação integral. Devem aprofundar as diferentes áreas de especialização da teologia, mas

²⁰¹ JOÃO PAULO II, Exortação apostólica Pós-Sinodal, *Pastores Dabo Vobis*, n° 26.

²⁰² *Ibidem*, n° 1.

²⁰³ *Ibidem*, n° 43.

ao mesmo tempo fazer a experiência do encontro com Jesus Cristo. Hoje em dia o processo de formação deve ser contínuo e permanente, o teólogo deve ter essa preocupação. “A formação intelectual dos candidatos ao sacerdócio encontra a sua específica justificação na própria natureza do ministério ordenado e manifesta a sua urgência atual de frente ao desafio da “nova evangelização” à qual o Senhor chama a Igreja no limiar do terceiro milénio”²⁰⁴.

Toda a formação pastoral dos presbíteros é orientada para a pastoral de Cristo, cabeça e Pastor da Igreja. Esta formação deve ser feita no seminário, em articulação com a família que é a primeira escola da fé, e a paróquia, entre outros. A paróquia deve também ser encarada como uma escola vocacional, onde o pároco não pode esquecer que a homilia, a administração de qualquer sacramento, uma eucaristia, é uma ação litúrgica e pastoral. A paróquia é o local privilegiado da proclamação e anúncio do Evangelho.

Atendendo ao contexto atual é necessário então uma formação e atualização contínua e permanente dos presbíteros para o bom exercício da sua importante missão. Na proclamação da homilia, o ministro deve ter essa mesma preocupação, de atualização da Palavra de Deus. “A homilia é esta mesma Palavra redita pela Igreja para os homens de hoje, numa linguagem que eles compreendam, num contexto que os ajude a acolher Deus, que lhes fala hoje”²⁰⁵.

5. Urgência da verdadeira homilia como espaço privilegiado da evangelização.

Uma das ideias-chave que emerge ao longo deste capítulo em relação à homilia é, pois, que as homilias da atualidade, ocupando um lugar importante na liturgia, possam e passem a ser espaço privilegiado da evangelização. É importante primar pela verdadeira homilia, capaz de ser palavra viva e eficaz, palavra para nós hoje. Depois de vermos quais os

²⁰⁴ *Ibidem*, nº 51.

²⁰⁵ J. PEIXOTO, «O Serviço da Palavra», in *Cenáculo* 102 (1987) 60.

motivos que levam à crise da homilia e de dar soluções para que a homilia frutifique naqueles que a ouvem, podemos dizer que “uma homilia bem-feita é uma verdadeira obra de arte. O pastor deve falar como cabeça de uma comunidade, com uma intenção religiosa de provocar a conversão, em vez de fazer floreios, deve relacionar a mensagem dos textos bíblicos do dia com os problemas vivos dos que escutam, e, tudo isso, deve relacioná-lo com a celebração eucarística”²⁰⁶.

Os crentes estão fartos de ouvir palavras; necessitam da verdadeira Palavra, da Palavra de Deus que a homilia pode e deve tornar viva e eficaz. A homilia não pode, por isso, tornar-se monótona nem aborrecida para aqueles que ouvem; isto pressupõe, para o ministro da homilia, “uma vivência de fé e uma vontade de celebrar com o gozo da fraternidade de sentimentos o que se crê”²⁰⁷.

É dever do sacerdote captar a linguagem, o estilo de vida, ter a sensibilidade de procurar saber os problemas dos fiéis, pois só através de uma mensagem de fé e de amor, de uma palavra que seja verdadeiramente de Deus, que brota do coração e preparada com cuidado e interesse, através do estudo dos textos bíblicos e da reflexão das necessidades espirituais dos fiéis, só assim é que a homilia se converte numa mensagem aceita e numa palavra capaz de ser escutada. “Ter sacerdotes com vida de fé profunda, com preparação intelectual, em contacto com os homens, com sensibilidade espiritual, é a riqueza da Igreja. Estes sacerdotes dirão palavras que verdadeiramente penetrarão”²⁰⁸. “A pregação sacerdotal, frequentemente dificultada devido às atuais circunstâncias do mundo, para que mova mais eficazmente as mentes dos ouvintes, deve expor a Palavra de Deus, não só de um modo geral e abstrato, mas aplicando a verdade perene do Evangelho às circunstâncias concretas da vida”²⁰⁹. É este um dos princípios que a homilia deve ter em conta, o aspeto profético da

²⁰⁶ José ALDZÁBAL e Josep ROCA, *A Arte da homilia*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2006, 14.

²⁰⁷ *Ibidem*, 15.

²⁰⁸ *Ibidem*, 16.

²⁰⁹ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Presbyterorum Ordinis*, nº 4.

homilia, ou seja, a homilia deve olhar a vida, descobrir o que nos diz *hoje* a Palavra²¹⁰, podendo assim aplicar à nossa vida essa mensagem viva e eficaz, na vida de todos os fiéis, de todos os ouvintes.

“O melhor êxito do seu ministério consegue-o o pregador quando contribui para que a Palavra salvadora de Deus ressoe *nesta* assembleia, como Palavra viva dita hoje com toda a sua força de juízo e de alegria. Porque o Deus que falou é o que fala. E a sua Palavra não pode ressoar em vão”²¹¹. Esta Palavra salvadora de Deus é o próprio Cristo, que continua a interpelar cada geração, e a homilia tem o dever de descobri-la, de ajudar a que a alegria, a esperança e a denúncia da Palavra iluminem todas as situações concretas da nossa vida, para que a comunidade, olhando-se ao espelho da Palavra, aceite o compromisso do seu acolhimento. Deve por isso, o pregador, esforçar-se por conhecer a assembleia e todas as suas situações, a sua ideologia e sensibilidade, para que possa estar em sintonia com a vida dessa comunidade concreta que celebra com ele os mistérios da fé, sendo fiel à Palavra, à comunidade e à vida dessa comunidade²¹². “Assim, a homilia constitui-se como autêntico «gonzo» de toda a celebração, conduzindo a assembleia congregada à assimilação da Palavra, de forma que esta dê sentido pleno ao sinal sacramental ou à oração que se seguirá e, ao mesmo tempo, ilumine, com os seus critérios, a vida concreta da comunidade cristã”²¹³.

Quando chega a hora de aplicar a mensagem bíblica à vida, deve evitar-se o “excessivo afã moralizante”²¹⁴, pois a palavra não ilumina apenas a nossa moral, mas também a nossa mentalidade e a nossa compreensão do Mistério, da vida e do destino humano; ela (palavra) interpela na sua plenitude o nosso projeto existencial. A homilia, seguindo o tom da leitura, deverá ser o anúncio gozoso da Boa Nova, sendo mais «dogma» que moral²¹⁵.

²¹⁰ Cf. José ALDZÁBAL e Josep ROCA, *A Arte da homilia*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2006, 49.

²¹¹ *Ibidem*.

²¹² Cf. *Ibidem*, 50.

²¹³ *Ibidem*, 13.

²¹⁴ *Ibidem*, 50.

²¹⁵ Cf. *Ibidem*.

A homilia deve ter presente, na hora de exortar e edificar a comunidade, os atos da vida e tudo aquilo que ela invoca: os problemas da humanidade; os interesses e aspirações da nossa geração; acontecimentos da Igreja Universal e da comunidade local; a vida pessoal, familiar e profissional. Todas estas realidades são iluminadas pela Palavra salvadora de Deus, que através da homilia Deus faz compreender²¹⁶.

A homilia não deve servir para desabafos pessoais que nada têm a ver com as necessidades e aspirações daqueles que escutam, pois torna-se numa homilia incomunicativa, levando até ao ridículo o próprio sacerdote e ministro da Palavra, deitando completamente por terra o chamamento de Jesus Cristo à missão que lhe confiou, servir a Palavra de Deus. “Num processo de comunicação colectiva, que queira ser eficaz, deve excluir-se qualquer protagonismo pessoal que desloque para um segundo plano a preferência que sempre devem merecer os destinatários da mensagem, os únicos que a podem legitimar totalmente, em virtude de uma atenção voluntária e agradadamente prestada”²¹⁷. Esta comunicação eficaz assenta sobretudo na relação pessoal que o sacerdote tem com a comunidade, para que a possa conhecer verdadeiramente e lhe possa dar uma palavra capaz de iluminar as suas dificuldades e necessidades.

“Além de servir de laço de união entre a Palavra e a vida, a homilia cumpre outra função dentro da celebração litúrgica: a «mistagógica», ou seja, a de conduzir a comunidade, *a partir da Palavra* escutada e acolhida, ao *sacramento* como sinal da fé, como cumprimento, hoje e aqui, entre nós, dessa Palavra eterna e eficaz”²¹⁸. O que a palavra anuncia, o sacramento o realiza através de sinais eclesiais. As leituras proclamam-nos o perdão de Deus e o chamamento à conversão e o sinal sacramental realiza depois, no âmbito da fé suscitada, o mistério da reconciliação.

²¹⁶ Cf. *Ibidem*, 51.

²¹⁷ *Ibidem*, 56.

²¹⁸ *Ibidem*, 66.

“Há uma *unidade íntima entre a celebração da Palavra e a do Sacramento*”. É um encontro único, sucessivo, com o próprio Cristo: primeiro, como Palavra viva, dita pelo Pai e, depois, como Pão de vida (Eucaristia), Reconciliação feita pessoa (Penitência), etc. O Sacramento é a concentração, hoje e aqui, do Plano de Salvação de Deus que as leituras previamente tinham proclamado. A homilia deve ser o «eixo», o ponto de encontro que manifeste, claramente, a todos os crentes esta íntima unidade da celebração, que os inicie na dinâmica que corre entre uma e outra parte da mesma”²¹⁹.

A homilia deve permitir e ajudar a que toda a celebração na sua unidade seja dinâmica e progressiva, a partir da Palavra, englobando a assembleia e a sua vida, no tempo ou na festa que se celebra, e na celebração sacramental concreta que tem lugar²²⁰. Atrevo-me por isso a dizer também como Joan Lopis: “cada vez estou mais convencido de que a importância da homilia na celebração litúrgica lhe vem do seu caráter *integrador*. A homilia é o elemento integrante de uma série de elementos que, sem ela, correriam o risco da dispersão e, inclusive, da desintegração”²²¹. Caráter integrador da homilia que se efetua em três níveis²²²:

- em primeiro lugar, a homilia é como o eixo das duas partes integrantes de toda a celebração litúrgica: *a Palavra e o Rito*, não só como um elemento unificador de tipo objetivo, mas vinculado com os membros da assembleia, uma vez que são também os que escutam a Palavra e celebram o Rito.

- em segundo lugar, a homilia reúne as principais características dos outros *géneros de pregação*, existentes na Igreja. Apesar de ser uma exortação a atualizar a Palavra de Deus, através da celebração e da vida, a homilia deve conservar o poder interpelante do anúncio missionário e a riqueza doutrinal da exposição catequética. Não só *exorta*, mas também *anuncia e ensina* e, finalmente, *conduz* o coração ao mistério.

- por último, a homilia integra as diversas *achegas que cada membro* da assembleia litúrgica pode e deve oferecer aos outros, no que se refere à interpretação da Palavra de Deus e à mútua consolação.

²¹⁹ *Ibidem*.

²²⁰ *Ibidem*, 68.

²²¹ *Ibidem*, 69.

²²² Cf. *Ibidem*.

Portanto, “o problema mais estimulante é o de *conseguir que a homilia cumpra verdadeiramente esse papel integrador*, em todos os níveis assinalados”²²³. No que diz respeito ao primeiro nível, é necessário que as homilias se centrem mais na Palavra de Deus, que se insiram harmonicamente no conjunto da celebração, tendo em conta as necessidades da comunidade ouvinte e que, de modo claro e incisivo, se possam abordar os problemas vitais da comunidade, sem dogmatismos nem demagogias, mas com arrojo e liberdade²²⁴.

Quanto ao segundo nível, “é muito difícil manter o equilíbrio exato entre as diversas potencialidades da homilia. Se só *exortamos*, a nossa palavra parece perder força e vigor. Se nos dedicamos a *ensinar*, facilmente caímos no intelectualismo. Se unicamente gritamos o *anúncio* da Boa-Nova, tornamo-nos monótonos e repetitivos”²²⁵. É por isso, exigido a todos os ministros da Palavra, um esforço de imaginação, para que as homilias não percam a sua força evangelizadora e catequética.

No último nível, existe a dificuldade de fazer participar os fiéis no comentário homilético, sendo muito difícil para o ministro da Palavra encontrar a posição que lhe corresponde, como responsável da distribuição do Pão da Palavra, sem ser acima de tudo monopolizador²²⁶. O problema fundamental, talvez esteja em que os “*responsáveis da homilia* não estejam *suficientemente integrados* pessoalmente nem o estejam na comunidade”²²⁷, pois assim, dificilmente poderão realizar a função homilética, que é essencialmente integradora.

Todo o sacerdote que proclama, e deve proclamar a homilia, deve ter em atenção que vai proclamar a Palavra de Deus à comunidade, devendo também estudar essa Palavra que prega, conhecendo a fundo a verdade, através do estudo da Bíblia como representante da comunidade, para que saiba prega-la cada vez melhor e, orando essa Palavra, possa pregá-la aos outros, pois, a Palavra definitiva é a Palavra de Deus.

²²³ *Ibidem*, 70.

²²⁴ Cf. *Ibidem*.

²²⁵ *Ibidem*.

²²⁶ Cf. *Ibidem*.

²²⁷ *Ibidem*.

Luis Maldonado, resume muito bem aquilo que a homilia deve ser e aquilo que não pode ser no seu “Dodecálogo do pregador”²²⁸:

1. A homilia *não é uma explicação*. Não é uma aula. É sobretudo uma comunicação pessoal. A homilia dirige-se ao outro, é através da homilia que se envia uma mensagem pessoal aos que a escutam.
2. *Não é tão-pouco um exercício de exegese*. É sobretudo a interpretação das leituras da Sagrada Escritura para que essa Palavra possa interpelar os ouvintes.
3. A homilia não versa sobre um texto ou acontecimentos passados, *é um acontecimento actual*. A homilia deve por isso ter como centro a actualidade e Jesus Cristo como núcleo dessa actualidade.
4. A homilia *não trata só de Deus mas do homem*. Trata da relação de Deus com o homem, o mundo e o tempo. É pois, nestas três realidades, que se joga o destino do Reino.
5. A homilia *não deve expor primariamente uma moral mas um kerigma*. Esta notícia gozosa que é a Palavra de Deus, através da homilia torna-se no anúncio solene de um sucesso importante.
6. A homilia *não é para dar respostas aos nossos problemas*. A Palavra de Deus é mais para colocar perguntas, para questionar a nossa vida.
7. *Não é tão-pouco o desenvolvimento de um tema doutrinal*, teológico. Para que não se converta numa aula, a homilia deve ser o anúncio da Realidade salvadora e da interpelação à resposta de conversão.
8. Os elementos formais que, predominantemente, se manejam na homilia *não são ideias abstractas mas símbolos e sentimentos*. É por meio destes símbolos e sentimentos que a homilia se torna num diálogo mais profundo e capaz de chegar a todos.

²²⁸ Cf. *Ibidem*, 75.

9. A homilia *não pode dizer tudo*, deve sugerir que o ouvinte, ao menos no seu interior, faça e diga algo.
10. As homilias são muitas vezes *um ramalhete de tópicos*. Fala-se de tudo e mais alguma coisa, quando deveria ser concreta.
11. A homilia *não é uma peça autónoma*. É uma fase da acção sacramental, é «a passagem ao rito» que a homilia deve incluir como uma inserção de toda a homilia na unidade da celebração.
12. E por fim, a homilia *não é a projecção dos problemas ou inquietações pessoais de quem prega*. A homilia tem que ser acima de tudo o eco fiel do que a Palavra de Deus diz.

Através da pregação pastoral e da homilia que tem lugar privilegiado na liturgia, a Igreja recebendo como dom a Palavra de Deus, seu maior tesouro, deve passá-la a todos, tendo em atenção todas as formas de comunicação da Palavra e, ao mesmo tempo, as exigências sempre novas dos fiéis nas diferentes idades e condições espirituais, culturais e sociais²²⁹.

Na sua Exortação Apostólica *Verbum Domini*, Sua Santidade o Papa Bento XVI, no número 91, fala-nos e alerta toda a Igreja, para o anúncio do «Logos» da Esperança a toda a humanidade, pois o Verbo de Deus comunicou-nos a vida divina capaz de transfigurar a face da terra, e capaz de fazer novas todas as coisas (cf. Ap 21,5). Chama a atenção de todos os cristãos, a seguir como modelos fiéis deste anúncio a primeira comunidade cristã, que através da pregação e do testemunho via difundir-se a Palavra de Deus (cf. Act 6,7) e, S. Paulo, Homem arrebatado pelo Senhor (cf. Fl 3,12) que vivia Cristo na sua vida – «já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (cf. Gl 2,20) – e missão – «Ai de mim se não evangelizar!» (cf. 1 Cor 9,16), pois só tendo Cristo como meta seria possível alcançar a salvação e a

²²⁹ Cf. SÍNODO DOS BISPOS, XIII Assembleia Geral Ordinária, «A Nova Evangelização Para A Transmissão Da Fé Cristã», *Lineamenta*, nº23.

liberdade de filhos de Deus. É este o *Logos da Esperança* (cf. 1 Pd 3,15) que a Igreja anuncia ao mundo, o próprio Deus feito Homem que habitou e andou entre os homens. Jesus Cristo é a Esperança de Deus com rosto humano para que toda a humanidade possa viver hoje os frutos desse anúncio salvador²³⁰.

Pensando na importância da Palavra de Deus e na necessidade de melhorar a qualidade da homilia, o Santo Padre Bento XVI deixa-nos estas palavras interpelantes para combater a crise da homilia:

“Já na Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, recordei como, «pensando na importância da palavra de Deus, surge a necessidade de melhorar a qualidade da homilia; de facto, “esta constitui parte integrante da ação litúrgica”, cuja função é favorecer uma compreensão e eficácia mais ampla da Palavra de Deus na vida dos fiéis». A homilia constitui uma atualização da mensagem da Sagrada Escritura, de tal modo que os fiéis sejam levados a descobrir a presença e a eficácia da Palavra de Deus no momento atual da sua vida. Aquela deve levar à compreensão do mistério que se celebra; convidar para a missão, preparando a assembleia para a profissão de fé, a oração universal e a liturgia eucarística. Consequentemente aqueles que, por ministério específico, estão incumbidos da pregação tenham verdadeiramente a peito esta tarefa. Devem-se evitar tanto homilias genéricas e abstratas que ocultam a simplicidade da Palavra de Deus, como inúteis divagações que ameaçam atrair a atenção mais para o pregador do que para o coração da mensagem evangélica. Deve resultar claramente aos fiéis que aquilo que o pregador tem a peito é mostrar Cristo, que deve estar no centro de cada homilia. Por isso, é preciso que os pregadores tenham familiaridade e contacto assíduo com o texto sagrado; preparem-se para a homilia na meditação e na oração, a fim de pregarem com convicção e paixão. A assembleia sinodal exortou a ter presente as seguintes perguntas: «O que dizem as leituras proclamadas? O que dizem a mim pessoalmente? O que devo dizer à comunidade, tendo em conta a sua situação concreta?». O pregador deve deixar-se «interpelar primeiro pela Palavra de Deus que anuncia», porque – como diz Santo Agostinho – «seguramente fica sem fruto aquele que prega exteriormente a Palavra de Deus sem a escutar no seu íntimo». Cuide-se, com atenção particular, a homilia dos domingos e solenidades; e mesmo durante a semana nas Missas *cum populo*, quando possível, não se deixe de oferecer breves reflexões, apropriadas à situação, para ajudar os fiéis a acolherem e tornarem fecunda a Palavra escutada”²³¹.

Termino este meu estudo acerca da homilia com o número 74 das «Reflexões Teológicas e pastorais em preparação para o 50º Congresso Eucarístico Internacional» do

²³⁰ Cf. BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Verbum Domini*, nº 91.

²³¹ *Ibidem*, nº 59.

Pontifício Comité para os Congressos Eucarísticos Internacionais, pois define em poucas linhas o cerne da homilia:

“Podemos dizer que a Homilia está para a Liturgia da Palavra, assim como o partir do pão está para o Rito da Comunhão. A sua finalidade é a de nos encorajar a aceitar a Palavra como ela é verdadeiramente: a Palavra de Deus e a colocá-la em prática na nossa vida quotidiana. A palavra “homilia” vem do termo grego, que significa “conversa familiar”, ou “coração falando a coração”. Pela homilia, a Palavra de Deus e a Liturgia da Eucaristia tornam-se, em conjunto, “a proclamação das maravilhas realizadas por Deus na história da salvação, o mistério de Cristo”. Ajudando os fiéis a compreender o espírito de Cristo, ao explicar-lhes alguns aspetos das leituras das Escrituras, ou então de um outro texto da própria missa do dia, o pregador deve levar em consideração tanto o mistério que está sendo celebrado, assim como as necessidades particulares dos que o escutam. O objetivo da homilia é o de explicar a Palavra de Deus e de ajudar os fiéis a descobrir “a arte de viver” em comunhão com Cristo e entre eles, que brota da Eucaristia”²³².

²³² PONTIFÍCIO COMITÉ PARA OS CONGRESSOS EUCARÍSTICOS INTERNACIONAIS, *A Eucaristia: comunhão com Cristo e entre nós*, nº 74.

CONCLUSÃO

Depois do presente trabalho acerca da homilia, tendo como objetivo principal verificar o estado atual da mesma, o papel e importância desta na vida da Igreja, é chegado o momento de afirmar, no contexto da conclusão deste trabalho, que a homilia é parte fundamental de toda a liturgia eucarística. Pois é através da homilia que se torna possível atualizar na vida quotidiana dos fiéis essa Palavra dinâmica, eficaz e capaz de transformar e transfigurar toda a sua existência.

Através do resultado dos inquéritos que apresento, podemos ter a perfeita noção do estado e importância que a homilia tem na vida das comunidades e/ou deverá ter para que seja possível àqueles que buscam na Palavra de Deus respostas e sentido para as suas vidas como verdadeiros «buscadores de Deus».

Neste momento apenas me resta fazer minhas as palavras do Papa Bento XVI, na sua Exortação Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, com a preocupação de alertar para a centralidade da Palavra de Deus e, por conseguinte a profunda necessidade de melhorar a todos os níveis a qualidade da homilia. Afirma Bento XVI:

“«Pensando na importância da palavra de Deus, surge a necessidade de melhorar a qualidade da homilia; de facto, “esta constitui parte integrante da ação litúrgica”, cuja função é favorecer uma compreensão e eficácia mais ampla da Palavra de Deus na vida dos fiéis». A homilia constitui uma atualização da mensagem da Sagrada Escritura, de tal modo que os fiéis sejam levados a descobrir a presença e a eficácia da Palavra de Deus no momento atual da sua vida. Aquela deve levar à compreensão do mistério que se celebra; convidar para a missão, preparando a assembleia para a profissão de fé, a oração universal e a liturgia eucarística. Consequentemente aqueles que, por ministério específico, estão incumbidos da pregação tenham verdadeiramente a peito esta tarefa. Devem-se evitar tanto homilias genéricas e abstratas que ocultam a simplicidade da Palavra de Deus, como inúteis divagações que ameaçam atrair a atenção mais para o pregador do que para o coração da mensagem evangélica. Deve resultar claramente aos fiéis que aquilo que o pregador tem a peito é mostrar Cristo, que deve estar no centro de cada homilia. Por isso, é preciso que os pregadores tenham familiaridade e contacto assíduo com o texto sagrado; preparem-se para a homilia na meditação e

na oração, a fim de pregarem com convicção e paixão. A assembleia sinodal exortou a ter presente as seguintes perguntas: «O que dizem as leituras proclamadas? O que dizem a mim pessoalmente? O que devo dizer à comunidade, tendo em conta a sua situação concreta?». O pregador deve deixar-se «interpelar primeiro pela Palavra de Deus que anuncia», porque – como diz Santo Agostinho – «seguramente fica sem fruto aquele que prega exteriormente a Palavra de Deus sem a escutar no seu íntimo». Cuide-se, com atenção particular, a homilia dos domingos e solenidades; e mesmo durante a semana nas Missas *cum populo*, quando possível, não se deixe de oferecer breves reflexões, apropriadas à situação, para ajudar os fiéis a acolherem e tornarem fecunda a Palavra escutada²³³.

Tudo isto vem de encontro ao que se diz no decorrer do trabalho e que eu assumo como caminho correto para uma purificação da homilia, pois somente caminhando nesse sentido podem ser esperados frutos da semente que é a Palavra.

²³³ Cf. BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Verbum Domini*, nº 59.

BIBLIOGRAFIA

AA. VV., «A língua e a linguagem», in *Enciclopédia Larousse*, vol. 11, Temas & Debates e Larousse/VEUF, 2007.

AA. VV., «Homilia», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 13, Editorial Enciclopédia, Lisboa.

AA. VV., «Palavra», in *Dicionário da Língua Portuguesa 2008*, Porto Editora, Porto, 2007.

AA. VV., «Palavra», in *Enciclopédia Larousse*, vol. 14, Temas & Debates e Larousse/VEUF, 2007.

AA. VV., «Palavra», in *Grande Dicionário Enciclopédico*, Vol. 13, Ediclube, Alfragide.

AA. VV., «Palavra», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 20, Editorial Enciclopédia, Lisboa.

AA. VV., «Retórica», in *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube*, Vol. 15, Ediclube, Alfragide.

AA. VV., «Sermão», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 28, Editorial Enciclopédia, Lisboa.

ALDZÁBAL, José e ROCA, Josep, *A Arte da homilia*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2006.

ANGLADA, Paulo R. B., “*Vox Dei: A teologia reformada da pregação*”, *Fides Reformata* vol.4, nº1, (1999) 145-168.

ARTOLA, António M., e CARO, José Manuel Sanchez, *Bíblia e Palavra de Dios*, Introduccion al estudio de la Bíblia, vol. 2, editorial Verbo Divino, 1995.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira, *Ser Padre*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004.

BALTHASAR, Hans Urs Von, «La Escritura como palabra de Dios», in AA. VV., *Palabra y Misterio*, Editorial Sal Térrea, Colección Palabra Inspirada, vol. 13, Santander, 1971.

BARTH, Karl, *A proclamação do Evangelho: homilética*, Trad. Daniel Sotelo e Daniel Costa, 2ª edição, São Paulo: Novo Século, 2003.

BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis*, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, 2007.

BENTO XVI, *Verbum Domini*, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, 2010.

BOROBIO, Dionisio, *A Celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*, Edições Loyola, 2002.

CARDOSO, José Fraga, «A Palavra em Ratzinger», in *Cenáculo* 182 (2007) 55-75.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2ª edição, Gráfica de Coimbra, 1999.

CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, 3ª edição revista, A. O., Braga, 1983.

COMISIÓN EPISCOPAL DE ENSEÑANZA Y CATEQUESIS, *La catequesis de la comunidad. Orientaciones pastorales para la catequesis en España, hoy*, 1983.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituições, Decretos, Declarações e Mensagens Conciliares, Gráfica de Coimbra, 1998.

CORDEIRO, José Manuel, *O Padre: Do mistério ao ministério*, Pedra Angular, 2009.

COUTINHO, Jorge, *Filosofia do Conhecimento*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003.

DA SILVA, Eugénio Freitas, «A comunhão na palavra», in *Cenáculo*, vol. 33, nº 123, Fasc. 1 (1992), 5-8.

DA SILVA, Severino Pedro, *Homilética: o pregador e o sermão*, Rio de Janeiro: CPAD, 1992.

DE CARVALHO, J. Herculano, «Palavra», in *Enciclopédia Verbo*, Edição Século XXI, vol. 21, Editorial Verbo, Lisboa-S.Paulo, 1999.

DEPARTAMENTO ARQUIDIOCESANO DA CATEQUESE, *Catequistas Século XXI*, Diário do Minho, Braga, 2006.

- DIDIER, J., «Palavra», in *Dicionário Temático Larousse. Filosofia, Temas & Debates e Larousse/VEUF*, 2007.
- DOS SANTOS, Valdeci, *Considerações sobre o Púlpito e a Doutrina: resgatando a importância da pregação doutrinária*, in *Fides Reformata*, 8, nº 2 (2003).
- DUQUE, João, «Assembleia Litúrgica e Igreja local», in *Cenáculo* 102 (1987) 5-39.
- GEVAERT, J., *El Problema del Hombre. Introducción a la Antropología Filosófica*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 2005.
- GOMES, C. Folch, *Antologia dos Santos Padres: páginas seletas dos antigos escritores eclesiásticos*, São Paulo, Edições Paulinas, 1979.
- GONÇALVES, Armindo Ribeiro, «Ministérios Ordenados: Missão do Presbítero», in *Cenáculo* 108 (1989) 7-24.
- GUILHERME, Purificação, «Perspectivas sobre uma pedagogia bíblica para a catequese – 1º a 3º catecismo», in *Pastoral Catequética* 15 (2009) 45-57.
- GUINDA, Francisco Javier Calvo, *Homilética*, Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid, 2003.
- GUSDORF, G., *A Palavra*, Edições 70, Lisboa, 2010.
- <http://filosofiaemvalores.blogspot.com/2010/02/pre-socraticos.html>
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia>
- <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/mestre-busca-verdade-423245.shtml>
- JANELA, António, «Pregação», in *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 23, Edição Século XXI, Editorial Verbo.
- JOÃO PAULO II, *Catechesi Tradendae*, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, 1979.
- JOÃO PAULO II, *Evangelii Nuntiandi* Exortação Apostólica Pós-Sinodal, 1975.
- JOÃO PAULO II, *Pastores Dabo Vobis*, Exortação apostólica Pós-Sinodal, 1992.

- JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, Carta Encíclica, 1990.
- JOÃO PAULO II, *Veritatis Splendor*, Carta Encíclica, 1993.
- LEITE, A., «Pregação», in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 15, Editorial Verbo, Lisboa.
- NIEBUHR, Richard e WILLIAMS, Daniel D. (eds), *The ministry in historical perspectives*, New York: Harper & Brothers Publishers, 1956.
- OTTO, S. J. Sennloth, *Palabra Eficaz – Para una teologia de la proclamacion*, Ediciones Binor S. L., San Sebastian, 1967.
- PEIXOTO, J., «O Serviço da Palavra», in *Cenáculo* 102 (1987) 55-68.
- PEREIRA, I., *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, Apostolado da Imprensa, 7ª Edição, Braga, 1990.
- PIRES, J. Alves, «Sermão», in *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 26, Edição Século XXI, Editorial Verbo, Lisboa.
- POLICARPO, José, «O poder criador da Palavra: as obras da Palavra», in *Lumen*, Ano 70, 3, 2 (2009) 10-33.
- PONTIFÍCIO COMITÉ PARA OS CONGRESSOS EUCARÍSTICOS INTERNACIONAIS, *A Eucaristia: comunhão com Cristo e entre nós*, Reflexões Teológicas e Pastorais em preparação para o 50º Congresso Eucarístico Internacional, Dublin – Irlanda, 10 a 17 Junho 2012.
- RAMOS, Júlio A., *Sapientia Fidei*, Biblioteca de autores cristianos, Madrid, 1995.
- RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo. Prelecções sobre o «Símbolo Apostólico»*, Principia, Cascais, 2005.
- RITSCHL, Dietrich, *A theology of proclamation*, Richmond: John Knox Press, 1960.
- ROSE, Michael, *Teologia prática no contexto da América Latina*, in *Christoph Schneider-Harpprecht*, São Leopoldo: ASTE, 1998.

SANTOS, M. Costa, *A revelação como Palavra, Testemunho e Encontro*, pró-manuscrito para uso dos alunos, Faculdade de Teologia da UCP, Braga, 2007.

SOUSA, Rui, «A Palavra Fundamento pessoal, social e cristão», in *Cenáculo* 189 (2009) 21-35.

TILLICH, Paul, *Teologia Sistemática*, Editora Sinodal, São Leopoldo, 2005.

TORRE, L. Della, «Homilia», in *Dicionário de liturgia*, Edições Paulinas, São Paulo, 1992.

URL: [http://www.infopedia.pt/\\$oratoria-sagrada](http://www.infopedia.pt/$oratoria-sagrada).

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO I – A PALAVRA	7
1. A palavra no plano etimológico.....	8
2. A Palavra no plano social.....	10
3. A Palavra no plano filosófico.....	14
4. A Palavra no plano teológico.....	18
CAPÍTULO II – DEFINIÇÃO DE TEMAS E CONCEITOS.....	23
1. Sermão.....	23
2. Pregação.....	24
3. Retórica.....	26
4. Oratória.....	27
5. Homilia.....	28
6. A Homilética.....	31
CAPÍTULO III – A HOMILIA DESDE A SUA ORIGEM.....	33
1. A homilética no Antigo Testamento.....	33
2. A homilética na nova aliança.....	34
3. A homilética na tradição eclesial.....	36
4. A homilética na época patrística.....	37
5. A homilética na idade média.....	38
6. A homilética na idade moderna e reforma.....	40
7. A homilética na época contemporânea.....	41
CAPÍTULO IV – A HOMILIA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA IGREJA.....	43
1. Catecismo da Igreja Católica.....	43
2. Concílio Ecuménico Vaticano II.....	45
2.1. <i>Sacrosanctum Concilium</i>	45

2.2.	<i>Inter Mirifica</i>	46
2.3.	<i>Lumen Gentium</i>	46
2.4.	<i>Christus Dominus</i>	47
2.5.	<i>Perfectae Caritatis</i>	48
2.6.	<i>Optatam Totius</i>	49
2.7.	<i>Nostra Aetate</i>	49
2.8.	<i>Dei Verbum</i>	50
2.9.	<i>Ad Gentes Divinitus</i>	51
2.10.	<i>Presbyterorum Ordinis</i>	52
2.11.	<i>Gaudium et Spes</i>	53
3.	Exortação Apostólica Pós-Sinodal «<i>Sacramentum Caritatis</i>» de Sua Santidade o Papa Bento XVI	54
4.	Exortação Apostólica Pós-Sinodal «<i>Verbum Domini</i>» do Santo Padre Bento XVI	54
5.	«A Eucaristia: comunhão com Cristo e entre nós». Reflexões Teológicas e Pastorais	56
CAPÍTULO V – MINISTROS AO SERVIÇO DO MINISTÉRIO DA PALAVRA		57
CAPÍTULO VI – O ESTADO DA HOMILIA NA ATUALIDADE		66
1.	Inquérito sobre a Homilia	66
	Modelo De Inquérito	68
2.	Respostas e avaliação dos problemas da homilia	69
2.1.	<i>Paróquia urbana</i>	69
2.1.1.	Grupo de fiéis (100 elementos) dos 26 aos 70 anos	69
	Gráfico 1 – Quantas vezes por mês frequenta a Eucaristia?	69
	Gráfico 2 – Sabe o que é a homilia?	70
	Gráfico 3 – Costuma estar atento(a) à Homilia?	71
	Gráfico 4 – Acha que a Homilia é cuidada e eficaz?	72
	Gráfico 5 – Quais os motivos para o fracasso da Homilia?	73
2.1.2.	Grupo de jovens (60 elementos) dos 16 aos 25 anos	74
	Gráfico 1 – Quantas vezes por mês frequenta a Eucaristia?	74
	Gráfico 2 – Sabe o que é a homilia?	75
	Gráfico 3 – Costuma estar atento(a) à Homilia?	76
	Gráfico 4 – Acha que a Homilia é cuidada e eficaz?	77
	Gráfico 5 – Quais os motivos para o fracasso da Homilia?	78

2.2.	<i>Paróquia rural</i>	79
2.2.1.	Grupo de fiéis dos 26 aos 70 anos	79
	Gráfico 1 – Quantas vezes por mês frequenta a Eucaristia?.....	79
	Gráfico 2 – Sabe o que é a homilia?.....	80
	Gráfico 3 – Costuma estar atento(a) à Homilia?	81
	Gráfico 4 – Acha que a Homilia é cuidada e eficaz?.....	82
	Gráfico 5 – Quais os motivos para o fracasso da Homilia?.....	83
2.2.2.	Grupo de jovens (30 elementos) dos 16 aos 25 anos.....	84
	Gráfico 1 – Quantas vezes por mês frequenta a Eucaristia?.....	84
	Gráfico 2 – Sabe o que é a homilia?.....	85
	Gráfico 3 – Costuma estar atento(a) à Homilia?	86
	Gráfico 4 – Acha que a Homilia é cuidada e eficaz?.....	87
	Gráfico 5 – Quais os motivos para o fracasso da Homilia?.....	88
3.	Crise da homilia, uma preocupação da Igreja	89
4.	Importância da atualização constante dos sacerdotes	94
5.	Urgência da verdadeira homilia como espaço privilegiado da evangelização.	97
	CONCLUSÃO.....	107
	BIBLIOGRAFIA.....	109
	ÍNDICE	114